

Araquém Alcântara

BRASIL

ILUMINADO

ENLIGHTENED BRAZIL





Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra.

We are forging ourselves through the fight, to flourish tomorrow as a new civilization, crossbred and tropical; proud of itself. More joyous, because it will have suffered more than others. Better, because it will have assimilated more of the human family. More generous, because it is open to all races and cultures and because it is rooted in the most beautiful land on Earth, the one most suffused with light.

Darcy Ribeiro

A CARGILL ESTÁ COMEMORANDO 35 ANOS DE IMPORTANTE PRESENÇA NO BRASIL,
E GOSTARÍAMOS DE DIVIDIR UM POUCO DESSA HISTÓRIA DE SUCESSO COM VOCÊ.

Inauguramos nossas atividades no Brasil há 35 anos, data em que completávamos um centenário de existência. Chegamos com vasta experiência em comercialização e processamento de produtos agrícolas, mas com a mesma juventude de uma empresa acostumada a olhar para a frente, a superar desafios. E aqui, nas diversas comunidades e pessoas, encontramos muitas riquezas e estímulos, que podem ser traduzidos na história que construímos no Brasil nestes anos de trabalho. Hoje, mais de três décadas depois, fica a certeza de que estávamos certos e de que ainda temos muito a crescer com o país. Começamos com a produção de sementes de milho híbrido no interior paulista e, dois anos depois, estávamos operando nosso primeiro terminal marítimo próprio, em Paranaguá, no estado do Paraná. Desde então, expandimos e diversificamos nossos negócios. Estamos entre as maiores indústrias alimentícias do Brasil. Temos destacada atuação no setor de cereais, óleos vegetais, suco de laranja e café, no processamento de milho, soja, trigo e cacau, na produção e comercialização de fertilizantes, nos mercados financeiros e na comercialização de açúcar, café, arroz, milho, soja e derivados. Nossos 4 mil funcionários trabalham em fábricas, fazendas, terminais portuários, escritórios e armazéns distribuídos por dezoito estados brasileiros. Tudo isso para oferecer a nossos clientes os melhores produtos agrícolas e ingredientes alimentícios, reafirmando nosso compromisso de oferecer qualidade e serviços de primeira linha. A trajetória de sucesso que temos no Brasil não se explica somente pelos negócios que desenvolvemos. Para que pudéssemos crescer em ritmo acelerado, contamos com a força de trabalho dos profissionais que aqui encontramos. Nossa equipe firmou parcerias, sempre buscando oferecer as melhores soluções para nossos clientes e consumidores, entrando na vida dos brasileiros, fazendo com que hoje a Cargill esteja presente no cotidiano de todos, do campo à mesa. Este livro é um presente para você que, junto com nossa equipe, faz parte dessa caminhada. Estamos certos de que, junto com nossos parceiros de negócios – clientes, agricultores, fornecedores e autoridades –, tivemos papel de destaque nas mudanças que aconteceram no país. Essa qualidade, com as mais modernas tecnologias nas áreas de manuseio, transporte, logística e processamento de produtos agrícolas, foi uma contribuição marcante para a modernização do Brasil. Nosso compromisso com o desenvolvimento do país ultrapassou o âmbito dos negócios, com investimentos também em educação, ambientalismo e pesquisa agrícola. Esta é uma homenagem a você e a este país de tantas belezas e riquezas, retratadas aqui por Araquém Alcântara, um dos mais renomados profissionais da fotografia no Brasil. Araquém é especialista em captar as mais belas imagens do povo e da natureza brasileira, expressando em imagens um pouco de nosso país. Nosso aniversário de 35 anos no país é um marco, mas não o encerramento de um ciclo. Nossas raízes estão plantadas no amanhã, buscando soluções para nossos parceiros. Sabemos que estaremos juntos consolidando nosso futuro, sempre alimentando uma vida melhor.



Sergio Barroso
Presidente Cargill Agrícola
e Fundação Cargill

Araquém Alcântara



BRASIL

ILUMINADO

ENLIGHTENED BRAZIL



 **Fundação CARGILL**

 **CARGILL**
desenvolvendo uma vida melhor

PARA MARIA ROSA PEREIRA, MINHA MÃE,
OITENTA ANOS DE VIDA, LIÇÃO DE AMOR SEM LIMITE

FOR MY MOTHER, MARIA ROSA PEREIRA,
EIGHTY YEARS OF LIFE, A LESSON IN BOUNDLESS LOVE

APRESENTAÇÃO
ANTONIO PAULO PAVONE

Brasil iluminado, de Araquém Alcântara, é um admirável painel épico da terra ainda não descoberta, celebração apaixonada do eterno, puro poema visual. Fotograma instantâneo do real nu e cru, fio que nos conduz a ver e rever, sentir e identificar lugares impossíveis, horizontes improváveis e brasileiros anônimos, seiva e raiz da raça. Nessa viagem de reconhecimento da pátria, caminhou com muitos deles: Zé Traíra e Pé-no-Chão, no pico da Neblina; Dipirona, na serra do Aracá; Galdino, no Grande Sertão Veredas; Carmito, em Xique-Xique do Igatu; Catarino, em Mandacaru; Anastácia, nas Reentrâncias Maranhenses; Nego Jaburu, no Pantanal; e a velha Mariinha, que até hoje come onça no Raso da Catarina. Tal qual Guimarães Rosa, Araquém rompeu os sertões desde o Urucuia até o Carinhanha e os grandes planos das serras das Almas e do Rompe-Gibão. Caminhou além, até as pedras brancas e cônicas do Grão-Mogol, das Confusões, de São Pedro da Gurguéia, na infinita desolação da caatinga. Atravessou as Chapadas, rasgou os desertos, embrenhou-se nas selvas da Amazônia e chegou aos limites da última fronteira. Uma incansável viagem de três décadas e milhares de quilômetros pelo país que nos deu *Brasil iluminado*, último ato dessa já histórica epopéia visual.

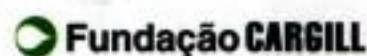
FOREWORD
ANTONIO PAULO PAVONE

Araquém Alcântara's *Enlightened Brazil* is a remarkable epic panorama of a land still to be discovered, an ardent celebration of timelessness, a sheer visual poem. It is an snapshot of naked reality, a thread that leads us to see once and again, to feel and identify impossible places, unlikely horizons and anonymous Brazilians, the sap and root of their race. In this reconnoitering of his country, Araquém walked with many of them: Zé Traíra and Pé-no-Chão, on the way to Neblina Peak; Dipirona, on the Serra do Aracá; Galdino, in the Grande Sertão Veredas National Park; Carmito, in Xique-Xique do Igatu; Catarino, in Mandacaru; Anastácia, at the Reentrâncias Maranhenses; Nego Jaburu, in the Pantanal; and Dona Mariinha, an old woman that, to this day, eats jaguars and pumas in the Raso da Catarina. Araquém, like Guimarães Rosa, the great novelist of Brazilian hinterland, has braved the remote interior of his country, from the Urucuia to the Carinhanha and the great expanses of Serra das Almas and Serra do Rompe-Gibão. He walked further, till the white, harsh rocks of Grão-Mogol, till the Serra das Confusões National Park, till the Serra de São Pedro da Gurguéia, in the endless desolate caatinga, the stunted spare forests of northeastern Brazil. He crossed the Chapadas (a Portuguese word for certain plateaus), faced the deserts, penetrated deep into the Amazon jungles and reached the ultimate frontiers of Brazil. It has been three decades and thousands of miles, an unremitting journey through a land that has given us this *Enlightened Brazil*, the last act of a visual epic that is already a historical landmark.



TO CELEBRATE CARGILL'S 35TH ANNIVERSARY IN BRAZIL, WE WOULD LIKE TO SHARE ITS HISTORY AND SUCCESS WITH YOU.

We arrived in Brazil 35 years ago – the same year Cargill celebrated its hundredth anniversary in the United States. We brought our vast experience in processing and trading agricultural products, as well as the youthfulness of a company accustomed to looking ahead and overcoming challenges. And, in this country's diverse communities and in its people, we found the wealth and stimulus that underlies our history in Brazil during all these years. Today, more than 35 years later, we know that this is still true and that, together with the country, we can still grow a lot. We began with the production of hybrid corn seed in the interior of São Paulo State, and two years later we were operating our first sea terminal in Paranaguá, Paraná State. Since then, we have expanded and diversified our business. We are now among the largest food companies in the country. Our participation in the grain, vegetable oils, orange juice and coffee sectors, in the processing of corn, soybean, wheat and cocoa, in the production and commercialization of fertilizers, financial markets and in the commercialization of sugar, coffee, rice, corn, soybeans and its byproducts, has been outstanding. Our 4,000 employees work in factories, farms, sea terminals, offices and warehouses in eighteen states. All this enables us to offer our customers the best agricultural products and food ingredients, reaffirming our commitment to offer first class quality and services. The success we have had in Brazil is due not only to the businesses we have developed here, but also to our professionals who have been instrumental in the speed of our growth here. Our team has promoted partnerships that offer the best solutions for our customers, and all consumers also benefit as Cargill is present in everyone's life, from the field to the table. This book is a present for you who, together with our team, are part of this journey. Together with our business partners, customers, farmers, suppliers and authorities, we have played an important role in the changes that have taken place in this country. The importance of quality and state-of-the-art technology in the handling and processing, transportation and logistics of agricultural products are important contributions to the modernization of Brazil. Our commitment to the development of the country goes beyond the scope of our businesses, with investments in the areas of education, environment and agricultural research. This book is a tribute to you and to Brazil, a country of much beauty and wealth shown here by the photographer Araquém Alcântara, a renowned Brazilian photographer who specializes in capturing, through his beautiful images of people and places, a small part of this magnificent country. Our 35th anniversary in Brazil is a milestone, but it is not the end of a cycle. Our roots, planted in the past, seek the future as we search, with our partners, for unique solutions for our consumers. We know that, together, we will continue consolidating the future, always providing food for a better life.



Sergio Barroso
President Cargill Agrícola
and Cargill Foundation

CRÔNICAS DE UM FOTÓGRAFO ANDANTE por Otávio Rodrigues
TALES OF A WANDERING PHOTOGRAPHER by Otávio Rodrigues



O MUNDO EM CONEXÃO Um dos encontros cruciais de Araquém com a natureza aconteceu na Juréia, litoral sul de São Paulo, no início dos anos 80. Nessa época, ele percebeu que as coisas do mundo estão conectadas e que, prestando atenção, dá para ver a cobra mordendo o próprio rabo. O chamado veio de Ernesto Zwarg, ecologista, então vereador em Itanhaém. "Foi o primeiro a denunciar a devastação da mata atlântica e os planos de usinas atômicas na região." Veio em seguida um dos momentos mais místicos e fundamentais de sua vida. Junto com o pai, seu Queco, um dos anjos no caminho, o fotógrafo andou 36 quilômetros até uma encosta na praia de Grajaúna, onde planejavam construir as usinas Iguape I e Iguape II. Na bagagem, a câmera fotográfica e um quadro enorme, de moldura barroca, com a imagem de ossos sobre ossos, empilhados, a triste mas oportuna lembrança do que sobrara entre os corpos insepultos de Hiroshima. Seu Queco, diferente por dentro e por fora da maioria dos pais que a gente conhece, tomou o quadro dos ossos nas mãos e ficou ali de pé, posando, até que o filho fizesse a foto (a cena mais tarde se tornaria célebre, ajudando a enterrar para sempre a idéia das usinas atômicas). Araquém não esquece esse momento: "Quando acabei, meu pai pediu licença aos guias e, como num ritual, atirou o quadro nas ondas, lá embaixo". A partir da Juréia, e depois mais ao sul, no Lagamar e no Superagüi, Araquém concluiria o mestrado da floresta. Aprendeu a reconhecer e esperar os bichos, mergulhou na cultura caiçara e conheceu pessoas notáveis, que lhe ensinaram sobre as conspirações pacíficas e aparentemente invisíveis da natureza. Ali, formava-se o fotógrafo que documentaria a mata atlântica do Parque Estadual do Alto Ribeira e o da ilha do Cardoso, em São Paulo, do Parque Nacional da Bocaina e também do Itatiaia, no Rio. E depois o Parque Nacional da Serra Geral, o de Aparados da Serra e o da Lagoa do Peixe, no Rio Grande do Sul. E então a Foz do Iguaçu, o Pantanal, o litoral, os sertões, a Amazônia – e lá vai ele, andando e andando... Foi na Juréia também, nos fundos da lagoa Itacolomi, que Araquém encontrou Artur Lino dos Santos Pereira, um senhor de caligrafia belíssima e dons de artesão, homem de pedir licença às árvores antes de recolher os frutos ou raspar a casca. Seu Artur tinha a percepção do silêncio, que hoje o fotógrafo cultua em suas andanças. Houve um dia, quando essa amizade estava bem amarrada, que seu Artur chamou Araquém em casa para uma conversa. Passaram juntos a caprichada cerquinha de bambu, a estrela de Davi desenhada na soleira, e lá dentro, falando grave, o velho disse que tinha algo muito estranho para mostrar. Foi ao quarto, voltou com um troço embrulhado num pano. "Encontrei isto no mar há algum tempo", disse ele. "Não mostrei para ninguém, mas deve ter algum significado." O pano caiu, solenemente. Era um pedaço do quadro dos ossos, aquele que seu Queco havia jogado ao mar.

THE WORLD IN CONNECTION One of Araquém's crucial encounters with nature came about in Jurêia, on the southern coast of São Paulo State, early in the 1980s. At that time, he had realized that things in the world were connected to one another and that, by paying attention, 'one could see the snake biting its own tail.' The call came

DE BICHO PARA BICHO Araquém está no transe de mais uma foto e assume a situação. Abre a bolsa do equipamento e, embora tudo ali dentro pareça um caos, ele vai direto para a lente que procura. Começa a falar baixo, dando instruções a si mesmo enquanto encaixa a teleobjetiva. Termina, puxa o eclair da bolsa e balança para ver se está bem fechada – ele já perdeu algumas coisas, não vacila mais. Quem vai ao Parque Nacional de Sete Cidades, no Piauí, não chega aonde ele está agora. A sétima cidade é fechada à visitação e, por isso, está praticamente virgem, com o mato crescendo solto. Araquém chega a se curvar para seguir sob a vegetação. Então enterra o pescoço entre os ombros e sai com passinhos curtos, mantendo a câmera na altura do peito. Ficamos parados, em silêncio. O guia, que até ali vinha apontando o caminho e o jeito de pisar, balança a cabeça, perplexo. Aquele caipora de ocasião está chegando cada vez mais perto, e o gavião não se mexe. Deve existir uma cumplicidade misteriosa entre o Araquém e a bicharada. Não é sempre que acontece, mas acontece. Qualquer outro que tentasse se aproximar tanto, num terreno complicado daqueles, teria feito o gavião voar, e nada de foto. No fim o bicho foi embora mesmo. Mas, antes que voasse, tive a impressão de tê-lo visto abrir o bico para o Araquém: “Pronto?”

FROM ANIMAL TO ANIMAL Araquém is preoccupied with another photo and takes over the situation. He opens his equipment bag and, although it looks chaotic inside, he reaches straight for the lens he wants. Then he starts muttering, giving himself instructions as he attaches the lens. That done, he carefully pulls the zip fastener closed on his bag and shakes it to make sure everything is secure – he has lost things before, and does not take any more chances. Anyone going to the Sete Cidades (Seven Cities) National Park in Piauí does not get to where he is now. The seventh city is closed to visitors and therefore is practically virgin, with the vegetation growing freely. Araquém bends down to get under the plants, pulls his head down into his shoulders, and rises on tiptoe, holding his camera against his chest. We remain motionless, in silence. The guide, who until then had been showing the way and where to step, shakes his head in astonishment. That man is getting ever closer and the hawk never moves. There must be some mysterious bond between Araquém and the animals. It doesn't always happen, but sometimes it does. Anyone else trying to get so close, in such rough terrain, would have made the hawk fly off, and there would have been no photo. In the end the bird flies off anyway, but first I had the impression that I saw him open his beak to Araquém as if to say 'OK now?'



REVOLUÇÃO CUBANA NA SERRA DO ARACÁ Foi em Manaus que Araquém ouviu falar da serra do Aracá, a uma hora e meia de avião. Os poucos que haviam chegado lá falavam de um planalto que se estende por cem quilômetros, lugar nunca documentado antes por um fotógrafo profissional. No dia seguinte, Araquém já estava em Barcelos, a cidade mais próxima – na verdade, a menos distante – da serra do Aracá. Logo depois a pequena comitiva subia o rio Negro, guiada por Tatum Canara, um homem forte e diferente, filho de índio com alemã. Foram seis dias de viagem. Percorreram o rio Negro em sua imensidão, que às vezes chega a 62 quilômetros de uma margem a outra. Lá na frente, o barco foi costurando entre as ilhas do Mariuá, o maior arquipélago fluvial do mundo, deixando pelo caminho, em algum lugar, uma cachoeira tida como a maior do Brasil – chovia demais para ir ver se era mesmo. Nos confins do Igarapé Branco, já nas fraldas da serra do Aracá, encontraram uma enorme sucuriju. Foi quando o guia entregou os pontos, misturando alemão com português: a partir dali ele não conhecia, não ia. Nessas horas sempre aparece um anjo. O deles era um rapaz de raras conversas e também de nome inverossímil: Dipirona. Foi ele quem acompanhou o grupo até o platô, numa caminhada que se estendeu a altas horas da noite. Tinha cordas para as francas sessões de alpinismo que tiveram de enfrentar, disposição para 45 quilos de carga nas costas e um conhecimento valioso sobre todas as coisas daquela região. "Ele entrou no nosso destino", o Araquém comentaria mais tarde. A planície da serra do Aracá já teve muita tantálita colombita, um minério negro que, depois de triturado, serve para reforçar componentes das turbinas de avião. Hoje, só os últimos dos últimos sonhadores andam por lá. Foram eles que receberam o grupo, pulando das redes para preparar a comida. Naquela noite, feliz da vida, de bandeja para o mundo, Araquém celebrou acendendo um Montecristo. Os garimpeiros pediram para experimentar, gostaram e foram fumando, fumando, até o finzinho, com a bituca queimando no dedo. Fotógrafo por ali poderia até aparecer outro, mas charuto cubano nunca mais.

A CUBAN REVOLUTION ON ARACÁ MOUNTAINS It was in Manaus that Araquém first heard about the Serra do Aracá (Aracá Mountains), one-and-a-half hours away by plane. The few people that had been there talked of a plateau, a hundred kilometers in length, which had never been documented by a professional photographer. By the next day, Araquém was in Barcelos, the nearest town – in truth, the least distant one from the Serra do Aracá. Soon after, the small group went up the Negro River, guided by Tatum Canara, a strong, unusual man, the son of an Indian father and a German mother. They traveled for six days up the Negro in all its immensity (sometimes, the river has as much as 62 kilometers from one bank to the other). The boat went on weaving among the Mariuá Islands, the largest fluvial archipelago in the world, leaving somewhere behind them a waterfall claiming to be the largest in Brazil – it was raining too hard for them to go and check it out. At the end of Igarapé Branco, a narrow backwater at the foothills of Serra do Aracá, they encountered an enormous anaconda. That was when the guide gave up, mixing German with Portuguese and saying that was as far as he was going. At such times an angel always turns up, in this case in the form of a youngster of few words but with an unusual name: Dipirona, the designation of a painkiller. He it was who took the group up to the tableland, in a trip that lasted until late at night. He had ropes for the alpine-like climbing they had to face, was not daunted by a pack weighing 45 kilos on his back, and had valuable knowledge about everything the region had to offer. 'He stepped into our destiny,' Araquém commented later. At one time the Serra do Aracá plain had a great deal of columbite, a black tantalum ore which after being ground up is used to strengthen air engine components. Today only the last of the great dreamers are still there. They received the group, leaving their hammocks to prepare a meal. That night, feeling at peace with the world, Araquém decided to celebrate by lighting up a Montecristo. The miners asked to try it, liked the taste and kept on smoking it right to the end, with the stump burning their fingers. Other photographers may turn up in the future, but there will be no more Cuban cigars!



INCIDENTE NO RIO BAÚ Araquém chegou entusiasmado à aldeia caiapó-mengranotire, no rio Baú, um afluente do Xingu, a caminho de algumas das mais belas cachoeiras da região. Mas, em vez de cachimbo da paz, ele e sua pequena comitiva encontraram índios de cara amarrada, gritando em língua estranha e batendo as bordunas no chão. Tinha índio de Rolex paraguaio no pulso, outro de pistola 765 – parecia filme de aventura classe B. Só que era bem sério. O grupo estava sendo obrigado a ficar sob custódia na aldeia, à base de banana e macaxeira, sem entender exatamente o que estava acontecendo. O ambiente ficou pesado. Aqueles índios não caçavam nem plantavam. Viviam de comissões do garimpo e da exploração de mogno em suas terras e, sob pressão da Funai, tinham acabado de perder esses contratos. Estavam meio perdidos, impacientes, e queriam uma manifestação formal das autoridades para guardar as bordunas. À noite, em vez de sonhar com as cachoeiras do dia seguinte, ficou todo mundo de vigília, tomando susto até de manga caindo. O cacique Bel concordou em liberar seus prisioneiros dois dias e meio depois. Mas queria oitocentos reais, 150 litros de gasolina e um quilo de pimenta. Não tem gasolina, não tem pimenta, e lá vem um índio de calculadora para transformar tudo em dinheiro. Mas o cheque é do Itaú, que não tem agência lá em Novo Progresso. E os índios: "Tudo bem, o prefeito troca". Araquém disse que era fotógrafo profissional, que publicava seus trabalhos na revista *Veja*... Não conseguiu terminar. O cacique se aproximou, crispado, falando duro: "*Veja* acabou. Agora é *Época*".

INCIDENT ON THE BAÚ RIVER Araquém arrived enthusiastically at the Caiapó-Mengranotire village on the Baú River, a tributary of the Xingu, on the way to some of the most beautiful waterfalls in the region. But, instead of a peace pipe, he and his small group met with angry Indians, shouting in a strange tongue and thumping their war clubs on the ground. There was one Indian with a fake Rolex on his wrist, and another was packing a .765 pistol – it seemed more like a B western. Except that it was dead serious. The group were kept in custody in the village, fed on bananas and manioc roots, with no idea of exactly what was going on. Things were definitely unpleasant. Those Indians did not hunt or do any farming. They lived off commissions for mining and for cutting down mahogany trees on their land and, under pressure from Funai (the Brazilian Office of Indian Affairs), they had just lost their contracts. The Indians were understandably most upset and wanted a formal statement from the authorities before they would put away their war clubs. During the night, instead of dreaming about tomorrow's waterfalls, everyone stayed awake, jumping even when a mango fell from its tree. Bel, the Indian chief, or *cacique*, agreed to release his prisoners two and a half days later. But he wanted 800 reais, 150 liters of gasoline and one kilo of pepper. There wasn't any gasoline or pepper, so here comes an Indian with a pocket calculator to transform everything into money. The check, however, was against the Itaú bank, which has no agency in Novo Progresso, the nearest town. But the Indians said 'that's all right, the Mayor will cash it.' Araquém explained to the Indians that he was a professional photographer and that he published his work in *Veja*, the influential Brazilian weekly magazine. Before he could finish talking, the cacique approached him, angrily saying, '*Veja* no good. Now only *Época* good.' (*Época* is the upstart among Brazilian weeklies, and it has met a lot of success.)

ONDE O BRASIL ENCOSTA NO CÉU Araquém subiu o altíssimo Pico da Neblina, um dos lugares mais inóspitos do Brasil, sem corda, sem cilindro de oxigênio e sem fogareiro. Mesmo em viagens como essa, ele não inclui parafernália para rapel, botes infláveis nem outras facilidades que aparecem nos programas de aventura na TV. Em vez disso, escolhe bem o mateiro, o rastreador, porque este conhece não só o caminho, mas também os desvios. A aventura, nesse caso, não é o propósito. Para enfrentar a epopéia de cinco meses e 40 mil quilômetros na Amazônia, por exemplo, Araquém levou capa de chuva, duas lanternas, caderno de anotações, óculos reserva, botas de goretex (que não encharcam), facão e canivete suíço. O resto era equipamento fotográfico e roupas. Não faltou nada. Durante essa jornada inédita, foram documentados sete parques nacionais – o do Pico da Neblina e o do Jaú, no Amazonas; o da Amazônia, dividido entre o Amazonas e o Pará; o do Monte Roraima; o do Cabo Orange, no Amapá; o de Pacaás Novos, em Rondônia; e o da Serra do Divisor, no Acre. A subida até o Pico da Neblina, sem dúvida, marca alguns dos momentos mais heróicos do grupo. As subidas e descidas eram constantes, sempre em chão de muita lama. Lá em cima, tomaram chuva todo dia, tropeçaram em raízes e deslizaram sobre as pedras. “Apesar de tudo, foi algo de uma emoção indescritível”, conta Araquém. Eles encontraram no topo uma pequena clareira rodeada de pedras, então o marco do ponto mais alto da serra da Neblina, e uma bandeira velha do Brasil. Nas pedras, reinavam os nomes de alguns valentes que passaram por ali. E em todo canto pequenos objetos, como ex-votos de graças alcançadas – um pedaço de distintivo, um outro colado com durepóxi e até um parágrafo sobre um cirurgião-dentista, não se sabe de onde, entre outras histórias assinaladas. Araquém, que viaja só com o necessário, não deixou nada. Mas trouxe as luzes de lá para mostrar.

WHERE BRAZIL REACHES THE SKY Araquém climbed the heights of the Pico da Neblina, or Peak of the Mist (one of the most inhospitable places in Brazil), with no ropes, oxygen cylinders or heaters. Even on trips such as this he does not take along equipment for rappelling, rubber rafts or any other of the facilities that appear on TV adventure films. Instead he carefully chooses a good guide, a tracker, as they know the way as well as short-cuts. In his case adventure is not the purpose of the exercise. For example, to face the epic journey of five months and forty thousand kilometers in the Amazon region, Araquém took along a raincoat, two flashlights, a note book, spare spectacles, a pair of Gore-Tex boots (they do not get waterlogged), a machete and a Swiss Army knife. The rest was photographic equipment and clothing. He had all he needed. During this unique trip, seven national parks were documented – Neblina and Jaú Peaks, in Amazonas State; the Amazônia Park, spread over the states of Amazonas and Pará; Monte Roraima National Park, in Roraima; Cabo Orange, in Amapá; Pacaás Novos, in Rondônia, and Serra do Divisor, in Acre. Climbing the Pico da Neblina was undoubtedly one of the group's most heroic moments. Climbs and descents were a constant and were always on very muddy ground. They put up with rain every day, tripping over roots and sliding on rocks. 'In spite of everything, it was an indescribable experience,' says Araquém. At the top they found a clearing with a circle of stones (to mark the highest point on the Serra da Neblina) and an old Brazilian flag. The stones bore the names of some adventurers who had passed there, and everywhere there were small objects, like ex-votos for favors received: a piece of a medal, another stuck on with epoxy glue, and even a paragraph about a dentist (no one knows who he could have been), among other scribbled stories. Araquém, traveling with no more than the bare necessities, left nothing. But he did bring back the lights to show around.



TIRANDO O POSSÍVEL O que é um mururu? É um aguapê, uma planta aquática flutuante. Para que serve caimbé? Para lavar panela, porque a folha é bem áspera, feito lixa. O chá feito de sua entrecasca é bom para diabetes e ajuda a cicatrizar. Todo mundo em Roraima sabe dessas coisas. O caimbé aparece no lavrado, um mato resistente ao fogo, que existe sobre a grande planície onde habitam os cavalos selvagens. E assim o Araquém vai mapeando um Brasil desconhecido, do jeito dele. Na Amazônia, a caminho do Pico da Neblina, esteve pessoalmente com Traíra, Amazonas, Bandeira, Piauí e Valmir, os cinco garimpeiros da bacia do Tucaninho, lá pelos 2 mil metros de altura. Aprendeu com eles um aurélio novo. Requear, que é fazer um reco, um trabalho extra para pagar o cigarro e cachaça. Tem a chibanca, uma ferramenta usada para cavar a terra dura e cheia de raízes. Para dormir cada um tem seu seca-poço – um cobertor. Broca é comida. Brocar é estar com fome – o mesmo que “passando o rafael”. E como vocês fazem para tirar ouro? “Baixa o barranco, faz um teste, remove, tira o cascalho, lava a terra, resume, tira o possível.” Das viagens do Araquém pode sair também uma outra geografia, inspirada na lembrança das pessoas que ele vai encontrando pelo caminho. Tem seu Adenor do rio Trombetas, na Amazônia, seu Carmito e dona Alzira de Xique-Xique do Igatu, Chapada Diamantina, na Bahia. Tem seu Marcelino de Ararapira, na ilha do Superagüí, Paraná. Dona Idaliana dos Quilombos do Silêncio do Matá-Matá, em Óbidos, no Amazonas, dona Mariinha do Raso da Catarina, na Bahia, seu Samuca do Parque Nacional Grandes Sertões Veredas, em Minas Gerais, Telma da ilha dos Lençóis, no Maranhão... “Meu mapa do Brasil é esse, com o nome das pessoas”, diz ele. “Essas criaturas notáveis me fizeram identificar este país, mais até do que as fotografias.”

GATHERING WHAT THERE IS What is a *mururu*? It's a waterlily from northern Brazil. What is *caimbé* used for? To scour pans, since its leaf is just as rough as sandpaper. A tea made from its inner bark is good for diabetes and closes wounds. Everyone in Roraima knows these things. *Caimbé* is also useful on the farms, as the plant is fire resistant. It grows on the great plain where the wild Roraima horses live... In this manner, Araquém goes mapping an unknown Brazil, in his own fashion. In the vast Amazon region, on his way to Pico da Neblina, he was accompanied by Traíra, Amazonas, Bandeira, Piauí and Valmir, five miners from the Tucaninho Basin, some two thousand meters above sea level. They taught him a new vocabulary. The verb *requear* means to do any extra job to pay for cigarettes and cachaça (Brazilian white rum). A *chibanca* is a tool used for digging rooty, hard soils. A *seca-poço* is a blanket. *Broca* is food. *Brocar* is to be hungry – the same as *passando o rafael*. So, how do you find gold? 'Cut down the bank, test it, remove the gravel, wash the earth, resume, gather what there is.' Another geography could also spring from Araquém's travels, inspired by his memories of the people he meets along the way. There's Seu Adenor of the Trombetas River, Amazon region. Seu Carmito and Dona Alzira in Xique-Xique do Igatu, Chapada Diamantina, Bahia. Seu Marcelino de Ararapira on Superagüí Island, Paraná. Dona Idaliana of the Quilombos do Silêncio do Matá-Matá, Óbidos, Amazonas. Dona Mariinha in the Raso da Catarina, Bahia. Seu Samuca in the Grandes Sertões Veredas National Park, Minas Gerais. Telma on Lençóis Island, Maranhão... 'That's my map of Brazil, with the names of people,' he says. 'Those wonderful people showed me this country better than any photos.'

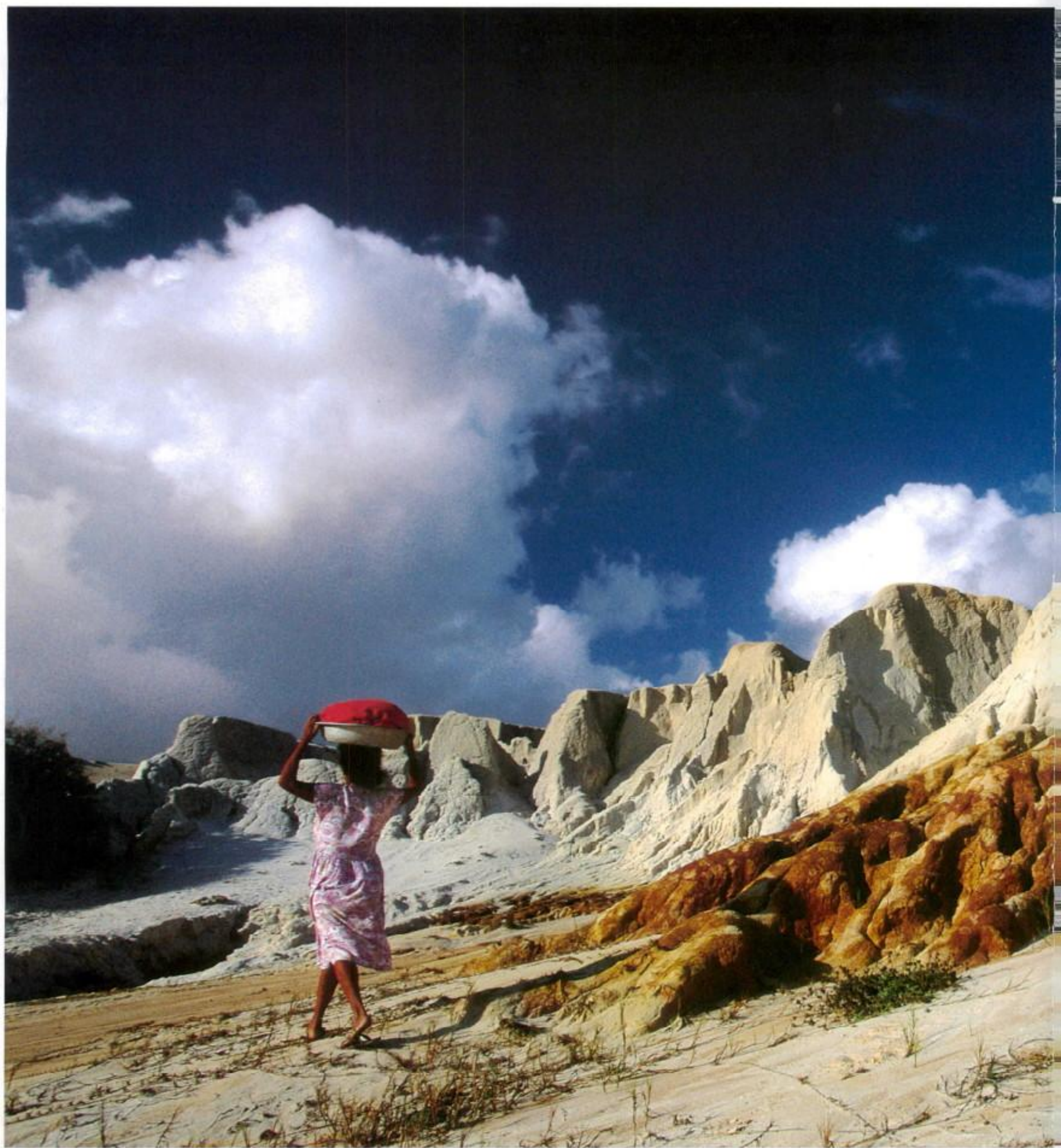
RASO SÓ NO NOME A grande expedição pelos sertões percorreu 8200 quilômetros entre a Bahia, Pernambuco e o Piauí. Araquém documentou a Chapada Diamantina, o Parque Nacional da Serra das Confusões, a serra de São Pedro da Gurguéia, o vale do Catimbau, a Pedra Furada de Venturosa, a serra da Capivara, as Sete Cidades e outras paragens aonde pouca gente chega e de onde pouca gente sai. "É outro planeta", resume Araquém. Um desses mundos esquecidos é o Raso da Catarina, na Chapada Diamantina. Vários conceitos sobre a arte de fotografar a natureza foram revistos e ampliados nesse território. Quando está em florestas, por exemplo, Araquém usa roupas camufladas, como as do Exército. São úteis para enganar um bicho, para fazer uma foto de tocaia. Mas em geral chamam demais a atenção das pessoas – aquele negócio de chegar a uma vila, as crianças rodearem o carro cheio de adesivos e o sujeito lá, todo sujo de barro, não é com o Araquém. Mas no Raso da Catarina, Chapada Diamantina, a roupa ideal não é a que disfarça, é a que protege. "É um lugar absurdamente seco, de muitos espinhos", ele conta. "Os homens andam coureados dos pés à cabeça – até o cavalo tem couro no peito, senão morre." No Raso vivem os pancararés, índios de pele escura, com habilidades físicas formidáveis. A exemplo de todo mundo ali, eles parecem ter a própria seca nos rostos. Conhecem cada bocaina, cada escondido, e sobem nas pedras como bichos. "Eles têm ímãs nos pés", diz Araquém. Não aparece em almanaque, mas os pancararés, em muitas oportunidades, ajudaram a esconder Lampião e seus cangaceiros quando a volante passava. Também não há menção em nenhuma sabedoria chinesa, mas os indiozinhos dessa tribo passam boa parte do tempo arrancando espinhos dos mandacarus. Para quê? Para que os passarinhos possam pousar e comer a saborosa frutinha vermelha. Esse cacto é tão comum por ali que já aparece na cartografia: tem a Baixa do Mandacaru. É lá, por exemplo, que vive dona Mariinha, outra alma rara do Brasil. Quando o pessoal apareceu, ela foi lá dentro buscar seus couros de onça para mostrar. "Mas como a senhora faz para ter tanto couro de onça?" Ela mesmo matava, uma por uma, e ia juntando. Existe uma suçuarana miúda, mas bem troncuda, que é típica da região – bem, pelo menos até encontrar Dona Mariinha pela frente. É que a velhinha come onça.

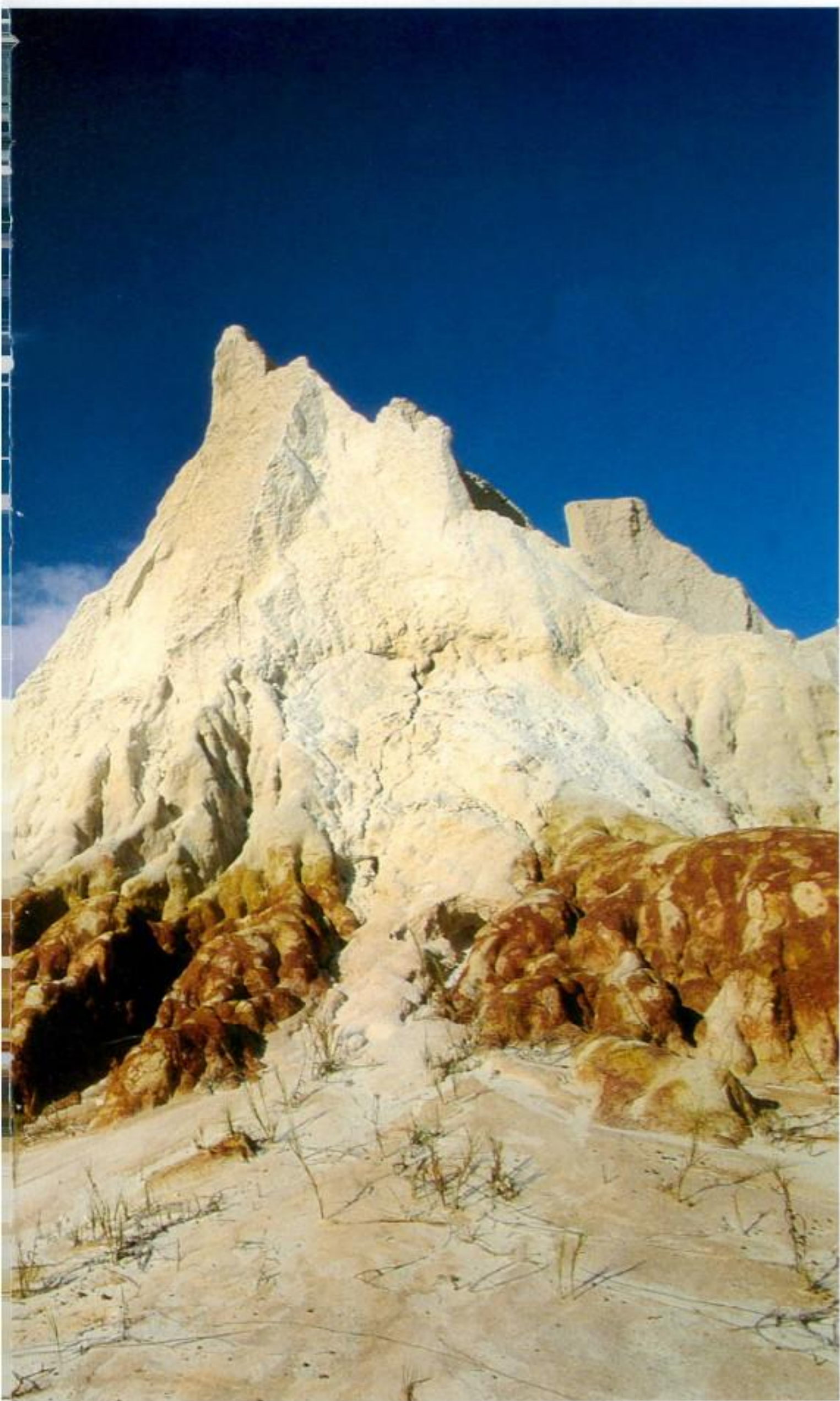
IN THE BAIXA DO MANDACARU The great expedition to the *sertões* (the Brazilian hinterland) traveled 8200 hundred kilometers through the states of Bahia, Pernambuco and Piauí. Araquém documented the Chapada Diamantina, the Serra das Confusões National Park, the Serra de São Pedro da Gurgéia, the Catimbau Valley, the Pedra Furada de Venturosa, the Serra da Capivara, Sete Cidades and other places to where few people go and from where few people get out. 'It's another planet,' says Araquém. One of these forgotten worlds is the Raso de Catarina, in the Chapada Diamantina. Several concepts on the art of photographing nature were reviewed and improved in this territory. When he is in forests, for example, Araquém wears camouflaged clothing, as in the Army. This is useful to get closer to animals, or to take pictures from ambush. However this does attract undue attention from other people – the business of arriving in a village with children gathering around a car covered in stickers and a driver covered in mud is not Araquém's way at all. But on the Raso da Catarina, Chapada Diamantina, the ideal clothing is not to camouflage but to protect you. 'The place is extremely dry, and full of thorns,' he says. 'Men wear leather from head to toe – even the horse has leather to protect his chest, otherwise he will be killed.' In the Raso live the Pancararé Indians, a dark-skinned tribe, with formidable physical abilities. As do everyone else in that arid land, they seem to have the drought impressed on their own faces. They are familiar with every gully or ravine and climb rocks like animals. 'They seem to have magnets on their feet,' says Araquém. It's not written in any books, but the Pancararés often helped to hide the famous bandit Lampião and his gang when the posses came by. The children of this tribe also spend much of their time pulling the thorns out of the Mandacaru cactus trees so that the birds can get at their tasty little red fruit. This cactus is so common in the region that it even gives its name to a place: the Baixada do Mandacaru, where lives Dona Mariinha, another rare soul in Brazil. When visitors appear she goes and fetches her jaguar skins to show to them. 'But how do you come to have so many jaguar skins?' She killed the cats herself and kept saving the skins. There is a suçuarana, or puma, small but sturdy, that is typical of the region, or was before it encountered Dona Mariinha. She eats jaguars and pumas.

NO BAFO DA ONÇA Os conhecedores dizem que é possível saber o momento exato em que a onça vai atacar. Os poucos sobreviventes concordam: as orações devem começar quando o bicho contrai a cabeça entre as patas e resfolega, bem forte. Araquém já viu muitas onças. Uma delas, do Parque Nacional da Amazônia, virou capa do livro *Terra Brasil* e continua rodando o mundo. Teve outras. Uma vez, no Pantanal do Mato Grosso, ele esteve a quinze metros de uma enorme. "Foi um dos momentos mais impressionantes de toda a minha vida como fotógrafo da natureza." Eram quatro e meia da tarde quando chegou à lagoa Gaíva, na Reserva do Acurizal. A onça já estava lá, deitada sob uma figueira, sacudindo as mutucas com o rabo. E assim continuou, impassível, durante quase vinte minutos. Depois se levantou, deu a volta numa árvore caída e sumiu no mato. Sem falar nas histórias que ele ouve. Na serra do Aracá, no Amazonas, um caboclo parou para mostrar a árvore de onde uma onça havia pulado. Mas aquela não tinha sido a hora dele, porque a onça enganchou uma pata na correia da espingarda e rolou no chão. O caboclo correu, disparou, a fera chegou a tombar, levantou... Por fim, quatro balaços fizeram da onça o tapete que é hoje, estendido no chão de um camarada da vila de Ucuqui. E foi uma onça que trouxe o Araquém para o Brasil, em 1980. Até então ele não estava certo de que o país fosse muito mais do que as greves do ABC, que ele cobria para a revista *IstoÉ*. E de que abaixo do equador houvesse bem mais do que as intrigantes imagens dos urubus de Santos e Cubatão, motivo de algumas de suas primeiras exposições. Mas, depois dessa onça, Araquém se entendeu fotógrafo profissional. Ele estava em Manaus quando soube do animal que zanzava num certo igarapé do Guedes, não muito longe. Conseguiu um dia de folga, limpou o equipamento simples que tinha, foi lá para ver a onça. E viu. Empurrada pela correnteza, ela se agarrava com unhas e dentes num tronco. Araquém contraiu a cabeça atrás da câmera, resfolegou forte... E o resto é história, boa parte dela acesa agora, neste *Brasil iluminado*.

THE JAGUAR'S BREATH Hunters say that it is possible to know exactly when a jaguar is about to charge. The few survivors agree: prayers should start when the animal sinks its head between its paws and breathes deeply. Araquém has seen many jaguars. One of them, in the Amazonia National Park, was depicted on the cover of the book *Terra Brasil* and continues to travel the world. Once in the Pantanal of Mato Grosso he found himself within fifteen meters of an enormous one. 'It was one of the most memorable days of my life as a photographer of Nature.' It was four-thirty in the afternoon when he arrived at Gaíva Lagoon, in the Acurizal Reservation. The jaguar was already there, lying under a fig tree, flicking at flies with his tail. He stayed there peacefully for almost twenty minutes, then got up, leaped over a dead tree and disappeared into the forest. Not to mention the stories he has heard. On the Serra do Aracá, in Amazonas, a woodsman stopped to point out a tree from where a jaguar had jumped on him. His time, however, had not yet arrived, for the cat caught a paw in the shoulder strap of his rifle and fell to the ground. He ran and fired a shot. The jaguar fell, then got up again... At last, four shots transformed the jaguar into the mat it is today, spread out in a guy's home in the village of Ucuqui. And it was a jaguar that brought Araquém to Brazil in 1980. Up until then he was not sure that the country was no more than labor strikes in the ABC industrial region of São Paulo State, which he covered for *IstoÉ* magazine, and that below the equator there was far more than the fascinating pictures of vultures in Santos and Cubatão, the theme for some of his first exhibitions. However, after his own jaguar experience, Araquém decided to be a professional photographer. He was in Manaus when he learned about an animal roaming around a certain backwater, the Igarapé de Guedes, not too far away. He took a day off, cleaned up the simple equipment he owned at the time and went off in search of the jaguar. And he found it. The cat was been pushed along by the current and clinging tooth and nail to a tree trunk. Araquém ducked his head behind his camera, breathed deeply... And the rest is history, most of it alight now, in this book.



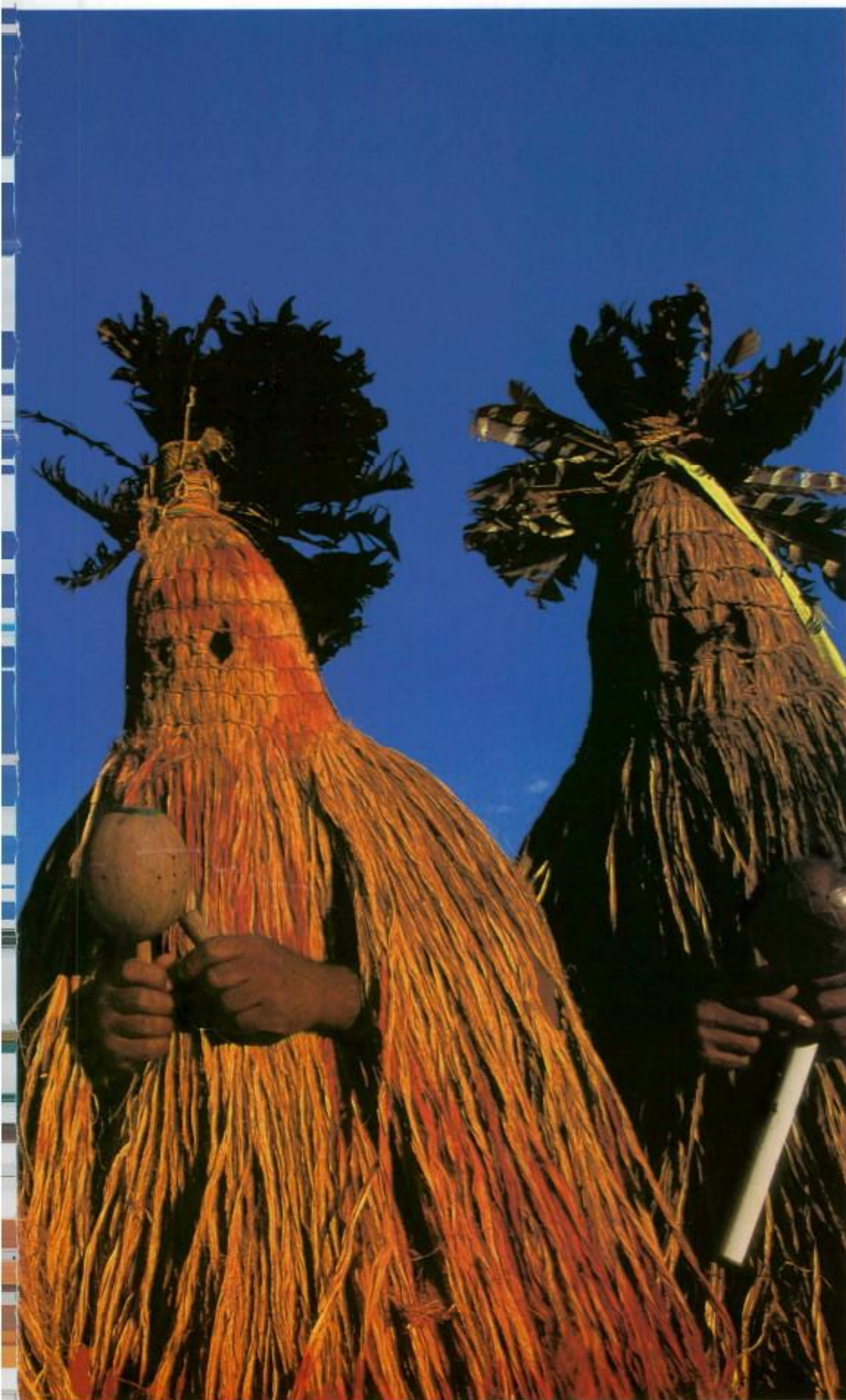




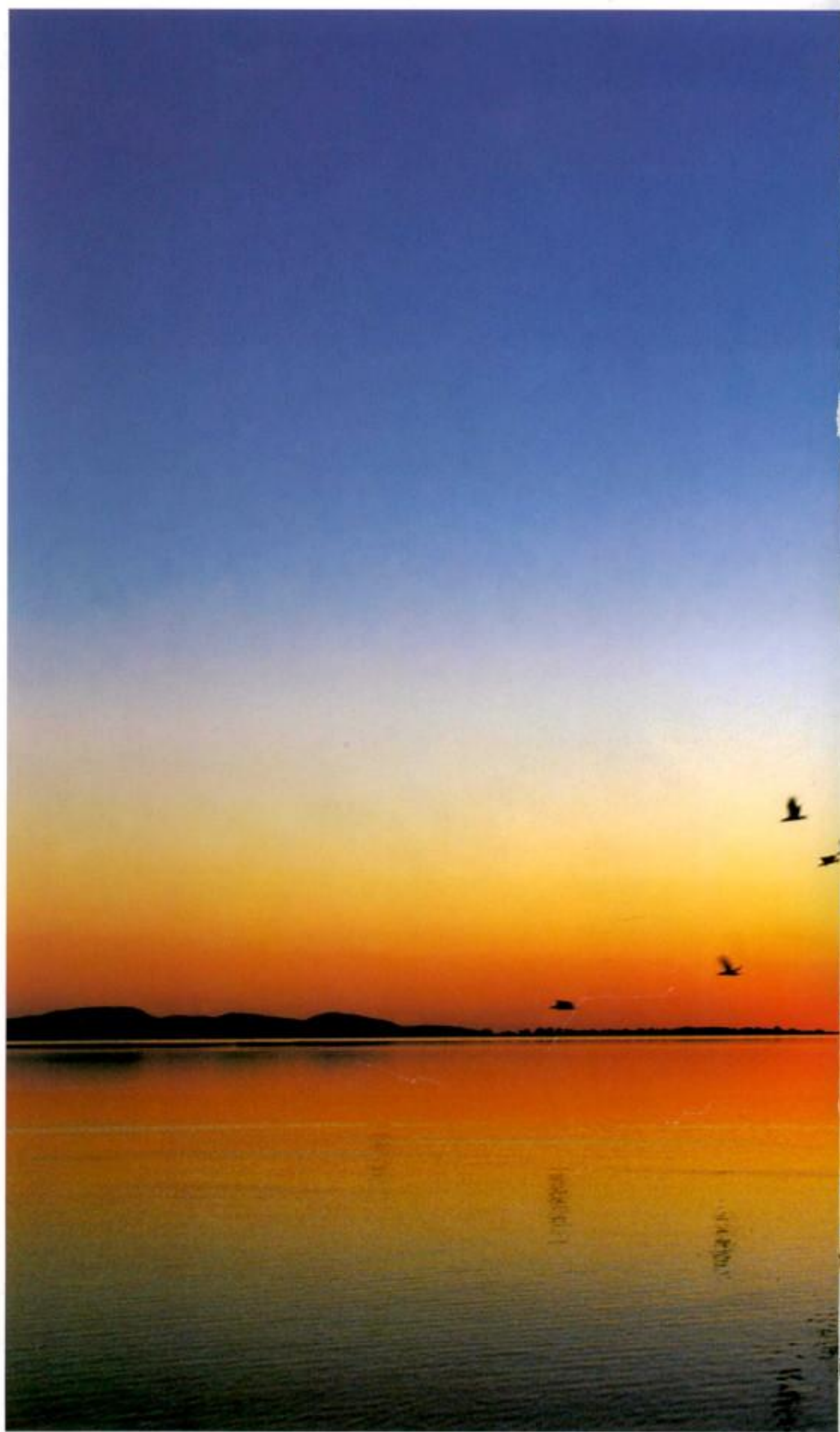


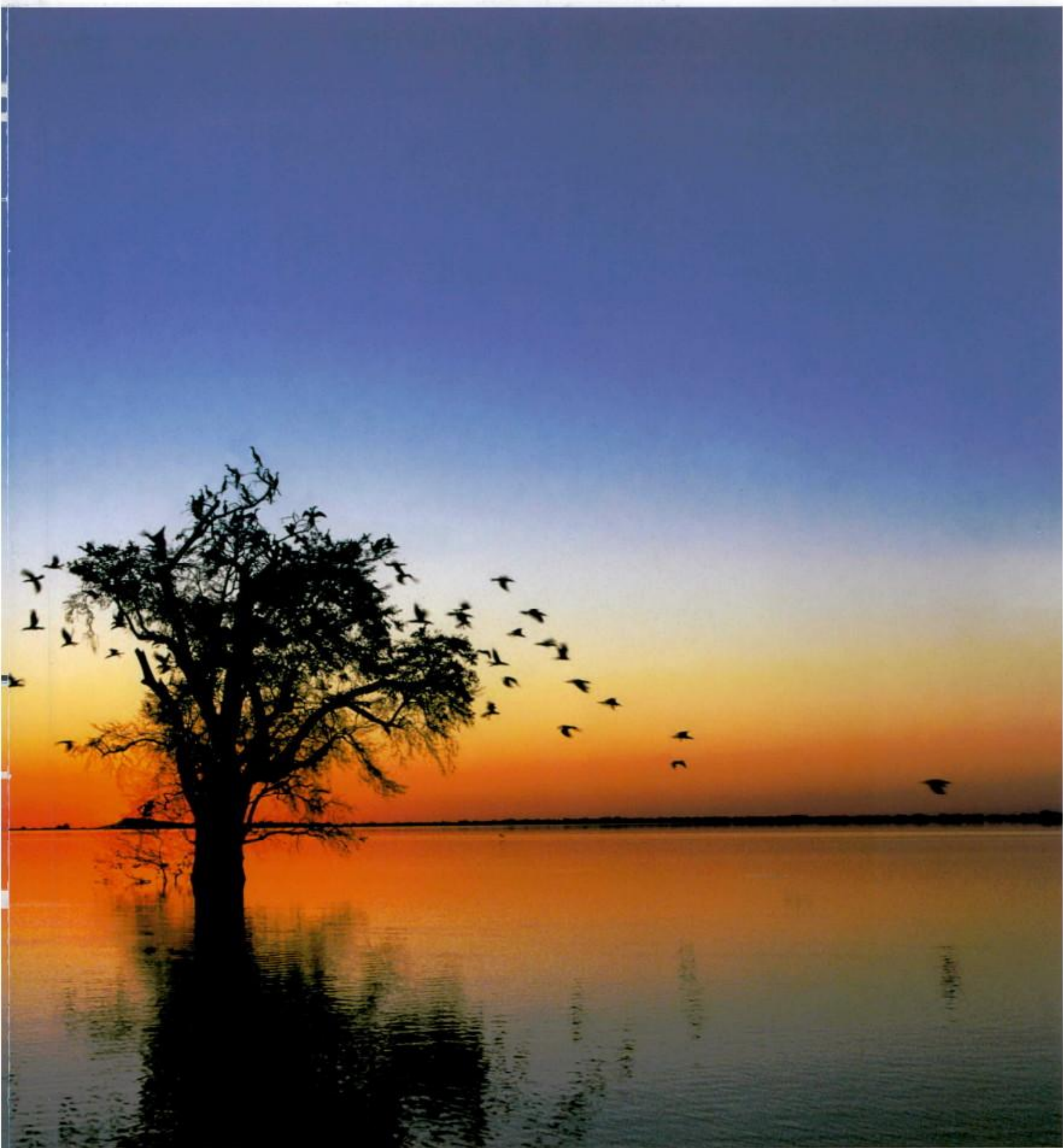


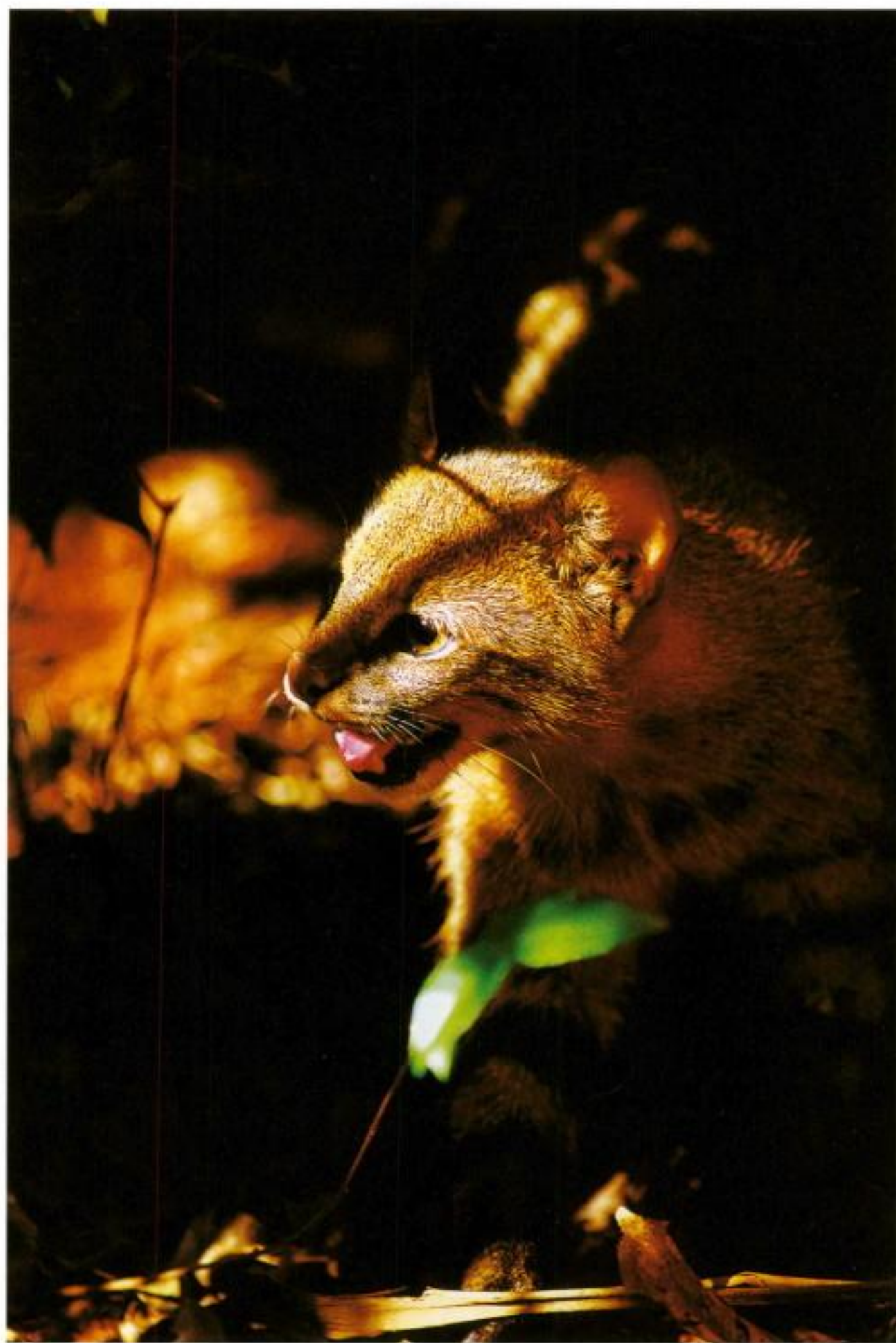




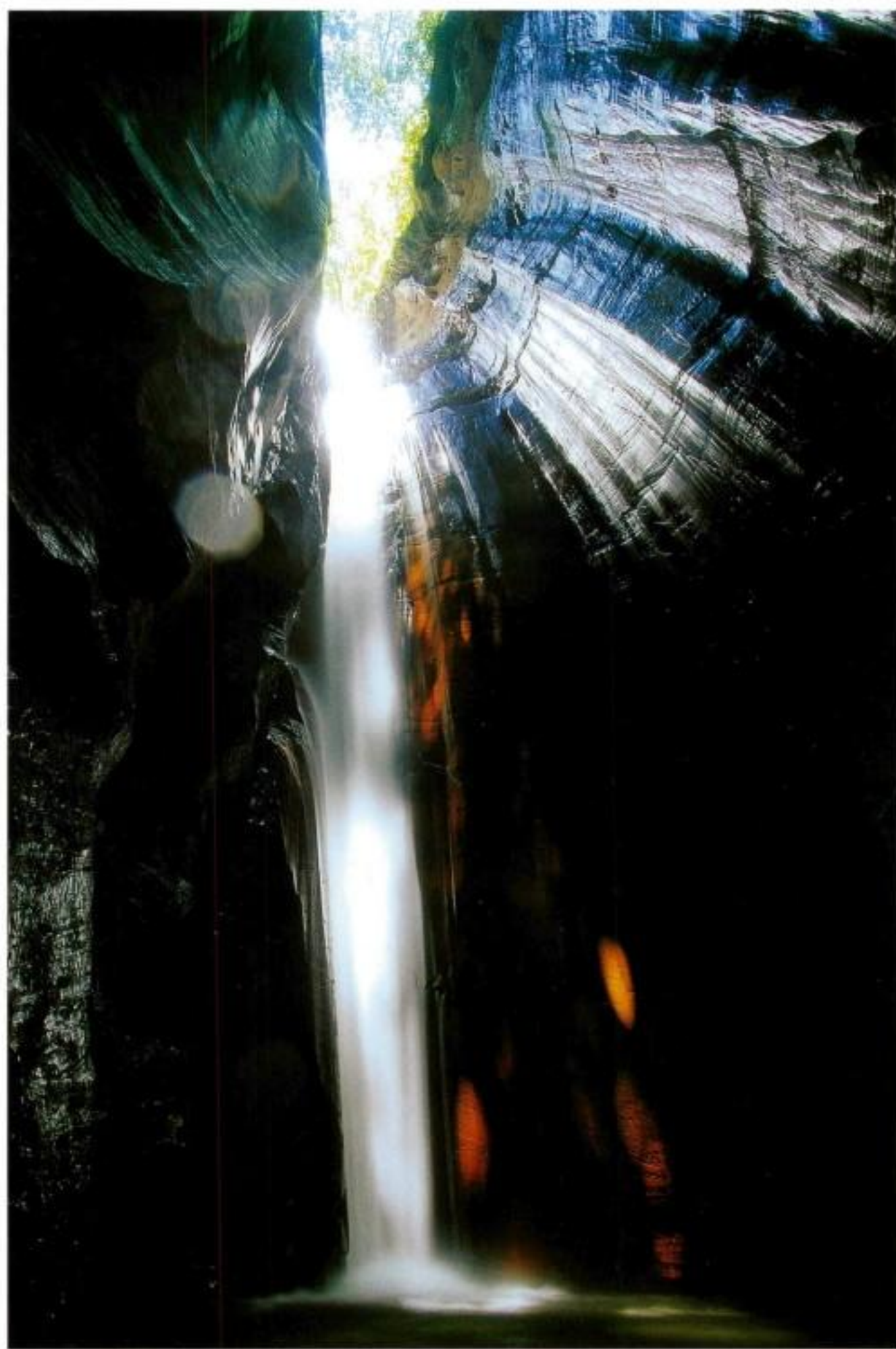


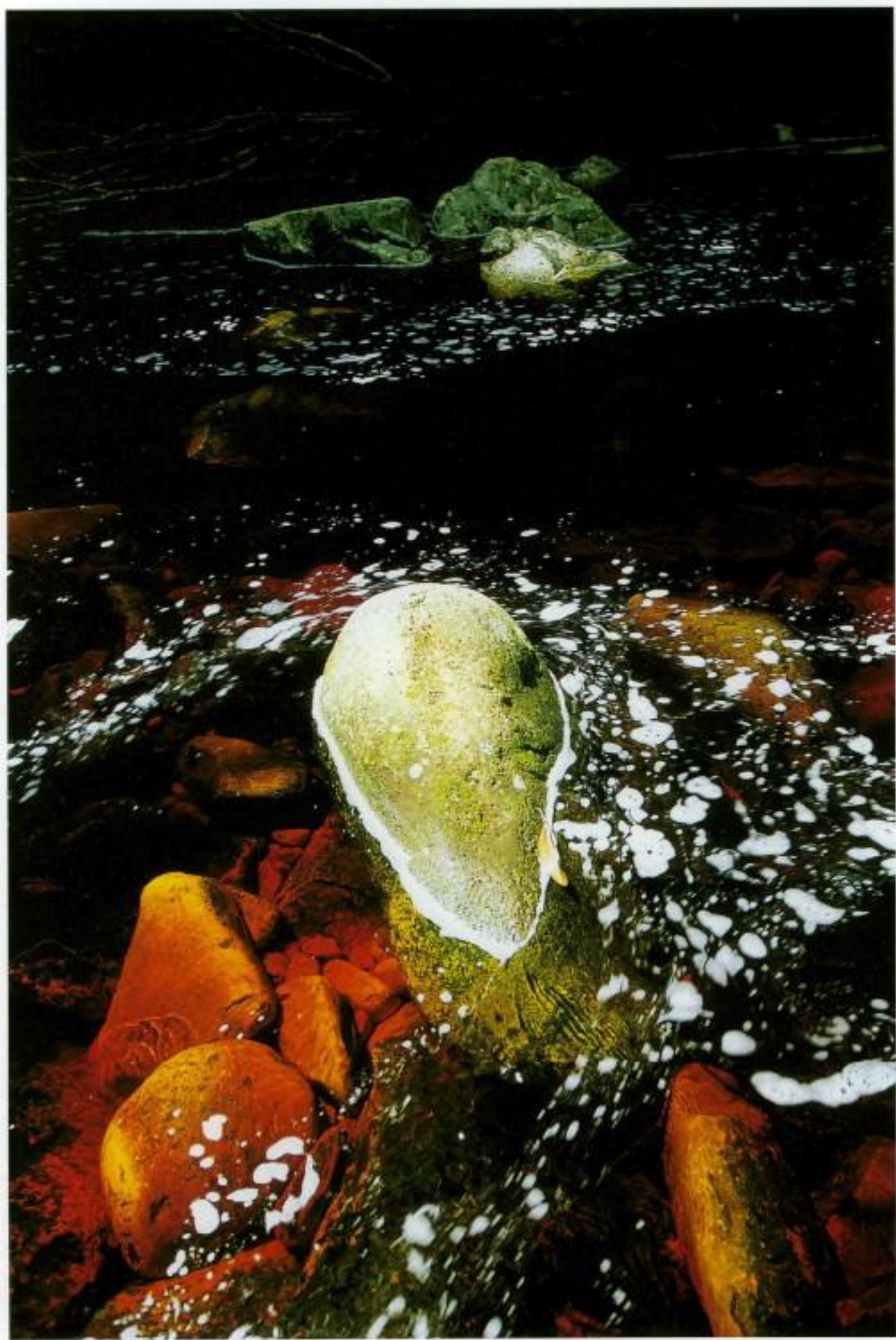




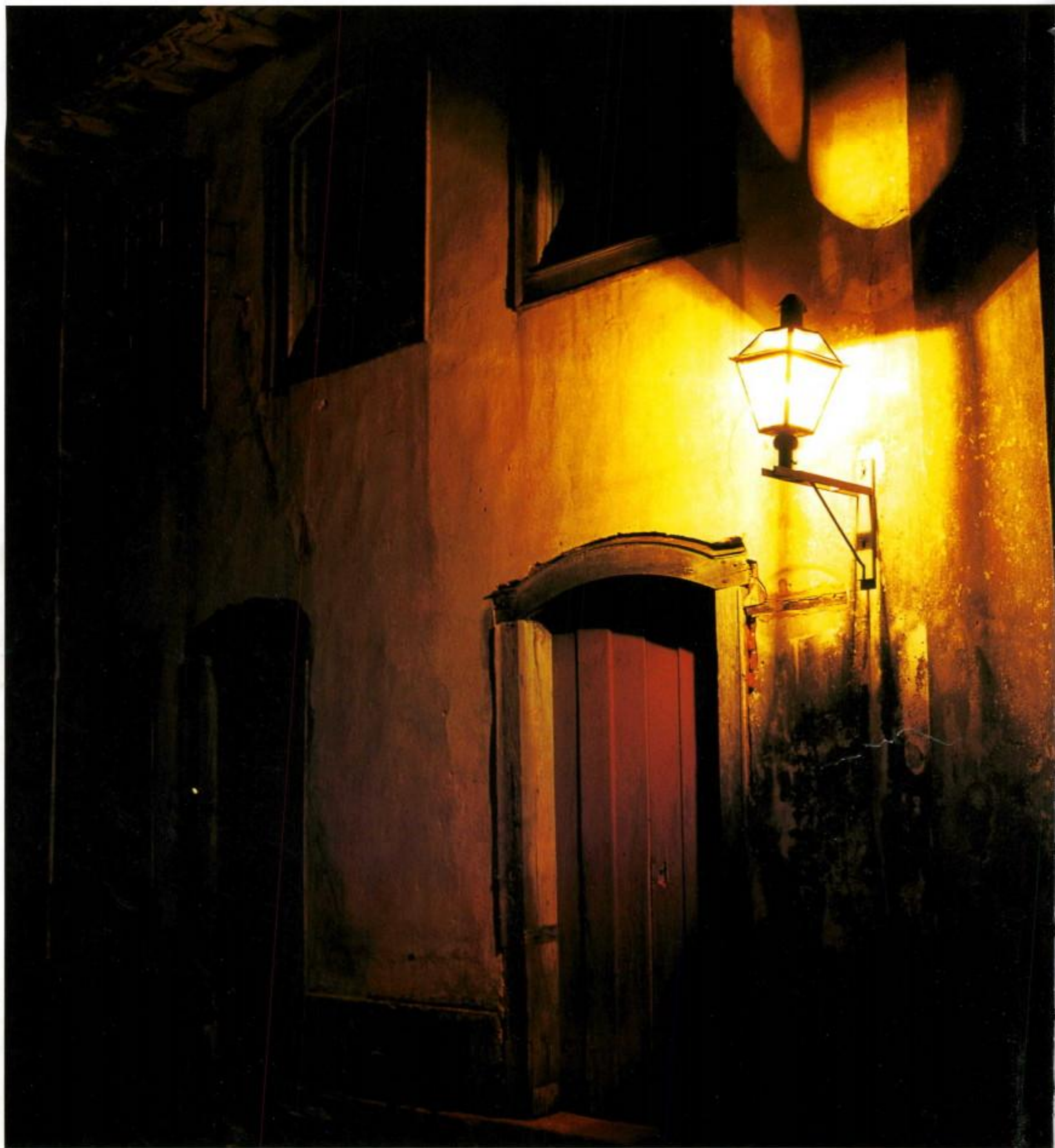


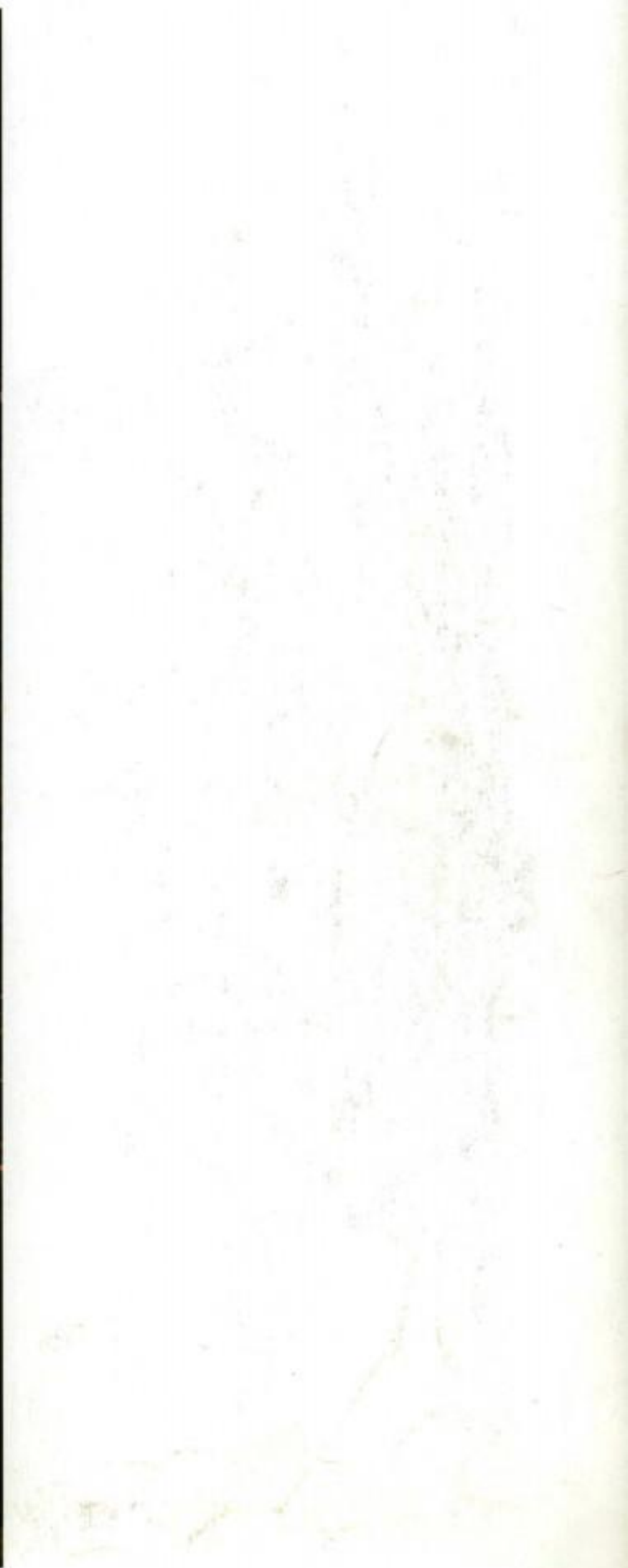
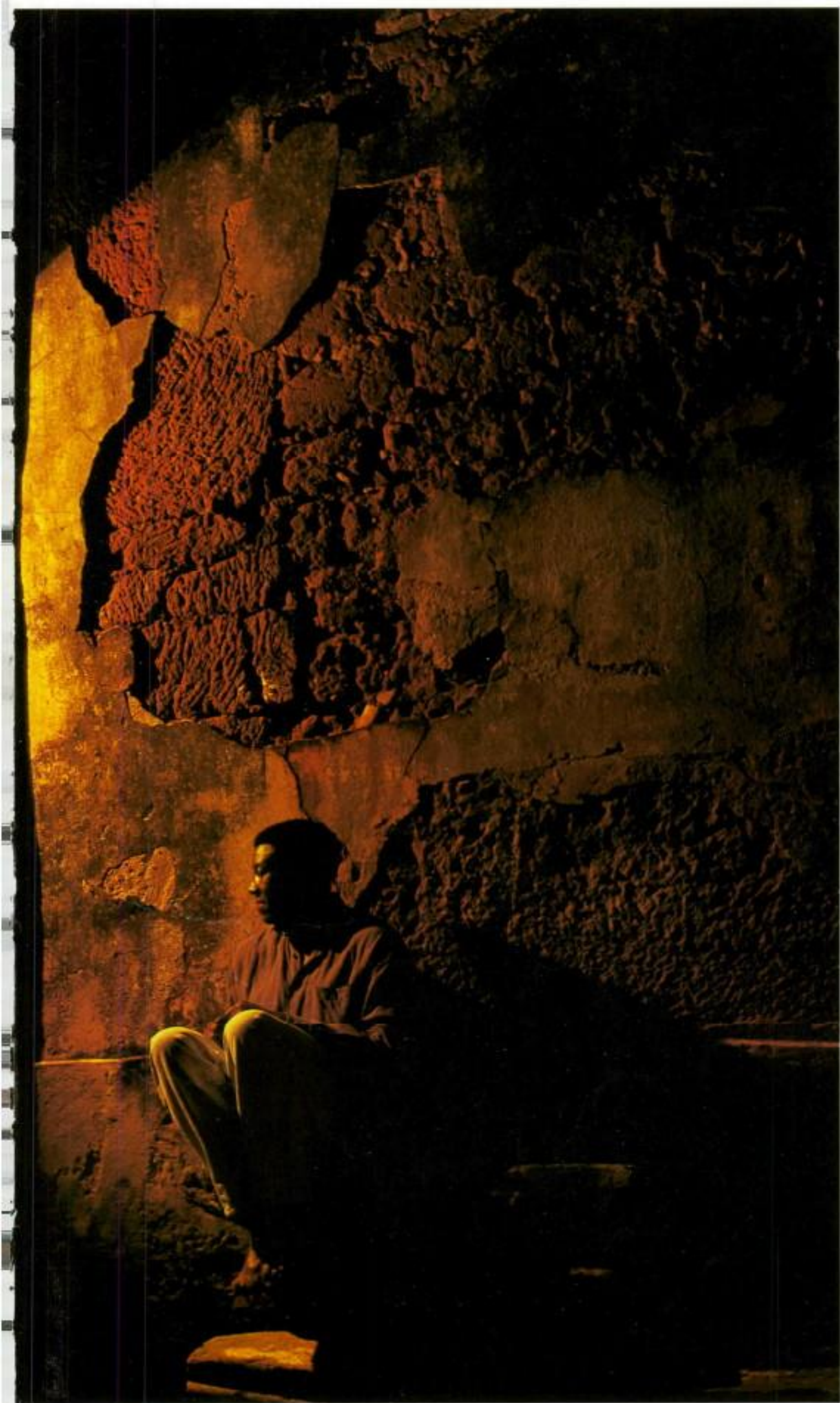


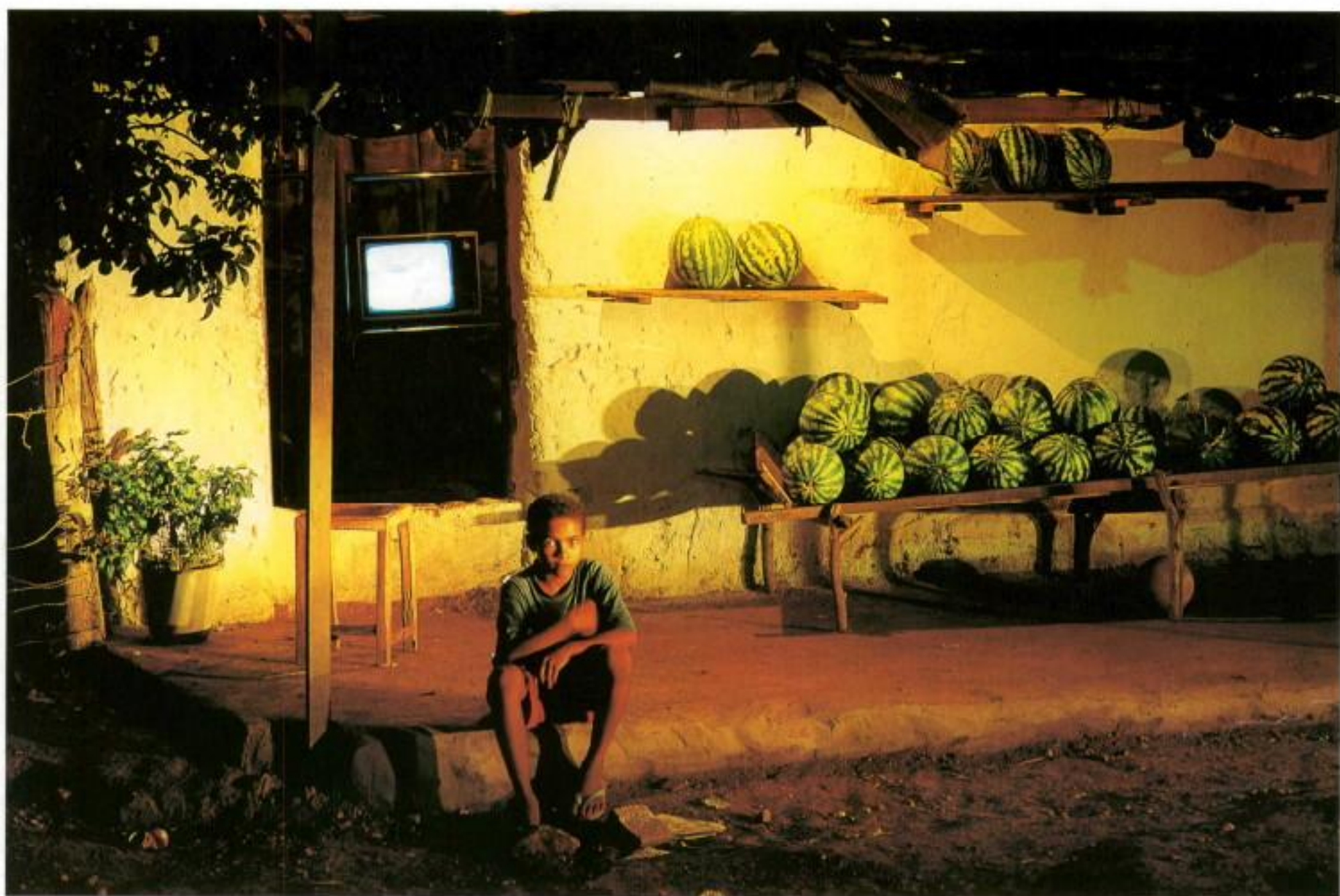




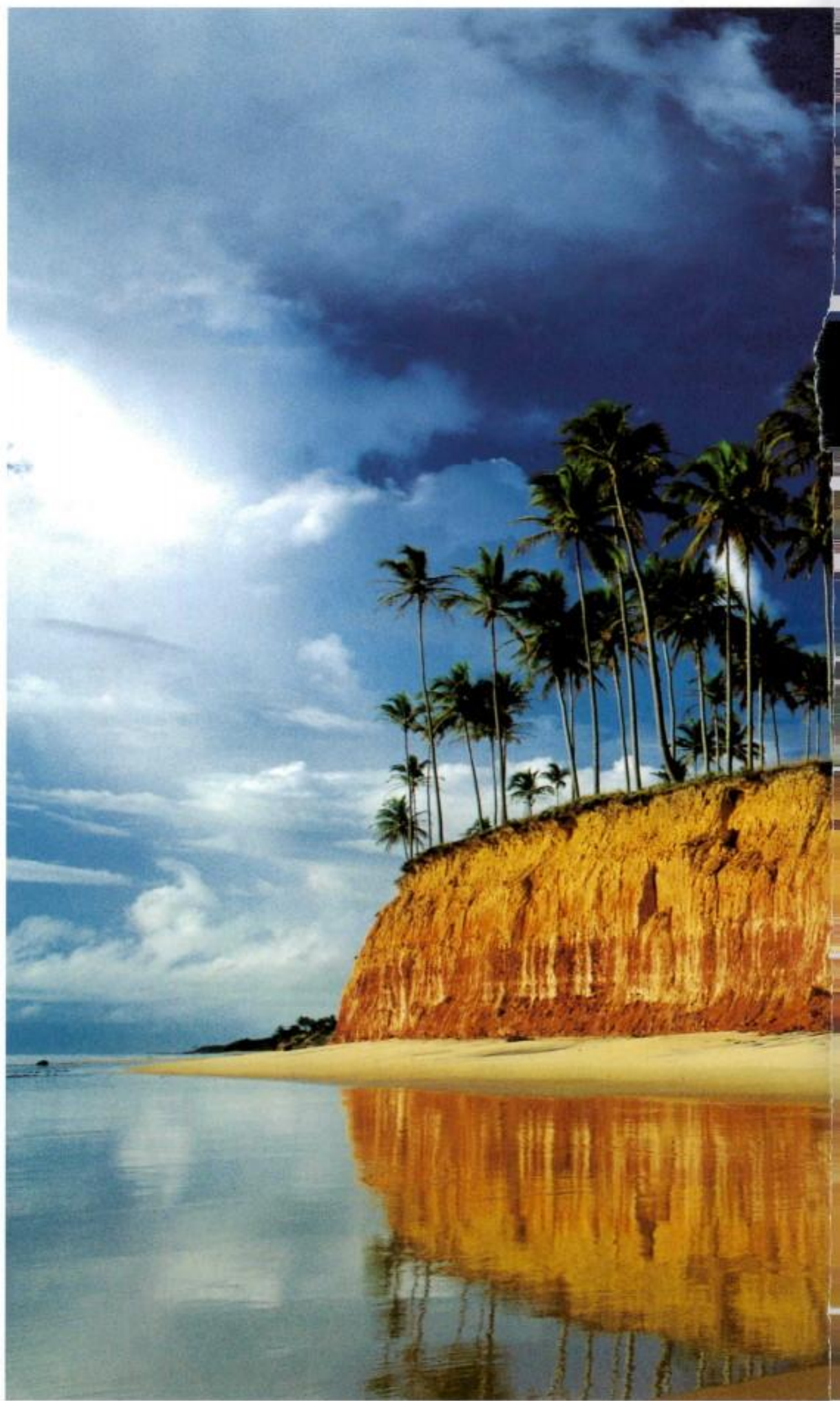








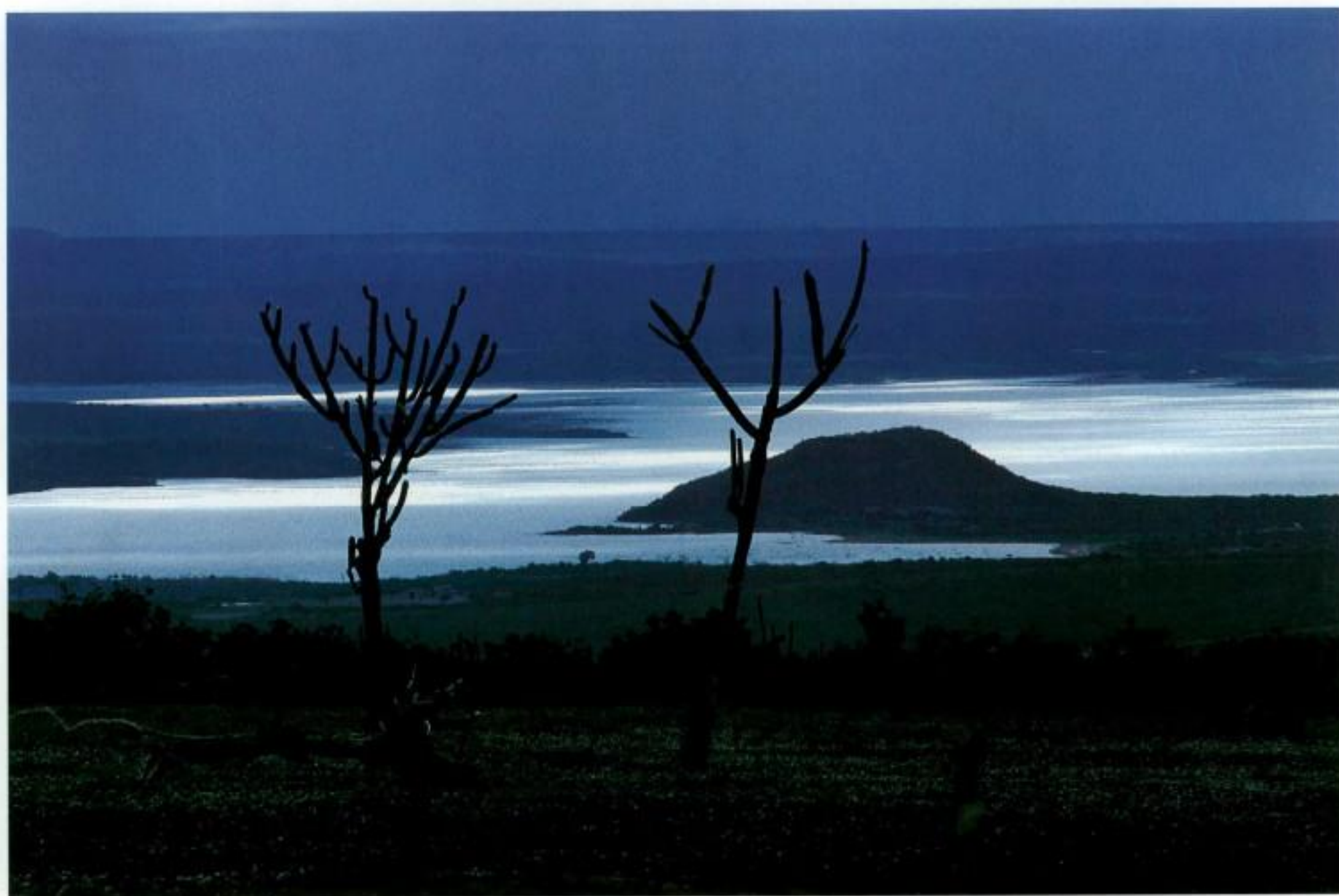


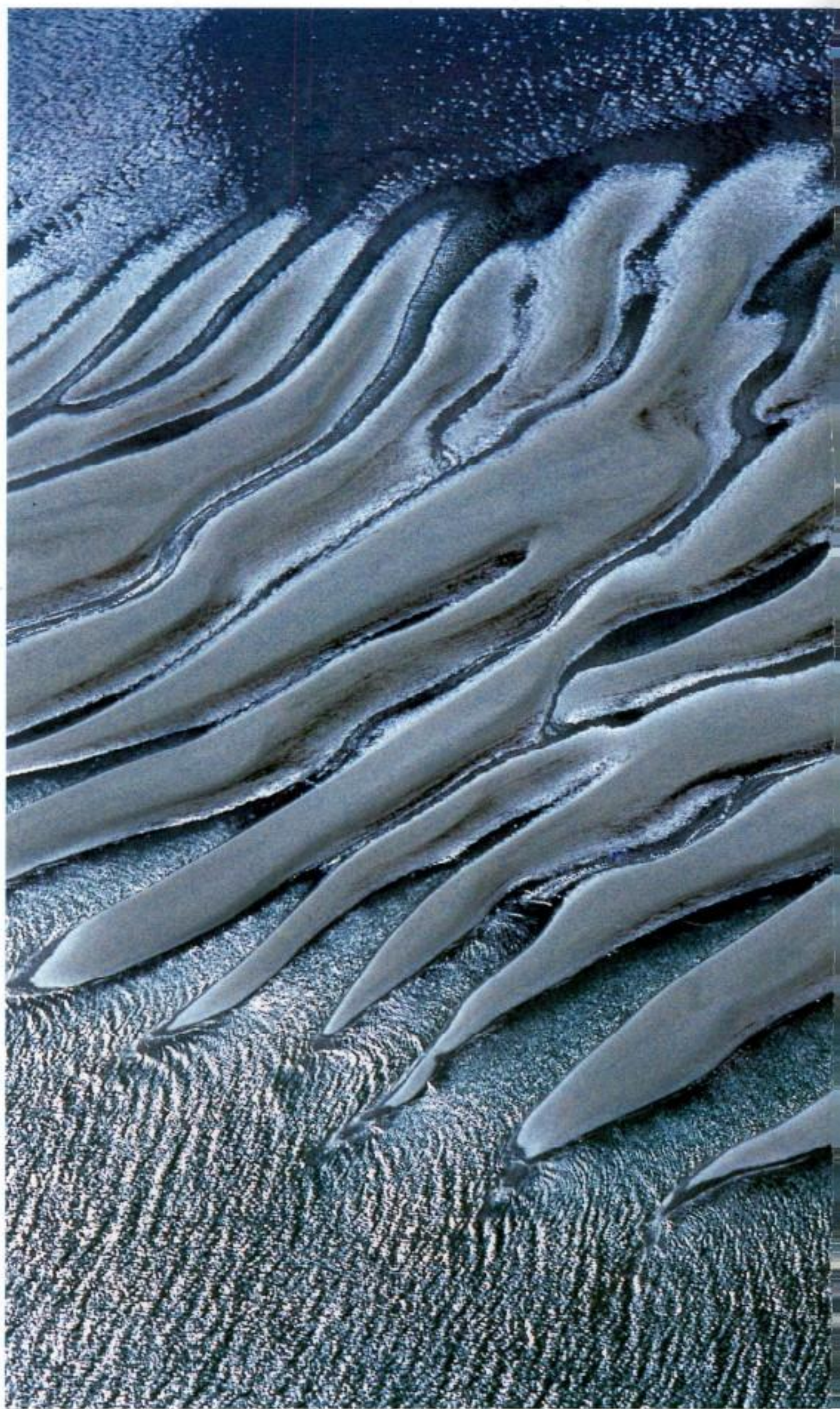


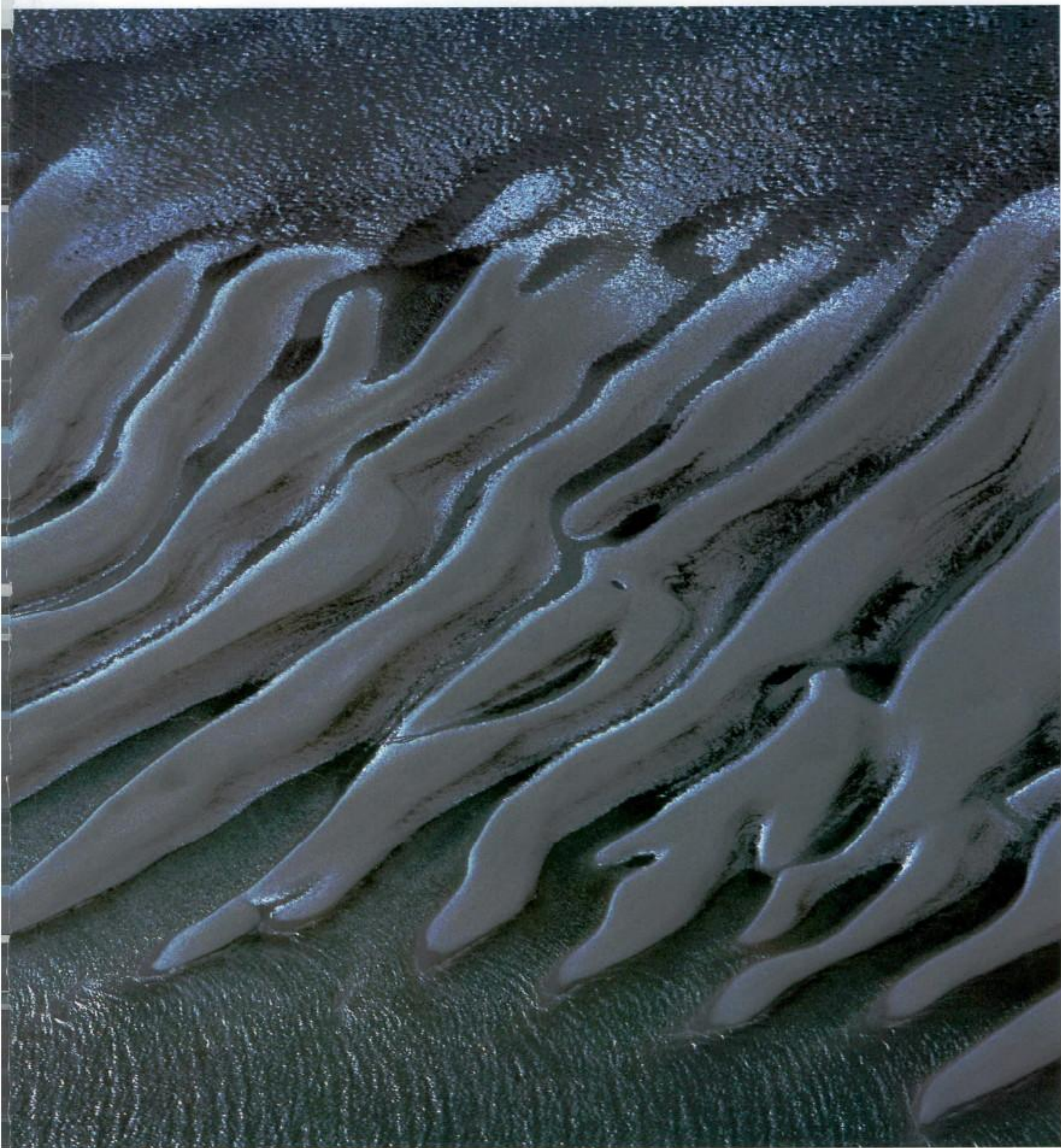






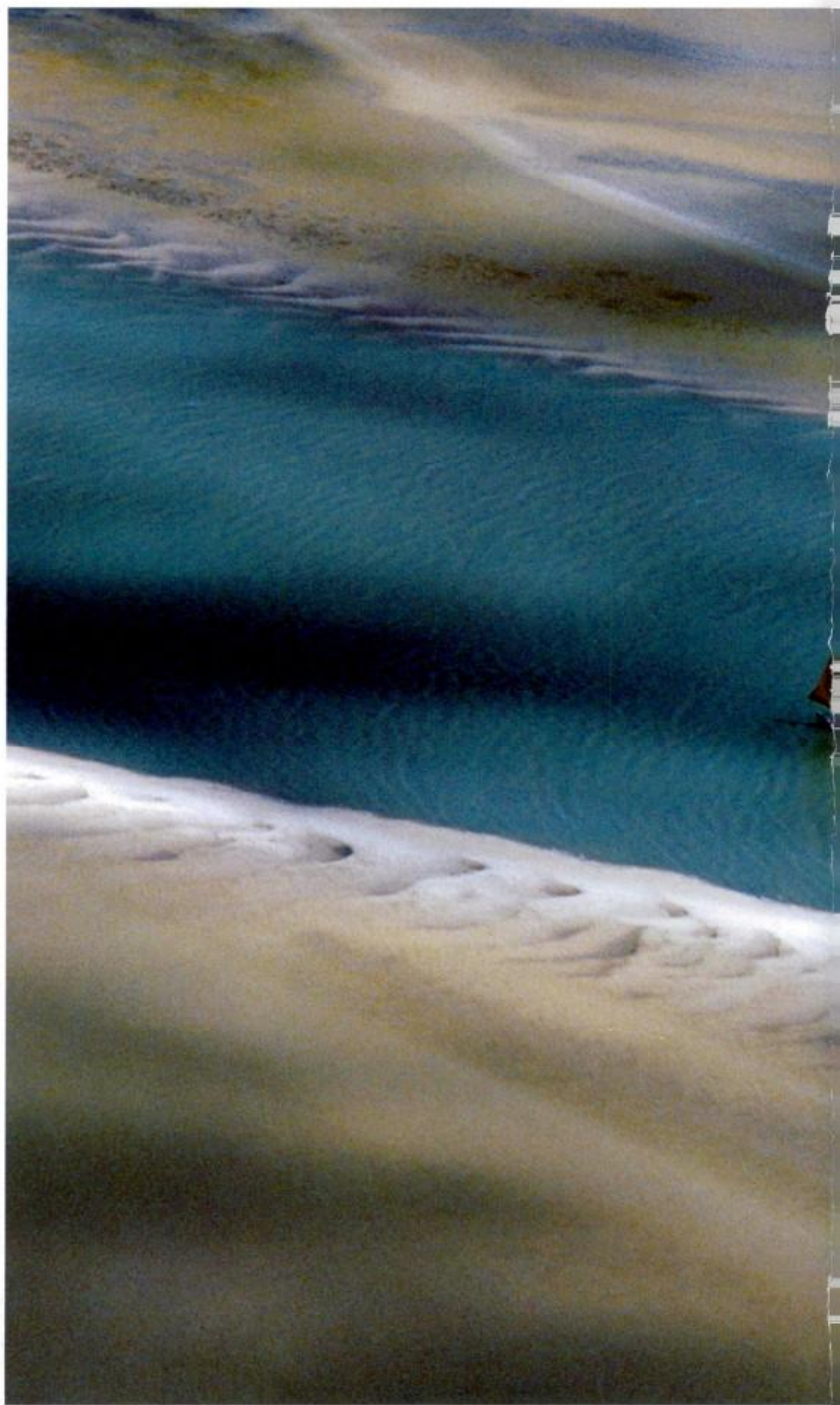


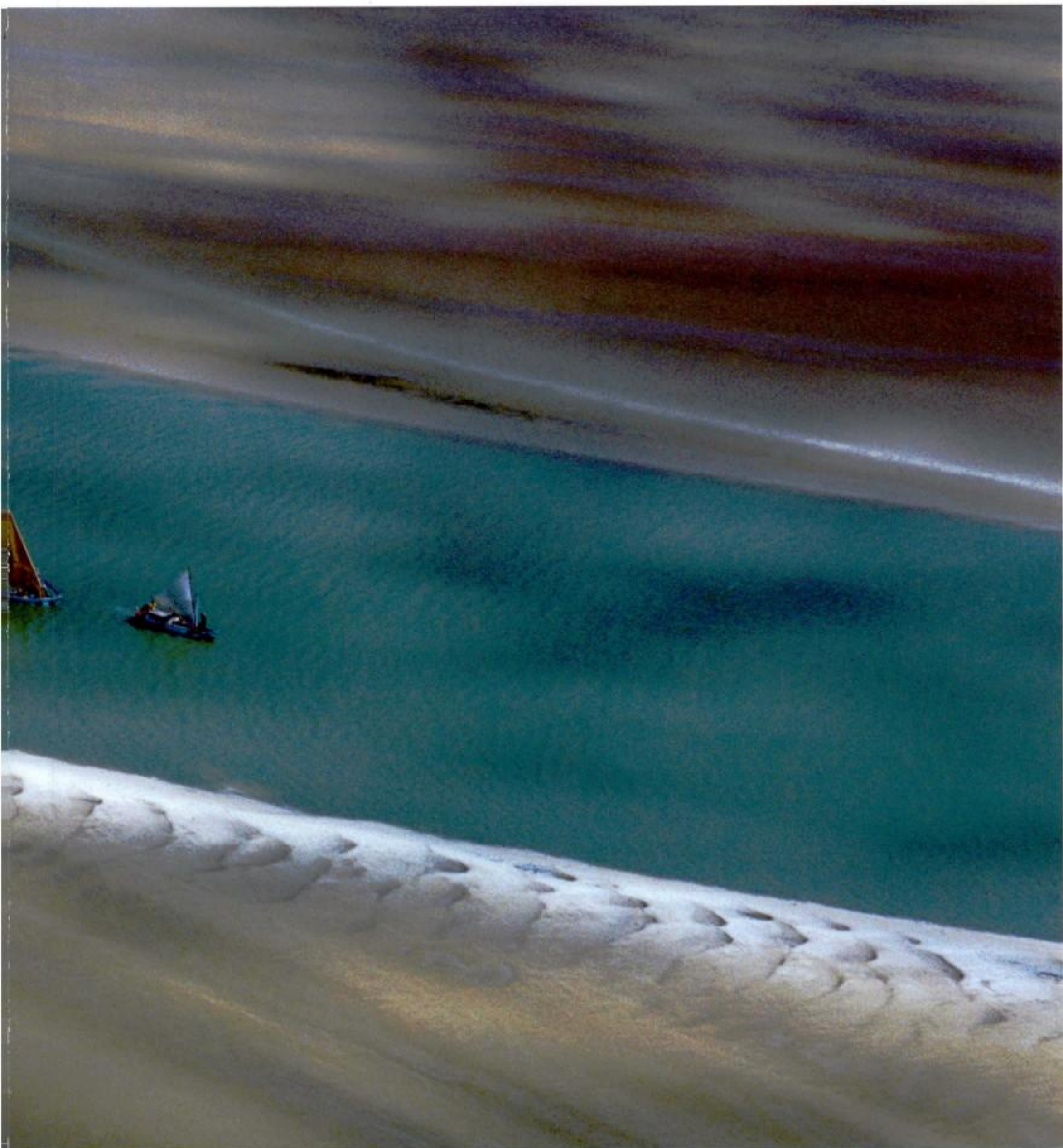


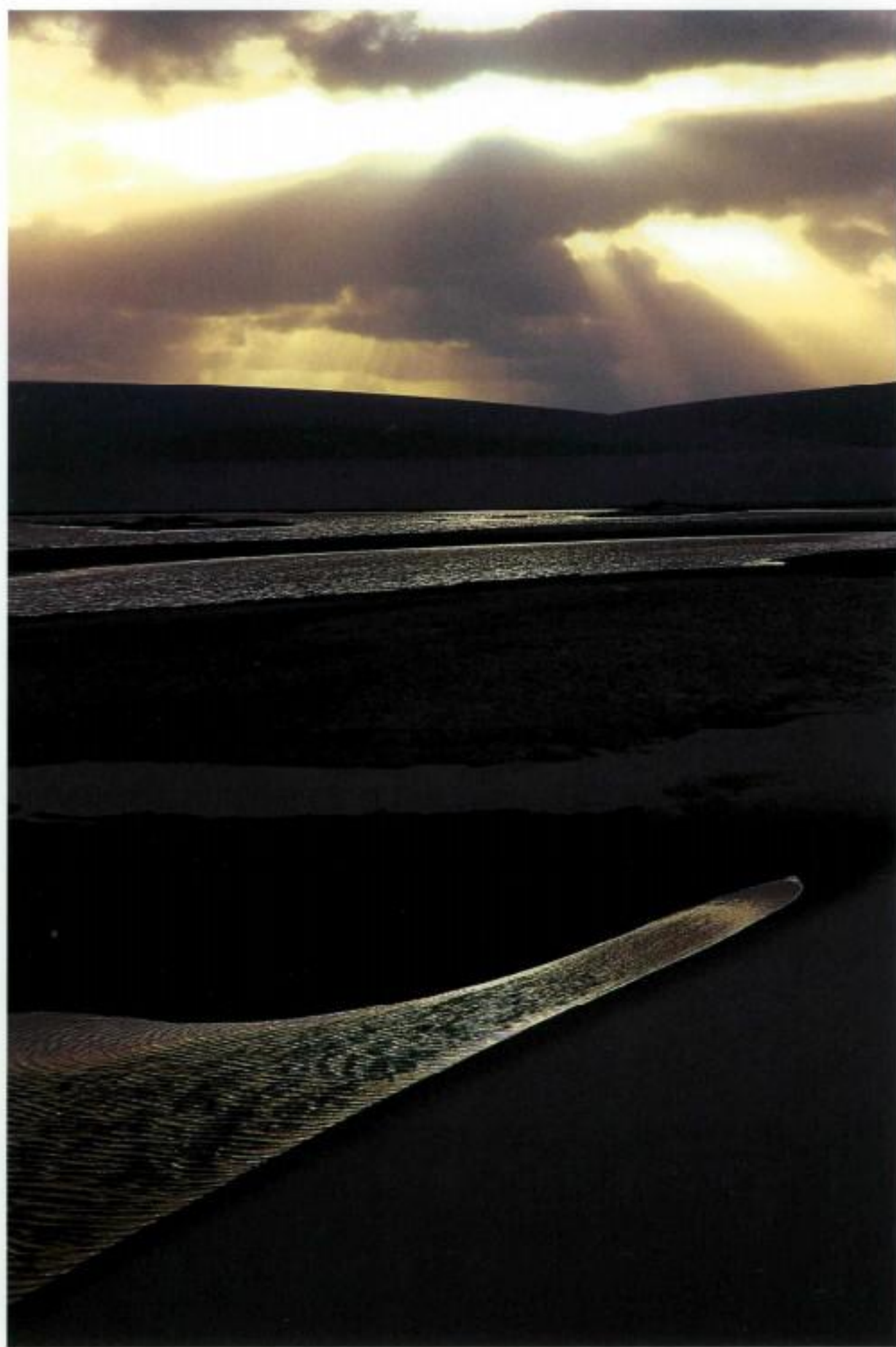


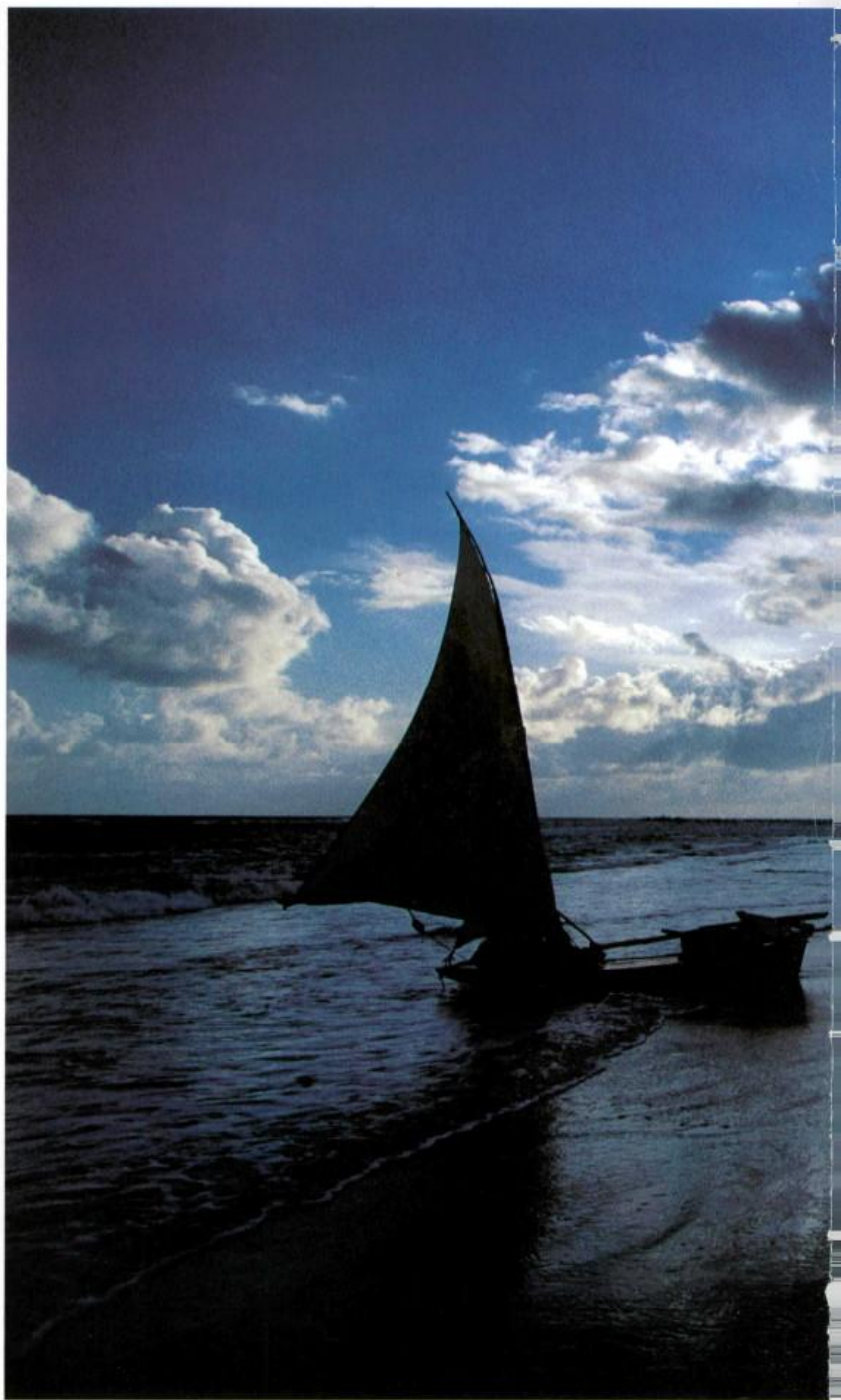


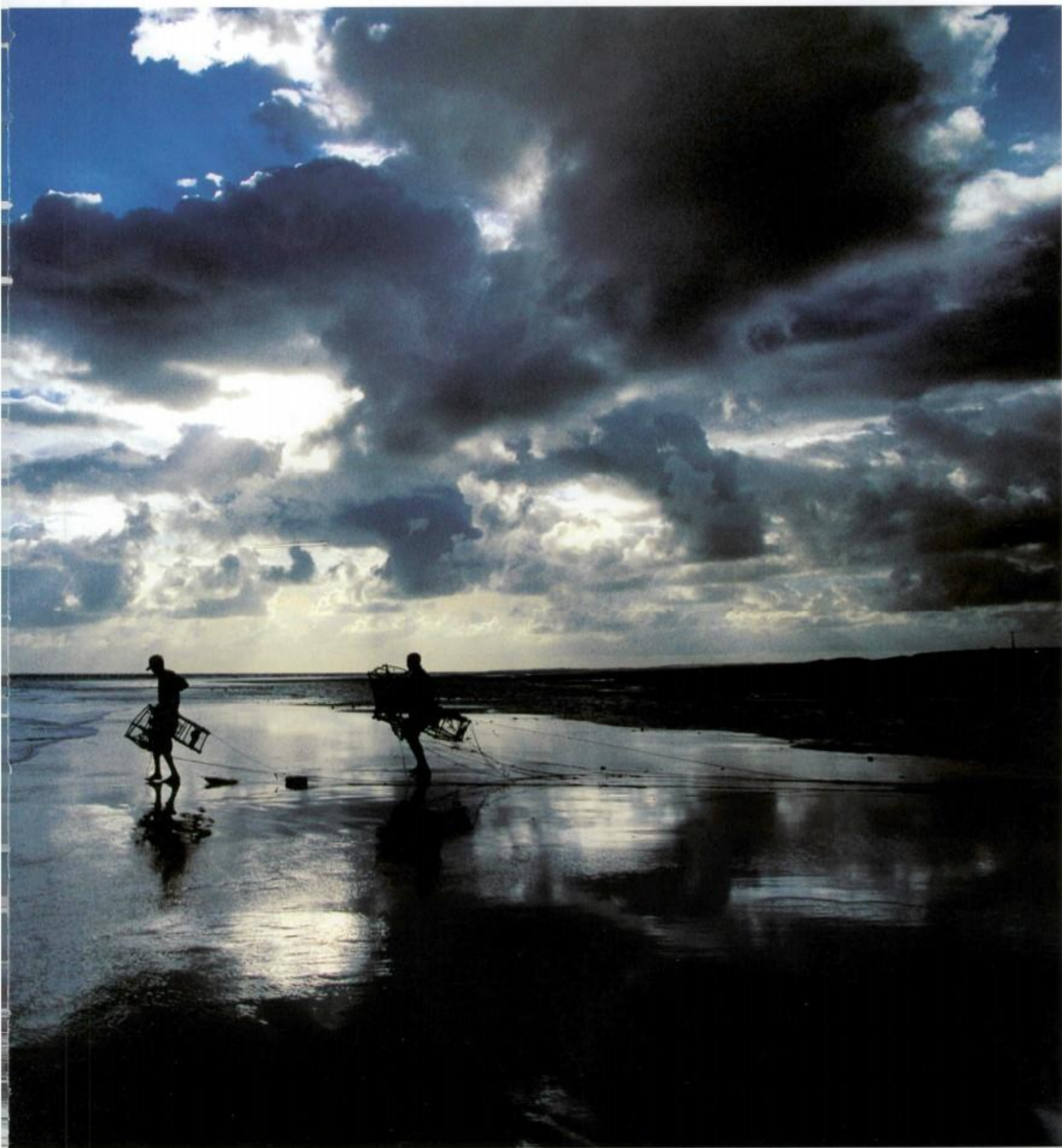






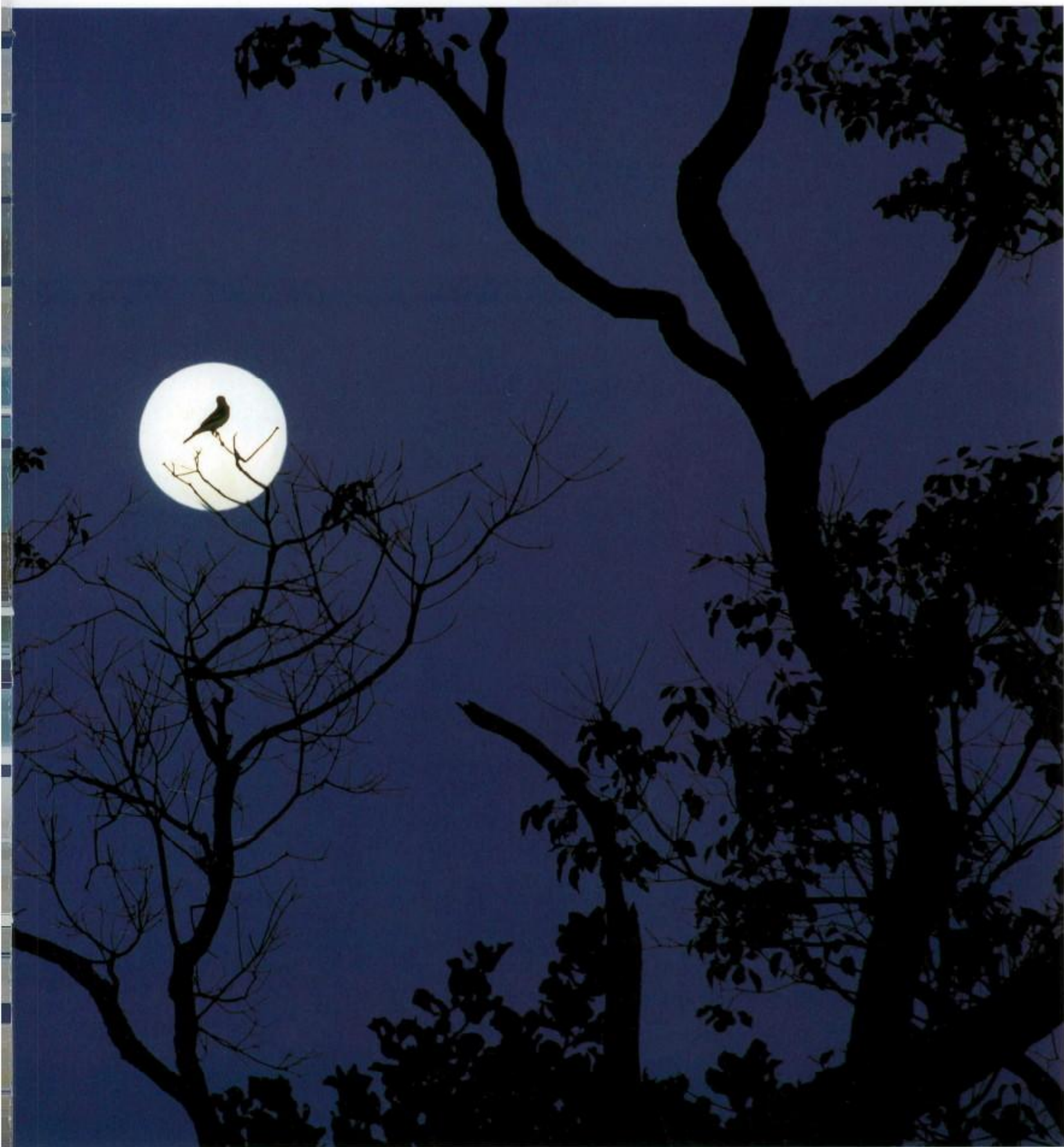






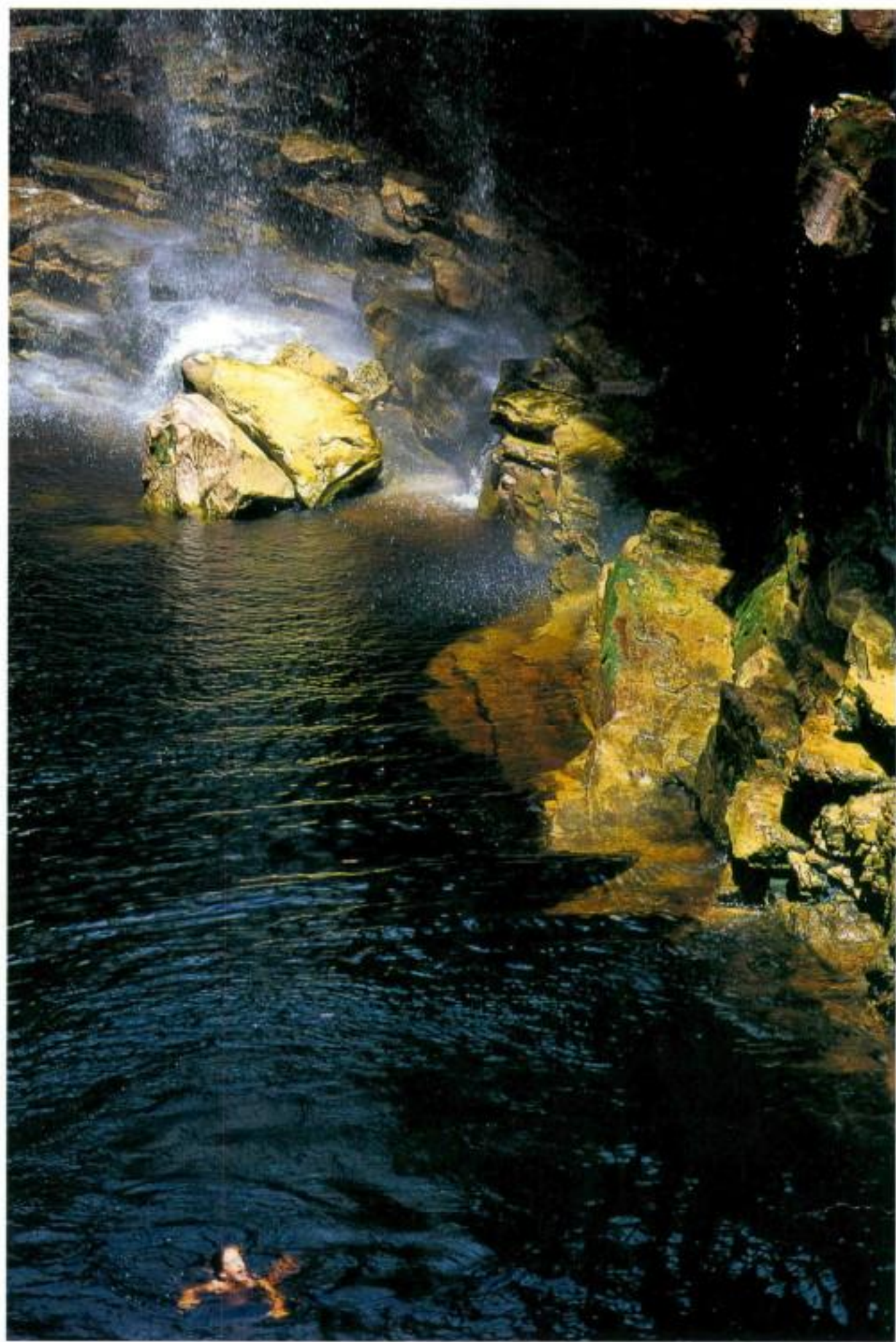








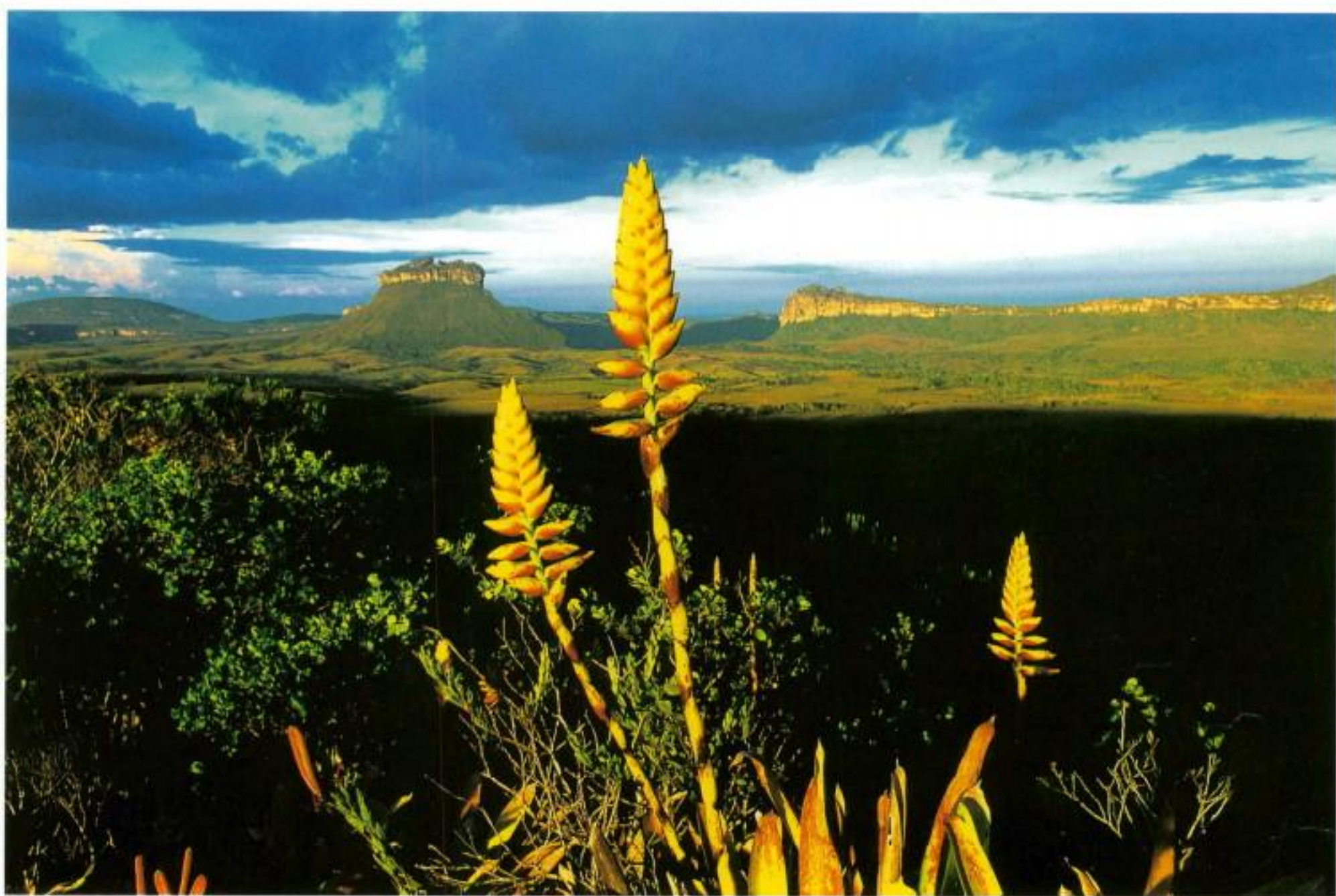




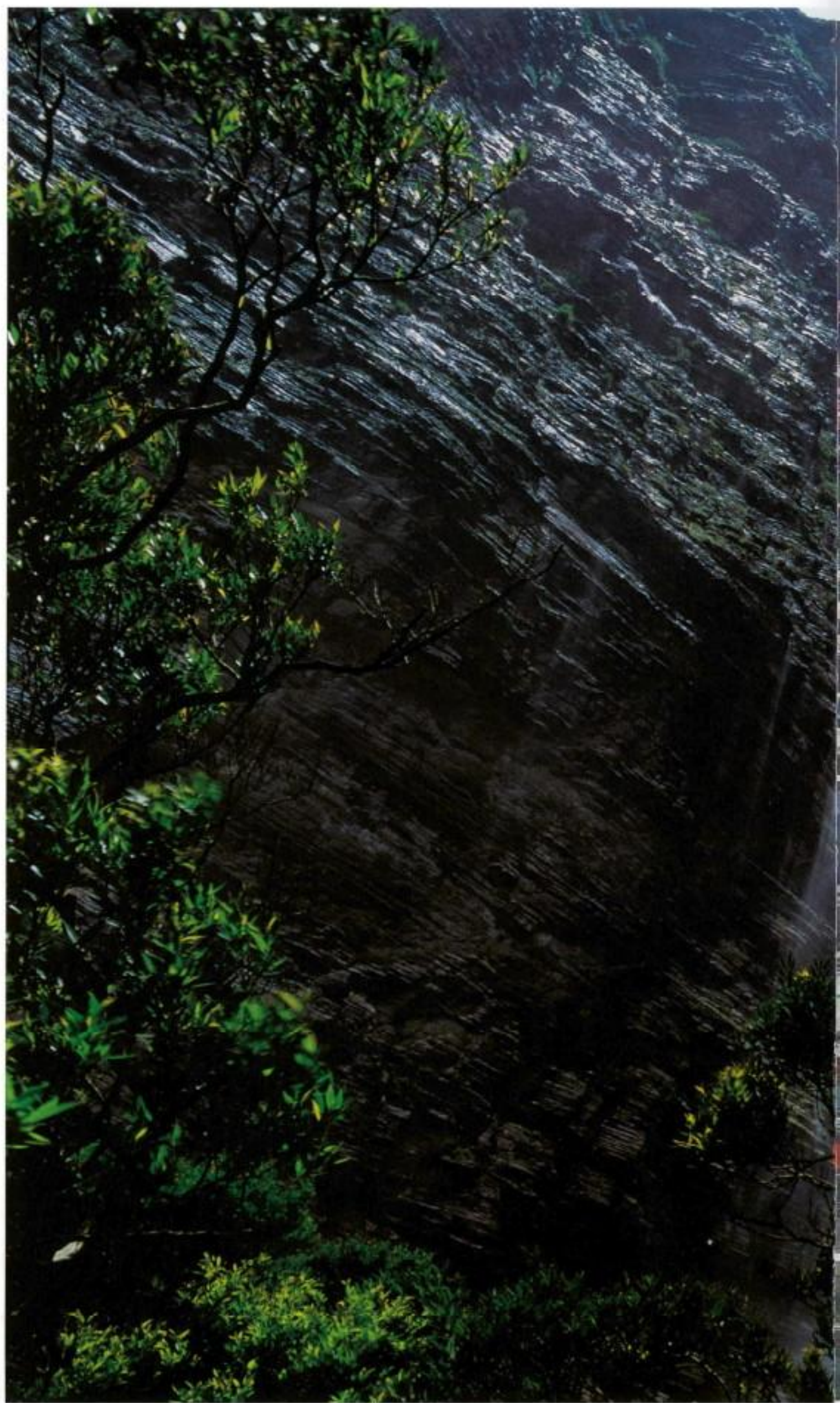




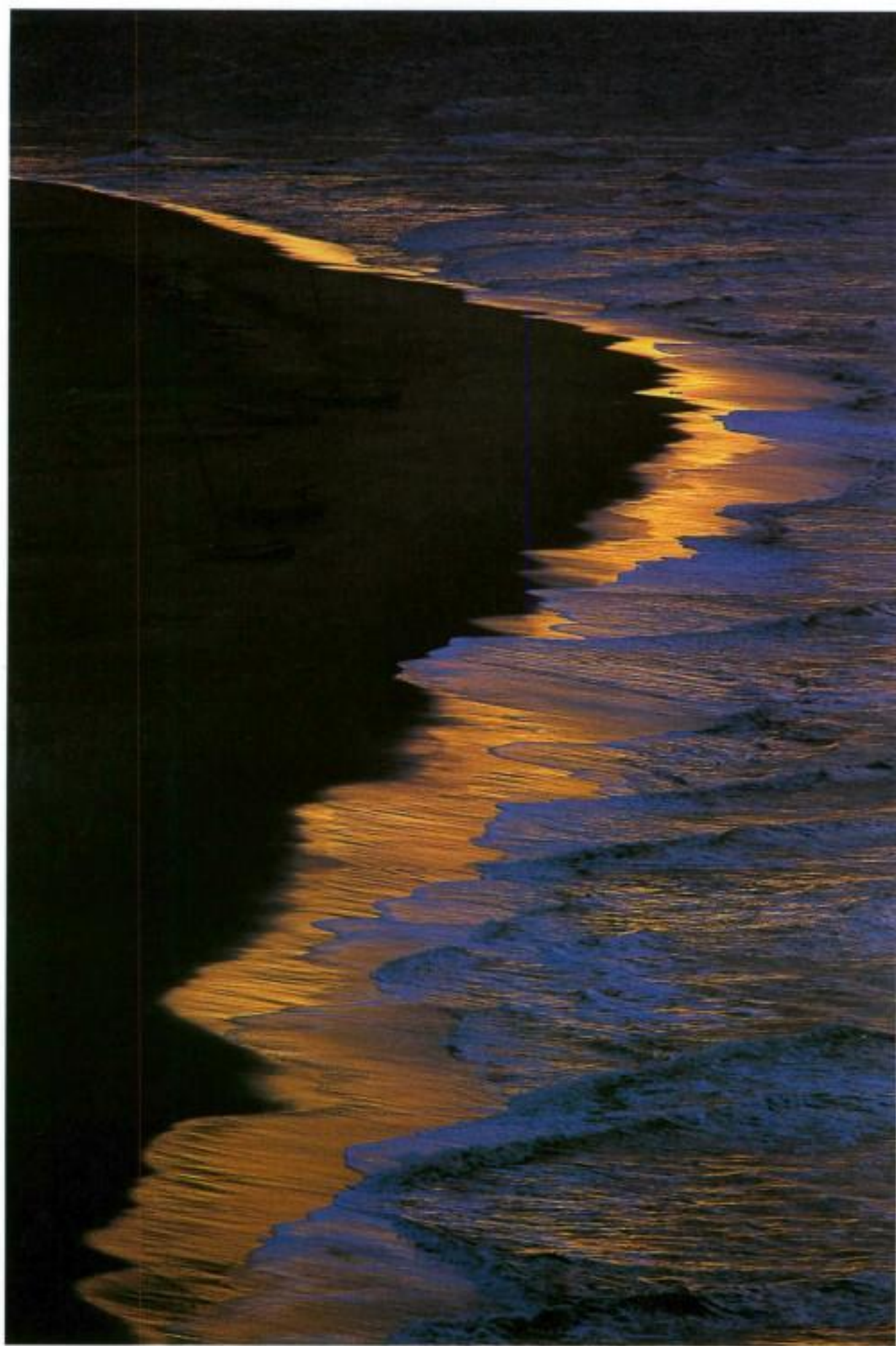


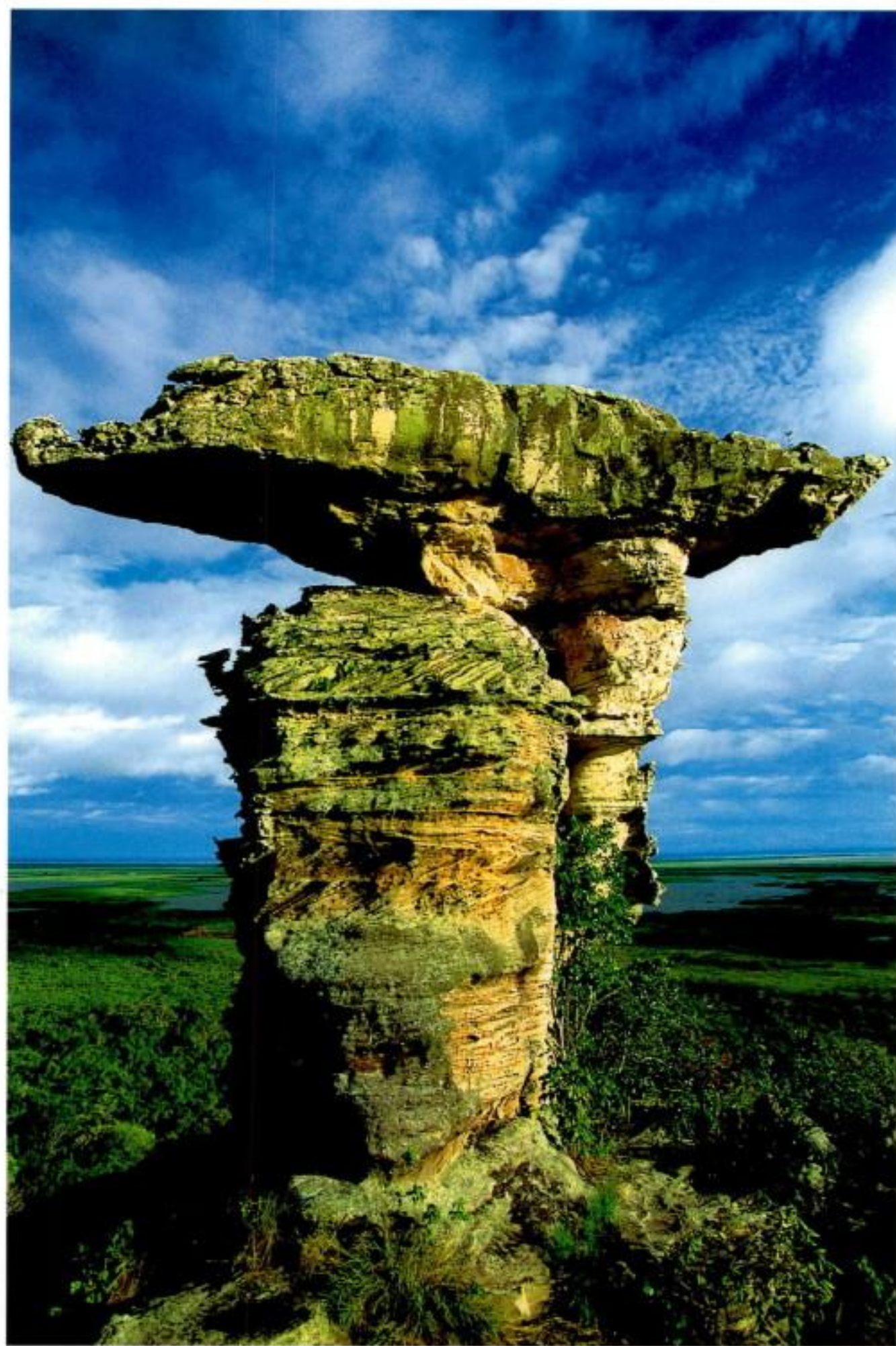


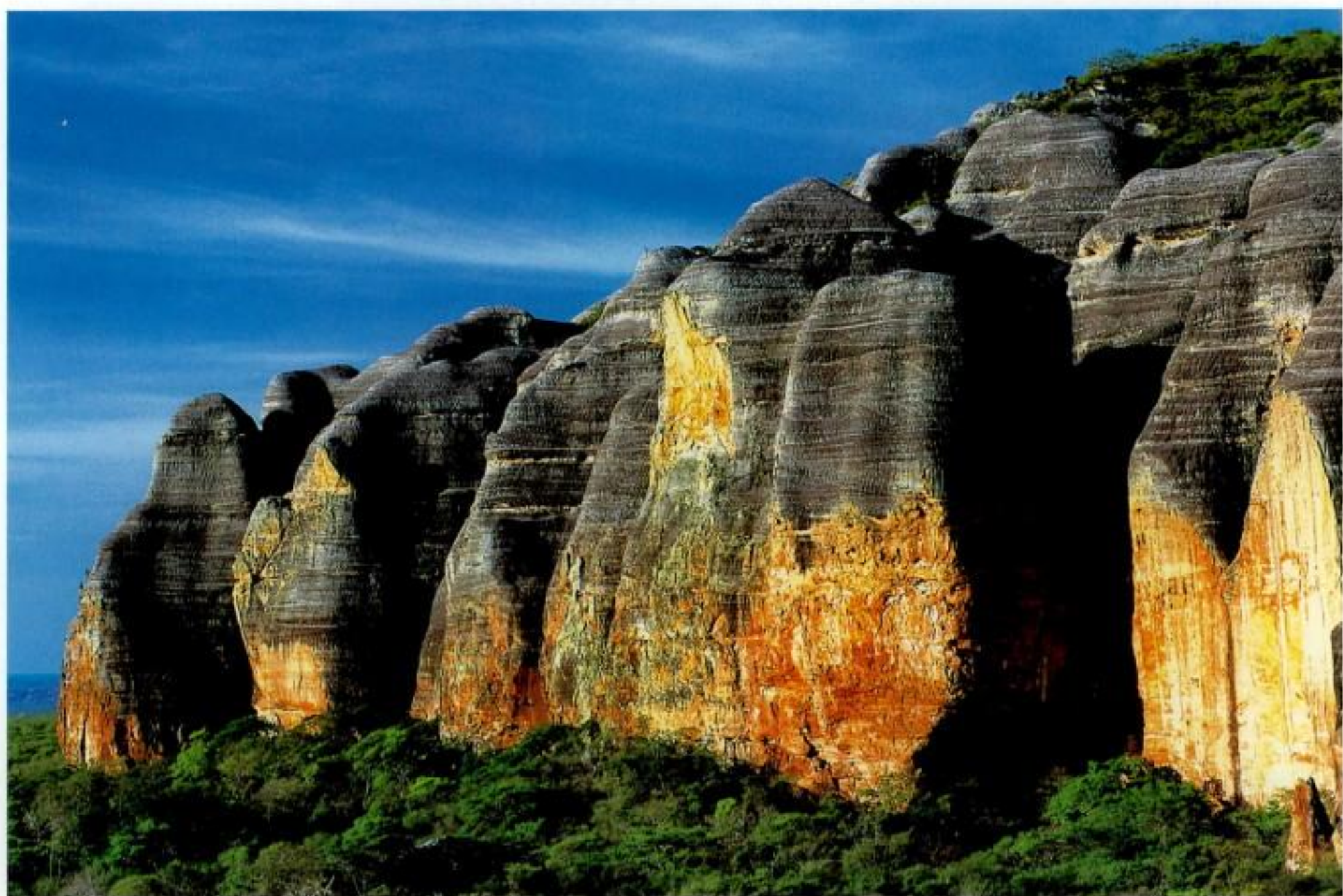








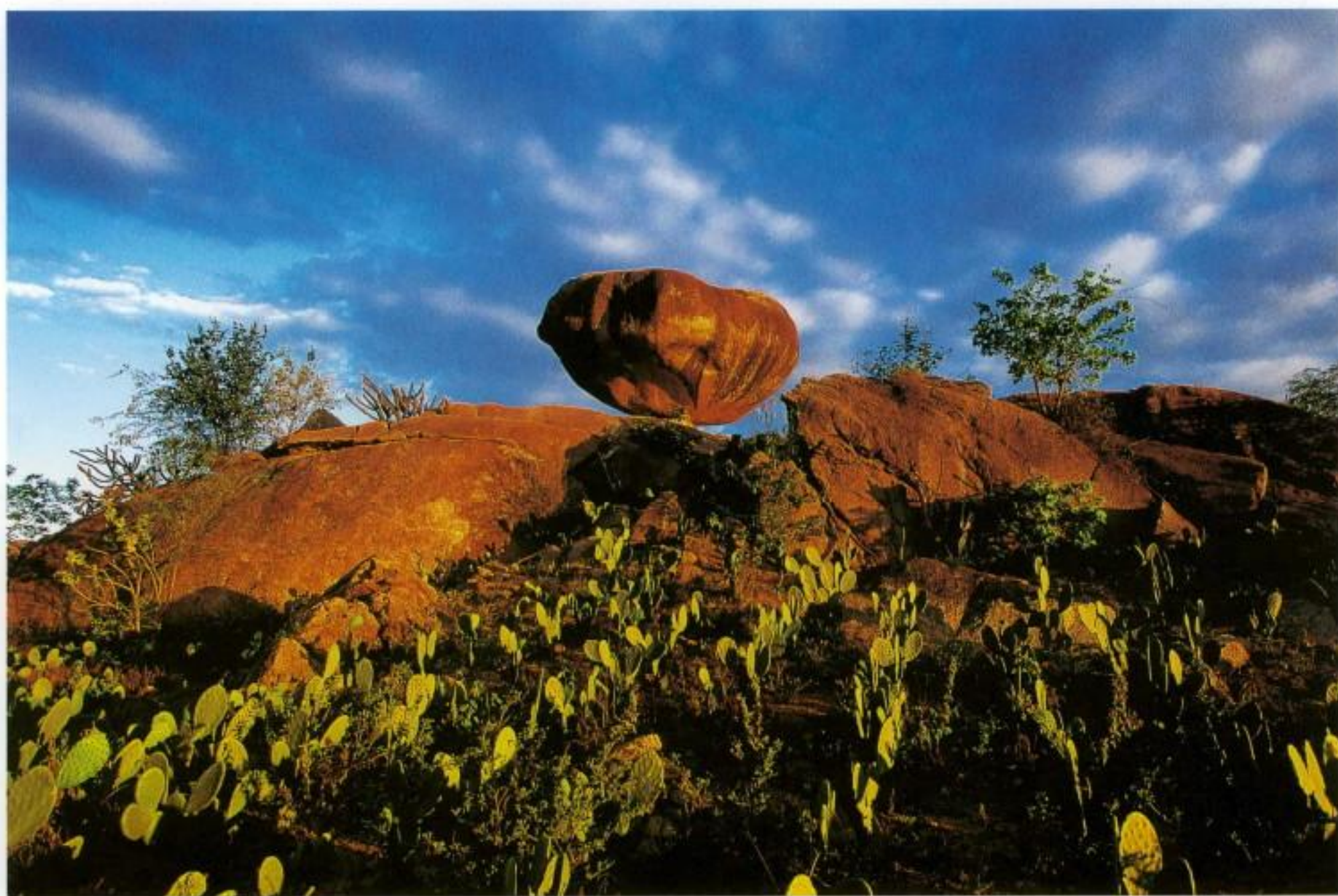


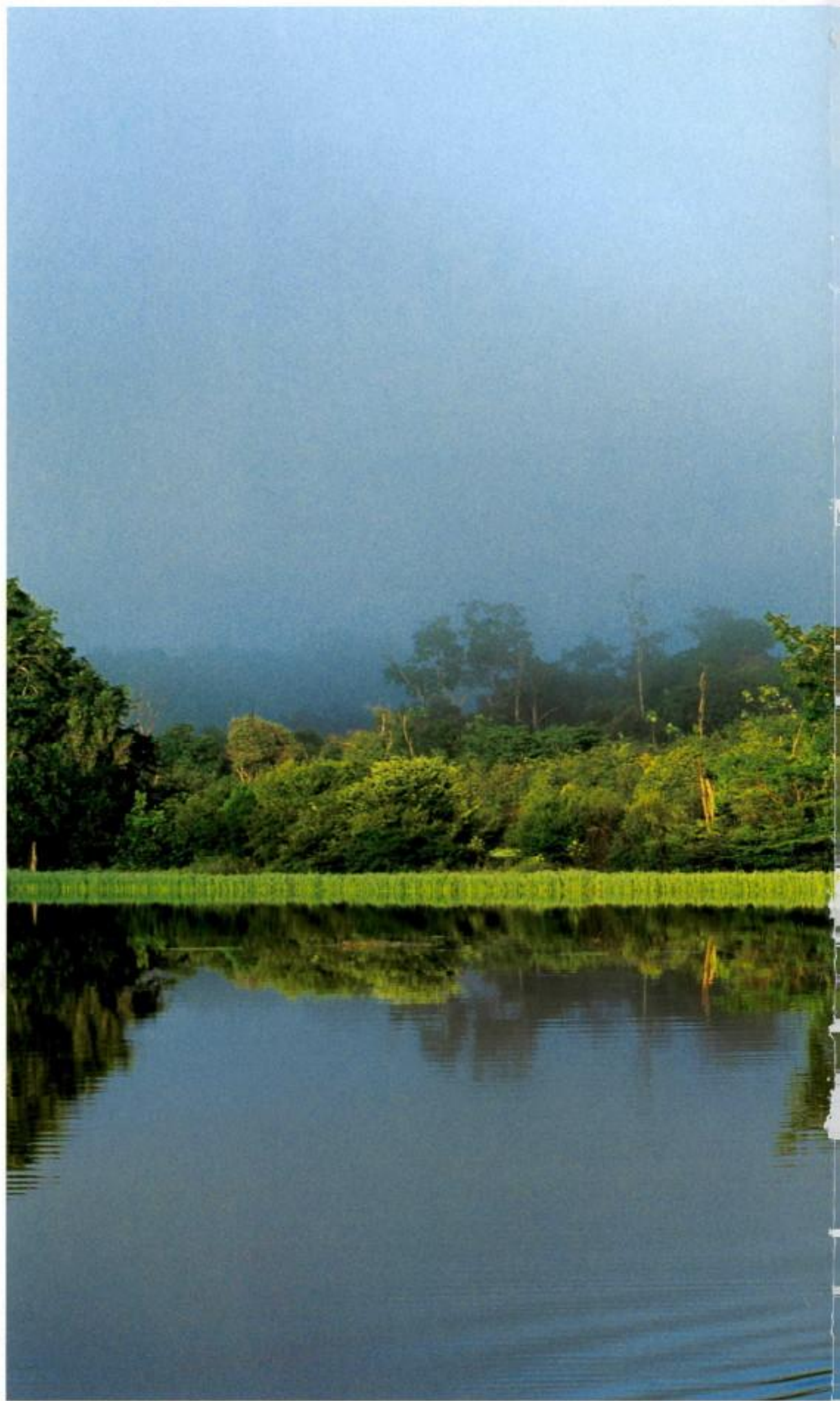


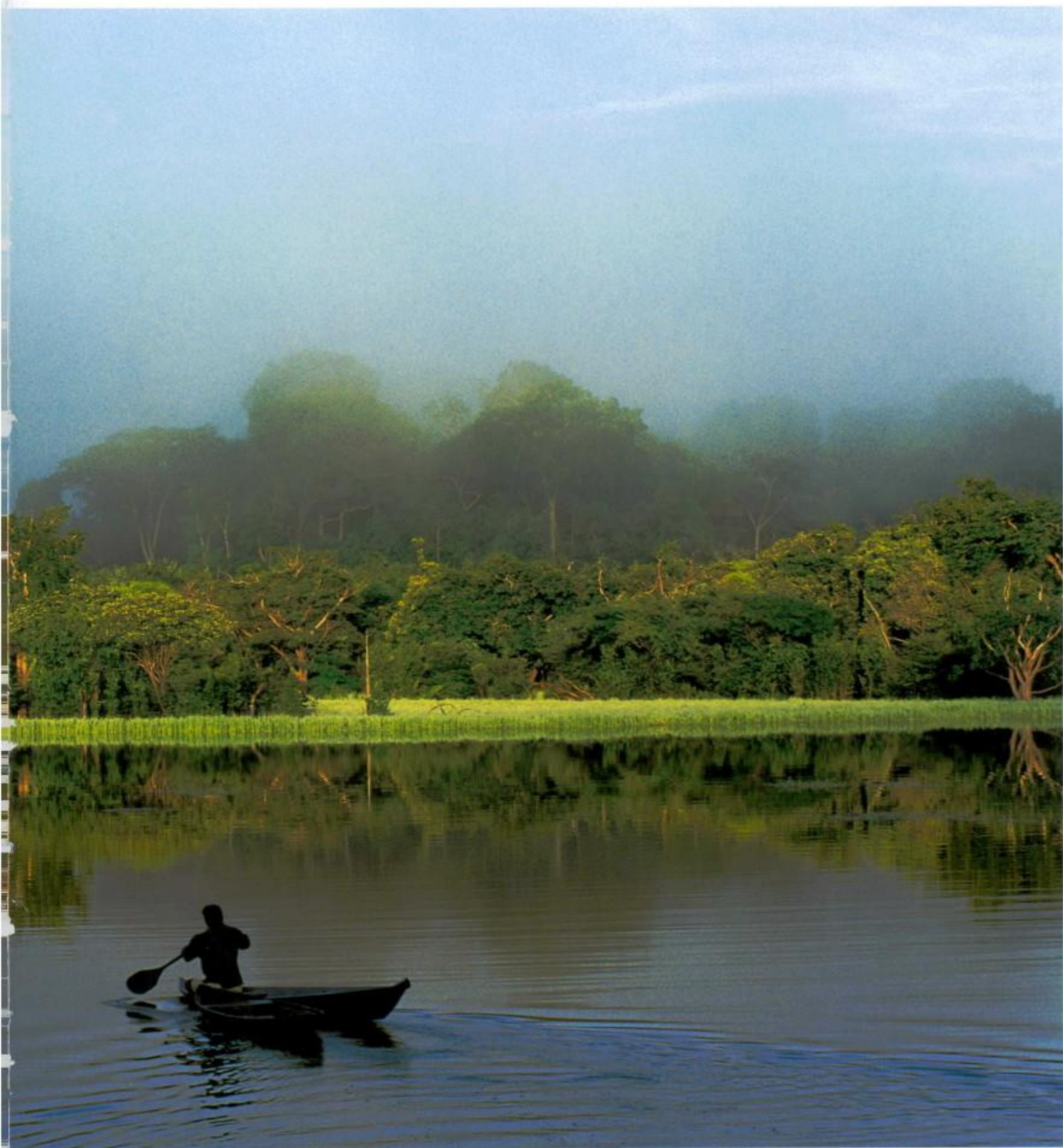








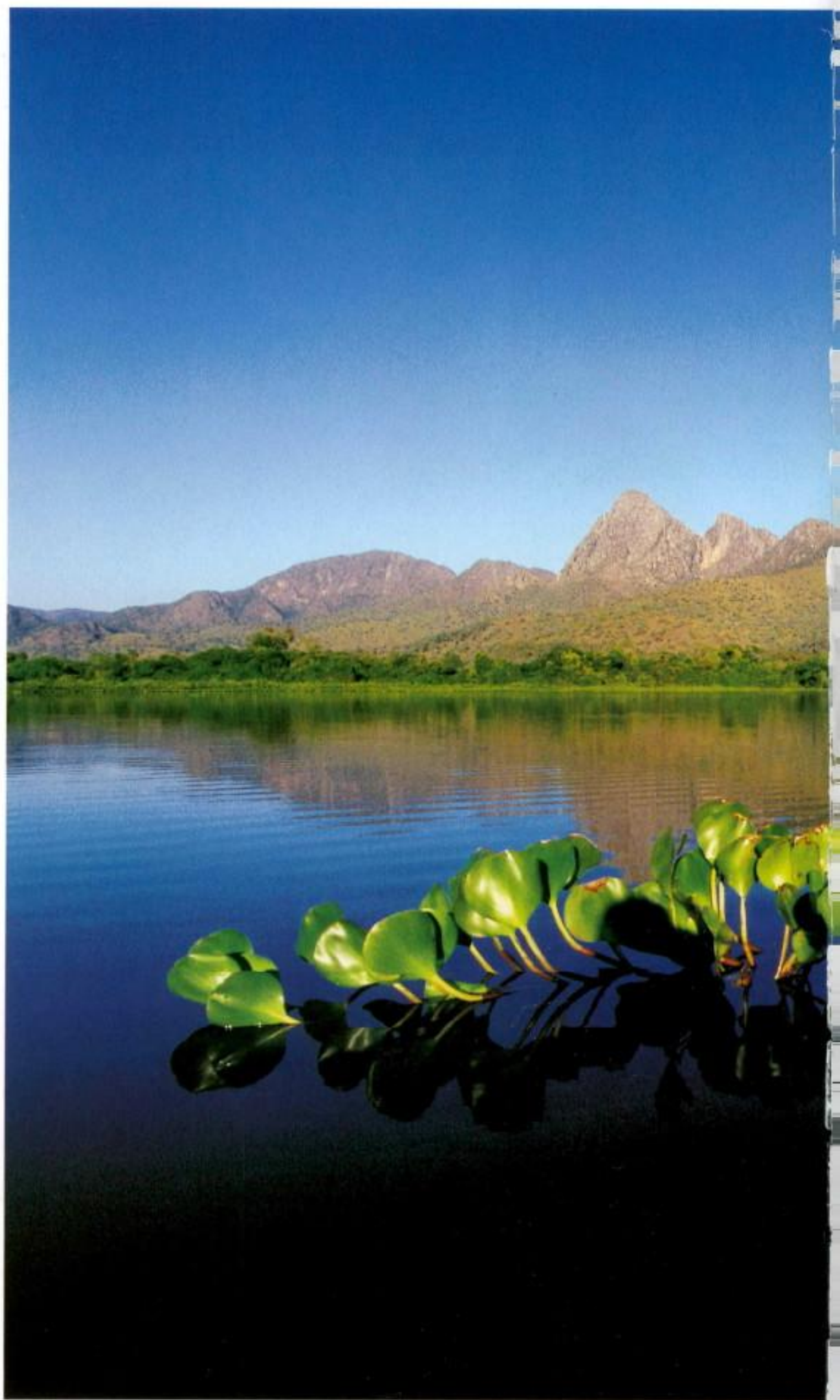




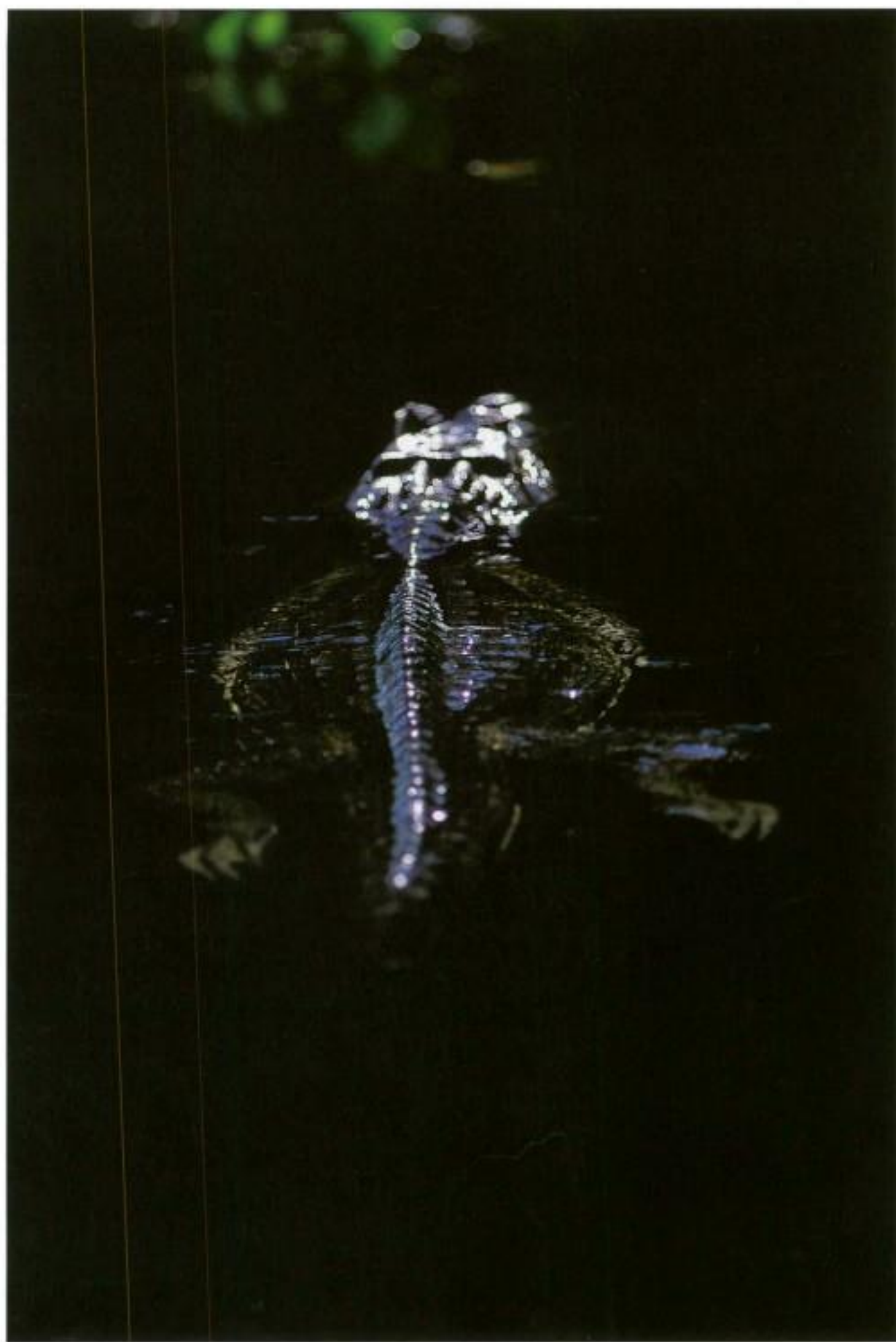












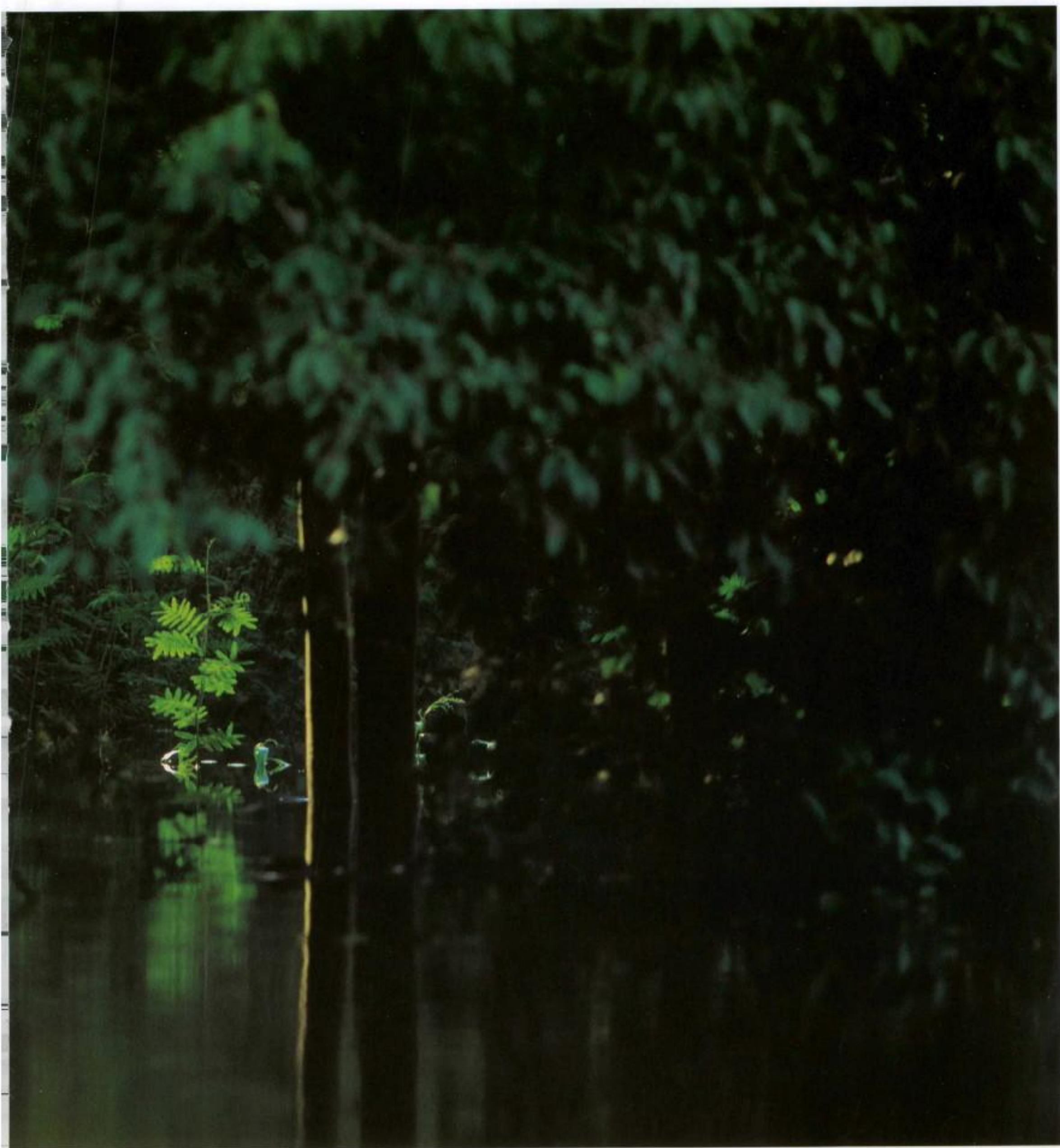








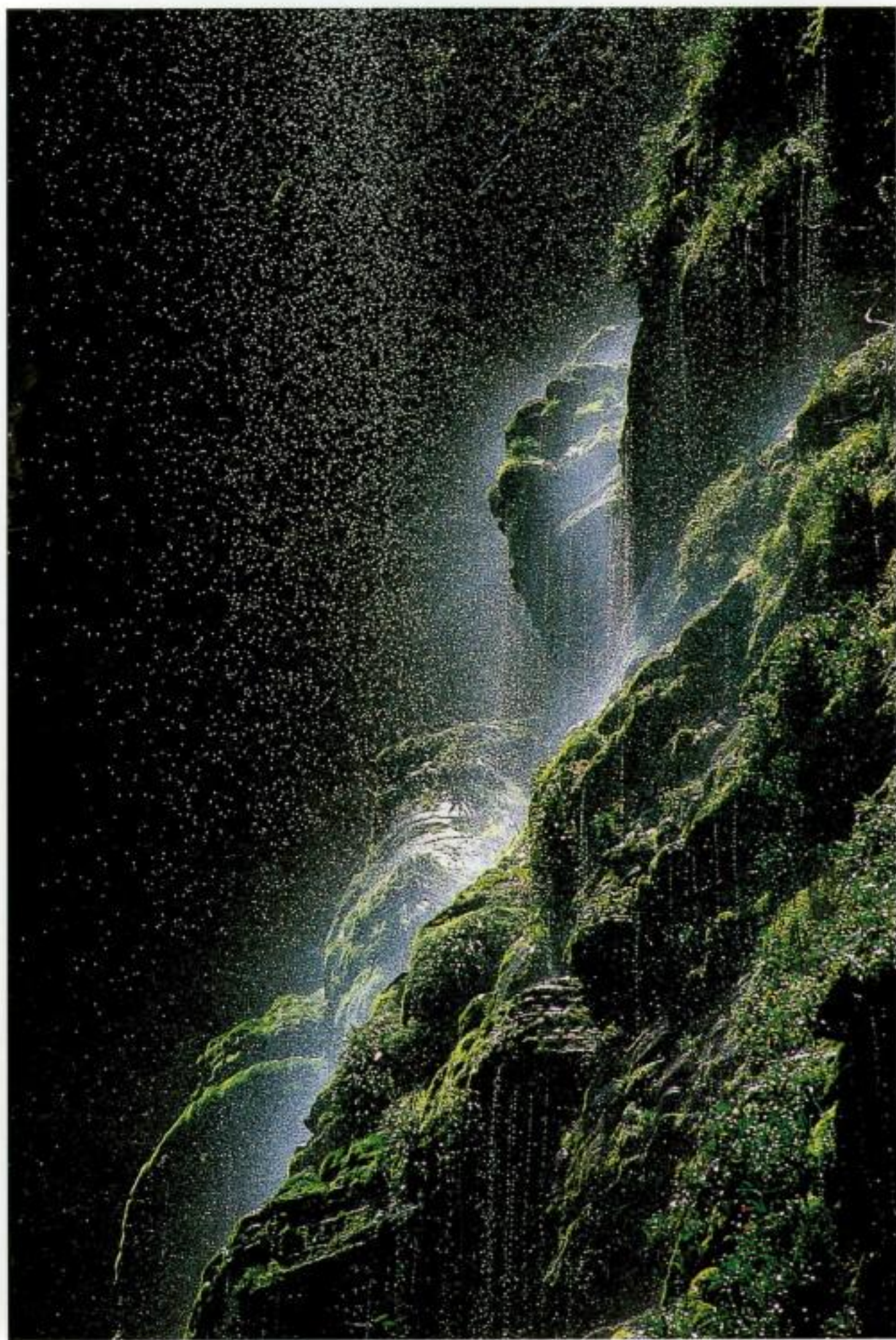


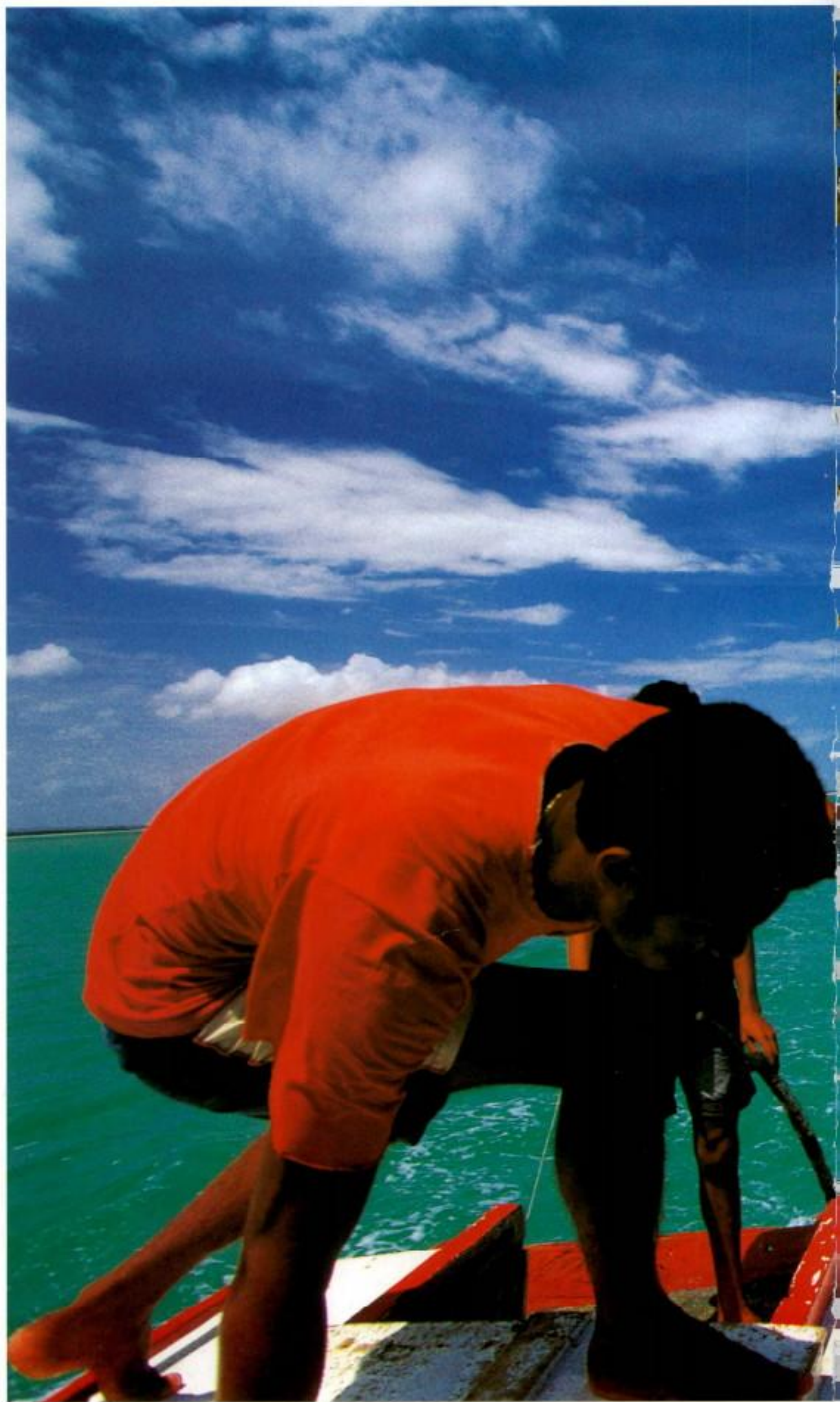










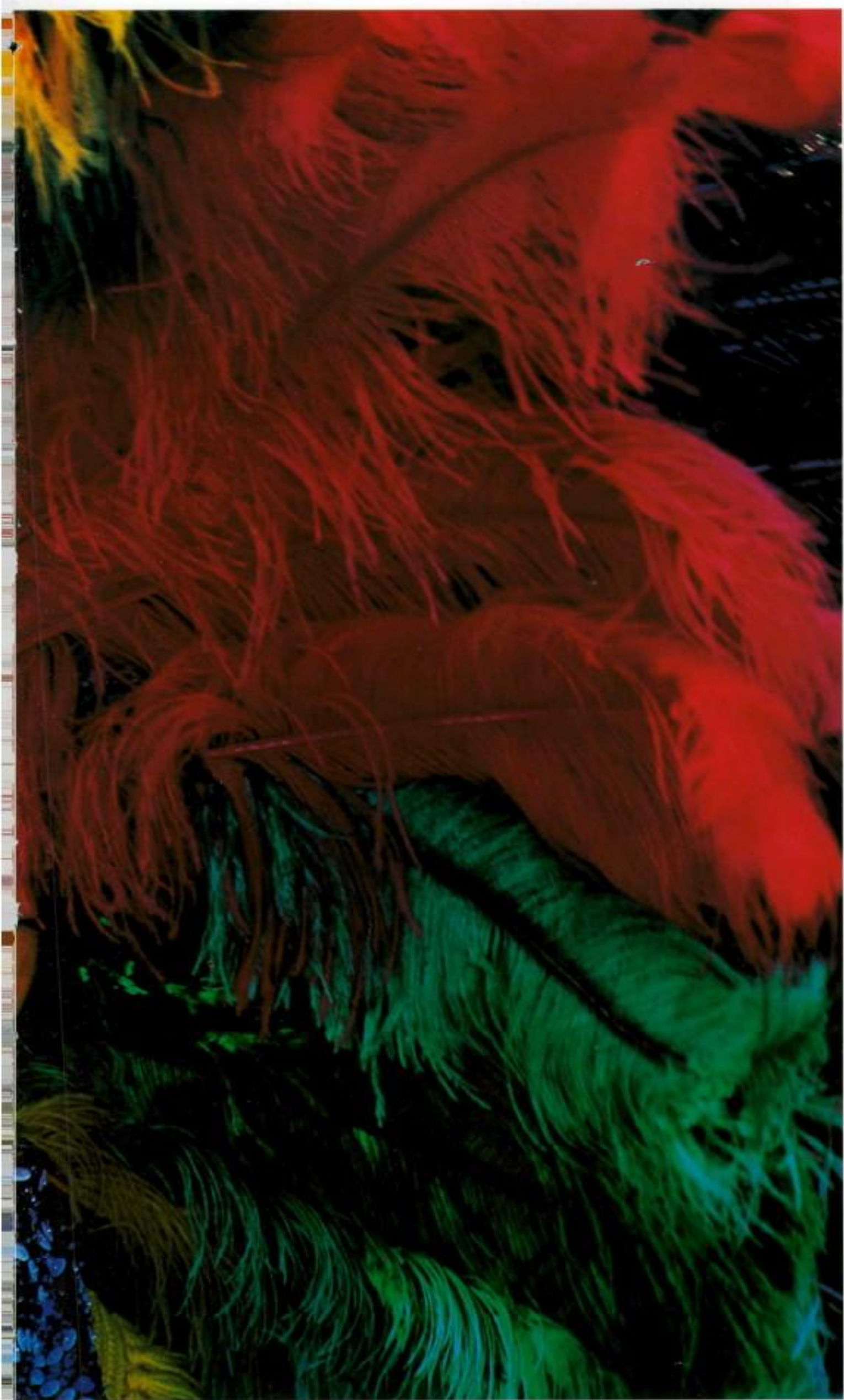






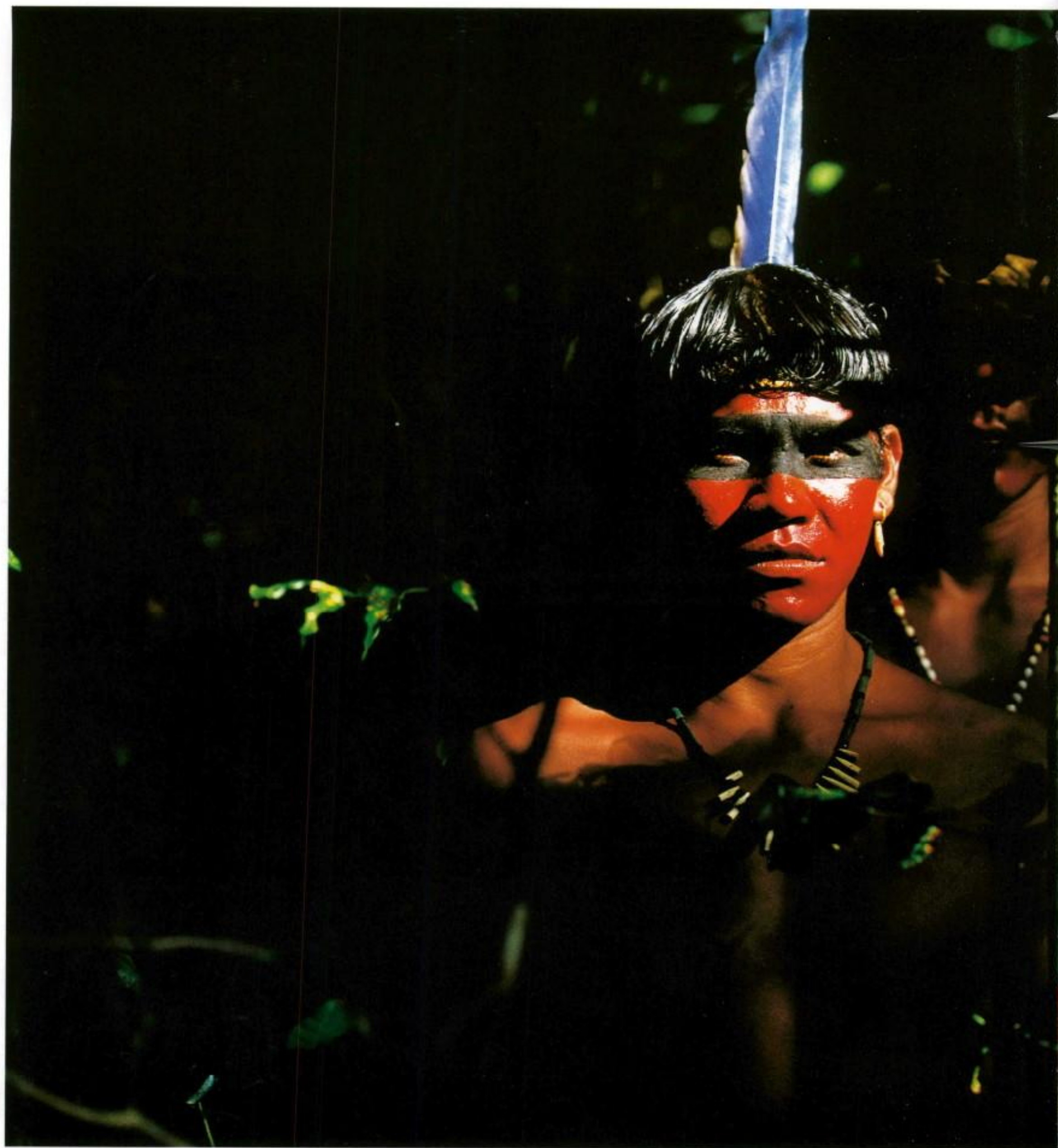












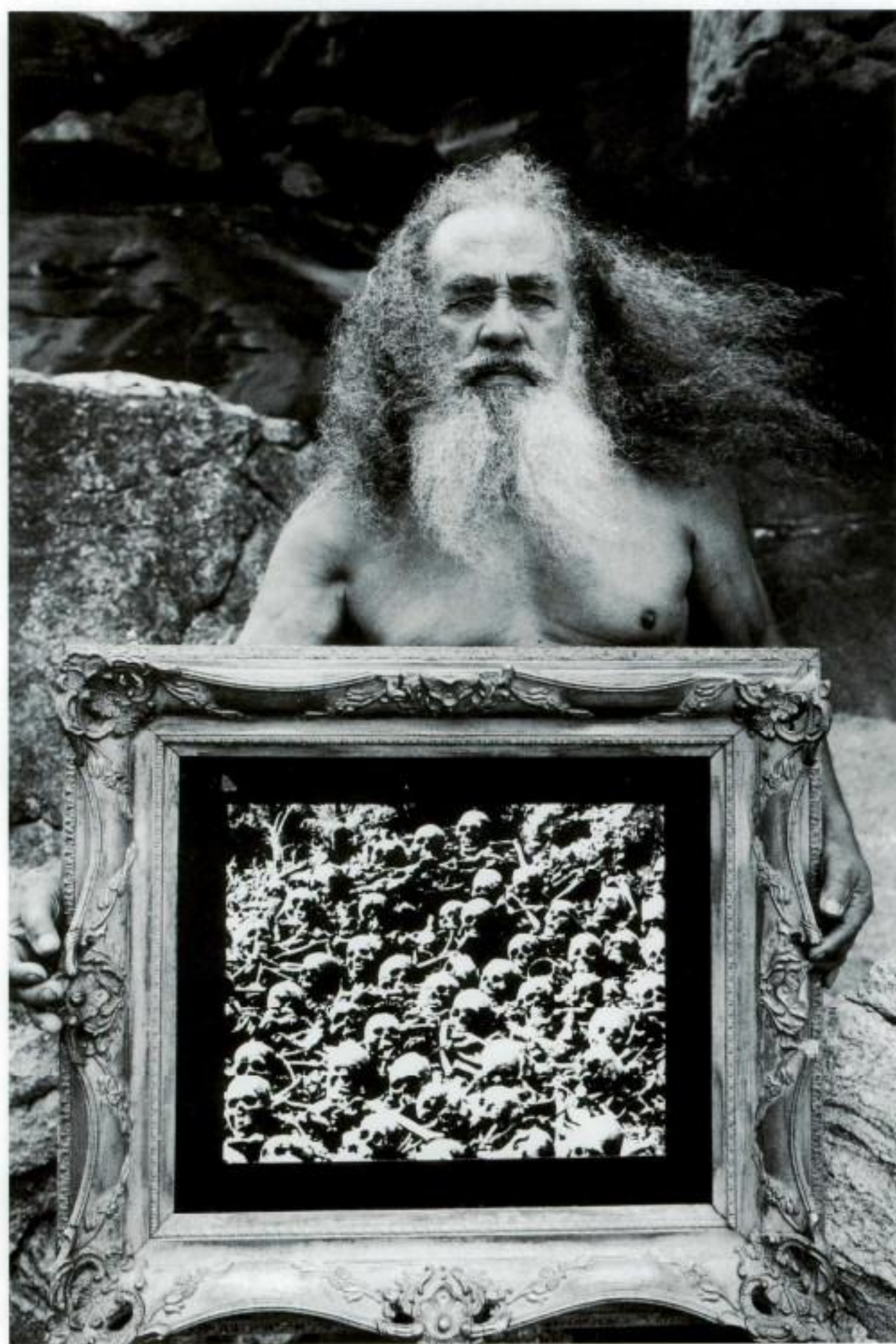


ENTRE AS FRESTAS DOS MUNDOS por Walter Firmo
BETWEEN THE WORLD'S SLITS by Walter Firmo



Conheci a força do olho, e o brilho iluminado de Araquém, quando um dia pousou em minhas mãos a foto de um homem velho, rijo pela envergadura portentosa. Sublimava auréola bíblica. Seus cabelos serpenteantes e levemente embranquecidos escorregavam sobre os ombros nus, lembrando gurus indianos, um fulgor do olhar, tochas acesas de bondade e compreensão infinitas. Acalentava entre os braços uma fotografia ampliada em preto-e-branco, entre um *passe-partout* e majestosa moldura, que decorava estranha confraria de crânios humanos, expostos numa multidão de ossos, a lembrar o holocausto da Segunda Guerra. Aquele velho homem, mestre e sabedoria, era o pai de Araquém. Hoje, Araquém vive de epopéias. Nutre-se de ações heróicas. Irrequieto, quando não está em seu berço imagético – a cidade de Santos –, cheirando o sargaço, mirando a linha que divide o céu e o mar, está buscando entender o sentido da natureza, essa pedra de cal e ímã, rainha dadivosa, mãe das alforrias. Enquanto os alto-falantes dos aeroportos não o chamam para mais uma decolagem, contenta-se em vasculhar o vasto acervo de fotos e cromos, armazenados requintadamente em armários de aço. Apaga a luz na sala de projeção e, como um cicerone, vai mostrando um Brasil fantástico, repleto de rios, lagoas, cachoeiras, florestas, desertos, cavernas, igrejas, nuvens arrojadas, cúmulos-nimbos como berço de urubus. Tipos humanos que olham para a gente, cortantes, famintos, a comerem carne-com-farinha, farinha-com-carne. Hoje, esse senhor das florestas e dos rios é uma alegoria. Transformou-se em lenda, em personagem fabulosa, conhecida, fruto de sua celebração. São tantas viagens, tantos livros, tantos prêmios, tantas exposições, que devo incensá-lo a um patamar agregado de vapores ascendentes, como nuvem tropical, de descargas, que vagalumeia em cada palpebrar, em cada relâmpago. Algumas crianças amazônicas asseveram que esse mestre conversa com araras, ari- ranhas, lontras, galos-da-serra, onças e peixes-bois – por sinal, todos ameaçados de extinção. Como num conto de

I was introduced to Araquém's eye power, and to his shining glow, the day an old man's photograph – a remarkable, stalwart figure of a man – landed on my hands. He seemed to sublimate a biblical halo. His slithering hair, slightly turned gray, reminded me of a Hindu guru, with burning eyes that looked like torches of endless kindness and understanding. In his arms, he cuddled a large frame that decorated an enlarged black-and-white photograph. This photograph showed a weird confraternity of human skulls, a multitude of bones that made one think of the Nazi Holocaust. That old man, a master embodying wisdom, was Araquém's father. Today, Araquém lives on epopees. He feeds on heroic actions. He is restless. When he is not in the cradle of his imagery, the city of Santos, in São Paulo State, scenting the sargasso, contemplating the horizon line that divides the sky from the sea, he is trying to get to the sense of nature – that limestone, that loadstone, that generous queen, the mother of all emancipations. As long as airport loudspeakers do not call him for another take-off, he is contented to rummage through his vast collection of photographs and transparencies, exquisitely stored in steel files. He turns off the projection room lights and, like a cicerone, shows a fantasy Brazil, full of rivers, lagoons, waterfalls, forests, deserts, caves, churches, lepid clouds, nimbi that resemble beds for *urubus*, the Brazilian black vultures. In his images, people look at us, and they are harsh, hungry with their monotonous diet of jerked beet and manioc root flour. Araquém, this lord of the forests and rivers, has turned into an allegory. He has become a legend, a fabulous character, well known, the result of the visual celebration himself has carried off. There are so many trips, so many books, so many awards, so many photo exhibitions, that I have to put him on a level so high it is like a tropical cloud, full of electricity, flickering with every eyeblink, with every lightning. Some Amazon kids claim this master can talk to the macaws, the giant river otters, the gamecocks, the jaguars and the manatees (all endangered





fadas, ele revive a fábula. Ao penetrar na floresta, os animais já o esperam ciosos de que nada de mau lhes acontecerá. Como num passe de mágica, e graças à chegada do moço, refaz-se o paraíso. Aí, exercitando paciência e contemplação, amigas intransferíveis, fica no aguardo da caça, às vezes em total desconforto, embaixo de nuvens de pernilongos e em meio ao calor excessivo, com os pés enterrados na lama, na contrição que molda seu espírito. Prefere não dormir para sentir permanentemente os aromas da selva, sua verdadeira casa. Uma vocação amorosa de se entrelaçar às trepadeiras, bromélias e cipós, horas maritais diurnas, procurando a flor ou o passarinho. Imagino um Araquém sacerdote, trabalhando o bem desses santuários, comunicando-nos com suas lentes que o paraíso existe – ou que nos é roubado, pouco a pouco, diariamente, santas imagens de arvoredos decapitados levados na carroçaria de caminhões, crianças dormindo famintas, índios morrendo de malária e tuberculose. Discursos de cidadania. E, nesta terra tão rica e tão desigual, o autor fotográfico aperfeiçoa-se, buscando a síntese e a simplificação, capturando a luminosidade com a melhor tecnologia possível, exigindo a cada dia muito mais de si mesmo. Tanto faz se é cor ou preto-e-branco. De posse da cor ele embala a paisagem, banquetando-se, como uma onça-pintada, a comer sua presa, refestelando-se de azuis, púrpuras e amarelos. Saboreia com os olhos toda a cor do país nos casebres refletidos, no êxtase jubilado das danças folclóricas, nas falésias envoltas pela luz diáfana do fim da tarde, nas cascatas que se espicham serpenteantes, na pureza do cacto ereto, no vôo das borboletas, no eterno entardecer translúcido até demais. Depois, singra a delicadeza dos cinzas margeados pelo branco e pelo preto, mirando caçadores, laçando vaqueiros, silhuetaando tipos harmoniosos, aboiando boiada. E crianças enlameadas defronte a casas humildes, homens sem camisa na casa de farinha, o menino que nada num rio de papel celofane, a onça submersa que morde um galho da árvore. É a carruagem do seu preto-e-branco casto, uma procissão seguindo em paz. Este livro conta a saga da gente brasileira, numa viagem prazerosa pro-

species, by the way). As in a fairy tale, Araquém revives the legends. When he enters the forest, animals can be sure nothing bad will happen to them. As if by magic, thanks to his arrival, paradise returns. Then, exercising much patience and contemplation (those inseparable friends of him), Araquém waits for his quarry, sometimes in utmost discomfort, under clouds of mosquitoes, suffering terrible heat. There, his feet deep in mud, he waits with that contrition that informs his spirit. He prefers to stay awake, so that he can scent all the fragrances of the jungle, his true home. Araquém has a special gift for lovingly consorting with the climbing plants, the bromelias, the lianas, in the marital embrace of the early hours, when he goes looking for a flower or a small bird. I can picture Araquém as a priest, working for the good of those sanctuaries, saying through his lenses that paradise exists – or that paradise is stolen from us, gradually, day by day, with the unholy sight of razed woods that are carried away by trucks, of children that have nothing to eat, of Indians that die of malaria and TB. And some people talk of citizens' rights... In Brazil, that land so rich and so unjust, the photographic author perfects himself, seeks after synthesis and simplicity, capturing light with the best technology available, demanding more and more of himself. It does not matter if it is black-and-white or color photography. If it is in color, Araquém fondles the landscape, enjoying himself like a jaguar that feasts on its prey, relaxing in a world of blue, purple and yellow tones. With his eyes, he relishes all the colors of Brazil, the colors of shacks, of ecstatic folk dances, of sea cliffs surrounded by the late afternoon light, of splashing waterfalls, of the purity of the cactus, of the butterflies' flights, of an everlasting twilight that seems almost impossibly translucent. Then, he sails through the delicacy of grays bordered by black-and-white, targeting hunters, lassoing cowboys, herding cattle, outlining harmonious types. Plus children splattered of mud in front of humble housings, shirtless men in the *casa de farinha* (manioc root mill), a young boy swimming in a sea of cellophane, a half-submerged jaguar biting a tree branch. All this is Araquém's chaste, black-and-

duzida por um menino que queria ser do mundo das letras, mas se fez gnomo, transformando a realidade em sonhos e os sonhos em realidade. Os objetos kitsch nos mocambos praianos, as fábricas e chaminés e canteiros de obras, os catadores de caranguejo, a vendedora de plantas que clorofila seus dias na ilusão ambulante da esperança. E os índios na pureza do limão, as cenas noturnas e seus neons desmaiando quimeras, as jangadas e seus homens, os passarinhos que fazem da lua sua morada, a elegância dos coqueiros, o repouso das vitórias-régias, os gaviões, tuiuiús e flamingos, macacos, preguiças e veados, calangos e papagaios, serpentes, colhereiros e jacarés, o Brasil do arco-íris com seus navios encantados. Fábula de fimbrias, narração alegórica, mitologia criada pela lente do olhar superior, fantasia de um indivíduo que acredita na realidade dos acontecimentos. Brasil iluminado é esse cântico apaixonado de um homem convertido em poeta, que vislumbra seu país como uma nuvem vaporosamente cromática, sensorial. Como os cartões-postais esvoaçantes das gaivotas sob o céu afortunadamente belo do pôr-de-sol, em sua liberta infância, a bordo do navio cargueiro *Guaracy*, quando navegava abraçado a seu pai, Queco, o cozinheiro. O pai, também contador de histórias, também sonhador e navegante, seu primeiro guia, mostrando a força das coisas mais simples. Ostentava um rosto de monge chinês, dormia humildemente sobre um fino colchão ao lado de seus santos e suas orações, seus sagrados. Exatamente como o filho, em outras florestas, sobre outras pedras, junto a outras divindades – Xangô, orixá nagô, divindade das tempestades, raios, trovoadas, deus da Justiça. Qual o espírito que orienta os olhos desse Araquém Alcântara? Que idolatria nacionalista é causa dessa epifania? Como esse aprendiz de gênio conseguiu criar-se? Aonde chegará essa utopia visual se ele viver mais cem anos? Entre as frestas dos mundos, do velho e do novo, que esse moleque de navio subtraia, despoje, se aproprie, fuja trazendo a nossos olhos a emoção suada de seus atores, no veio da lira do povo. Furte para si e roube para nós todo o seu sentir. Amém.

white carriage, a peaceful procession. This book tells the Brazilians' saga, and it is the pleasant journey made by a boy that wanted to be a man of letters but became a gnome, turning reality into dreams and dreams into reality. The kitsch bric-a-brac of seaside skacks, the factories and smokestacks and site offices, the crabbers, the street peddler of plants that spends her days in a wandering illusion of hope. And the Indians in their citrinous purity, the night scenes with their neon lights that seem to pour out chimeras, the *jangada* fishing rafts and their crews, the little birds that seem to make a home in the moon, the elegance of coconut palms, the repose of royal water platters, the hawks, wood ibises and flamingoes, monkeys, sloths and deers, sand-divers and parrots, snakes, spoonbills and caymans – the Brazil of rainbows and their enchanted ships. It is a fable at the fringes, an allegoric tale, a mythology created by the lenses of a superior eye, the fantasy of an individual that believes in the actuality of things. This book is an impassioned chant by a man turned poet, a man that sees his country as a sensory, vaporously chromatic cloud, like the fluttering seagulls in the skies of his childhood – a postcard image of fortunate happiness at sunset, when Araquém lived aboard the freighter *Guaracy*, always close to his father, Queco, the ship's cook. Queco was also a raconteur, also a dreamer and a navigator, Araquém's first guide, showing him the power of simple things. The father had the face of a Chinese monk and slept on a humble mattress, with his saints and his prayers, his sacred things – just like the son would do, in other forests, on other stones, with others deities, and one comes to think specially of Shango, a Yoruba divinity that is the lord of the thunder and the lightning, the god of justice. What spirit guides the eyes of Araquém Alcântara? What patriotic veneration produces such an epiphany? How did this photographer of genius invent himself? If he lives a hundred years more, where will his visual utopia get to? Between the slits of the world – the old world and the new one –, may this man, a ship's urchin, keep taking images away, stealing them, fleeing to bring us the sweated emotion of his actors, playing the people's lyre. May he pilfer for himself, and for us, all that feeling. Amen.



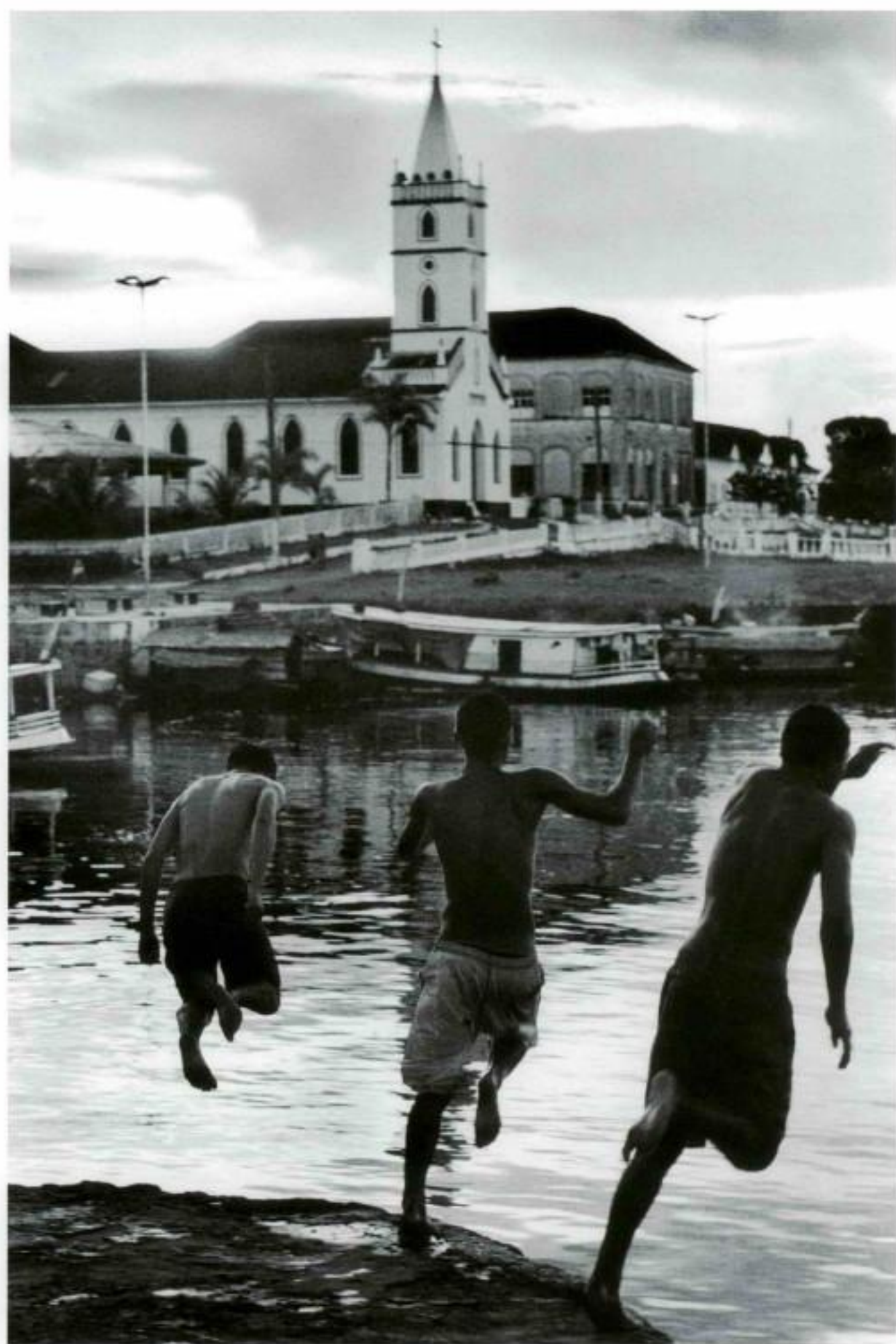


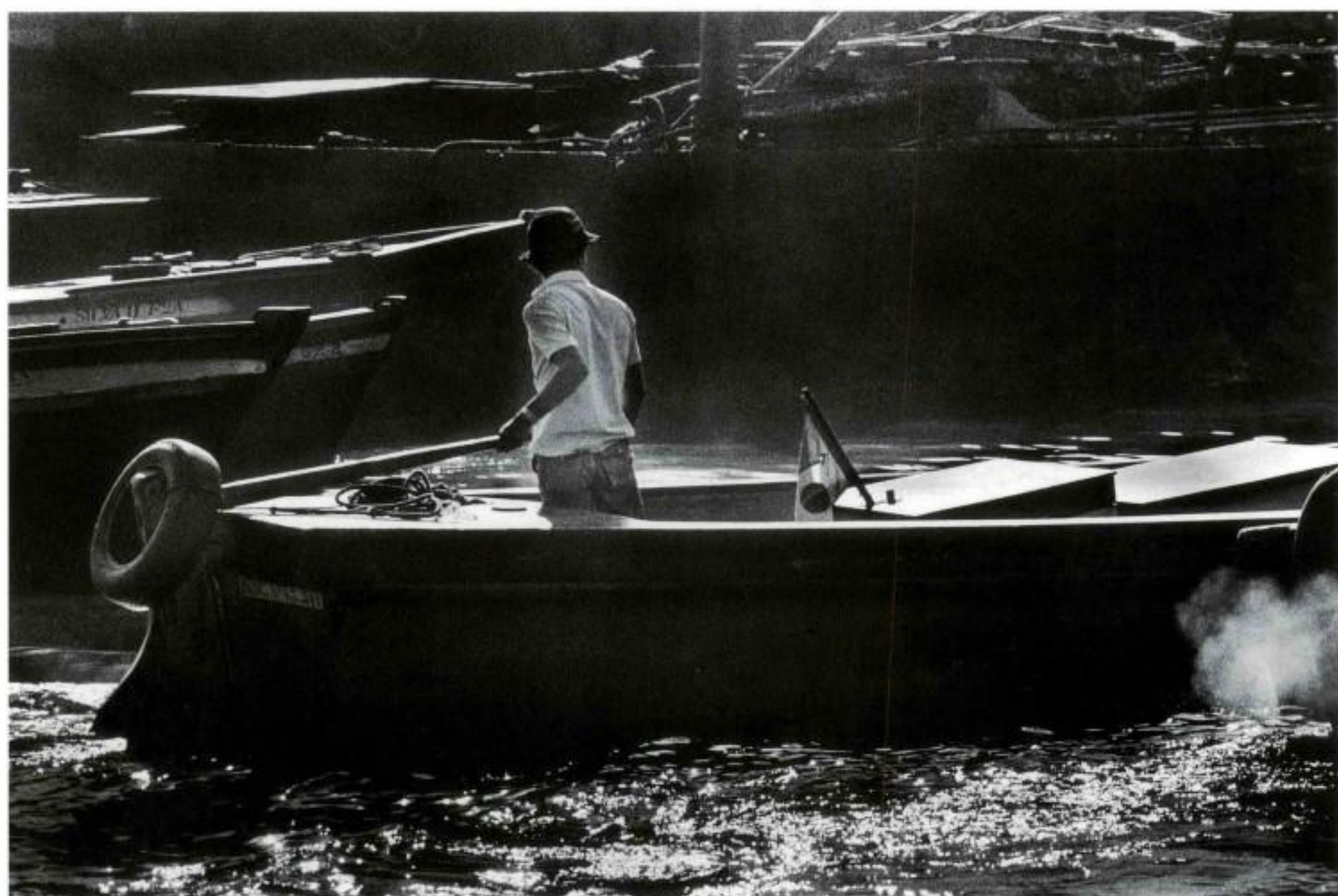


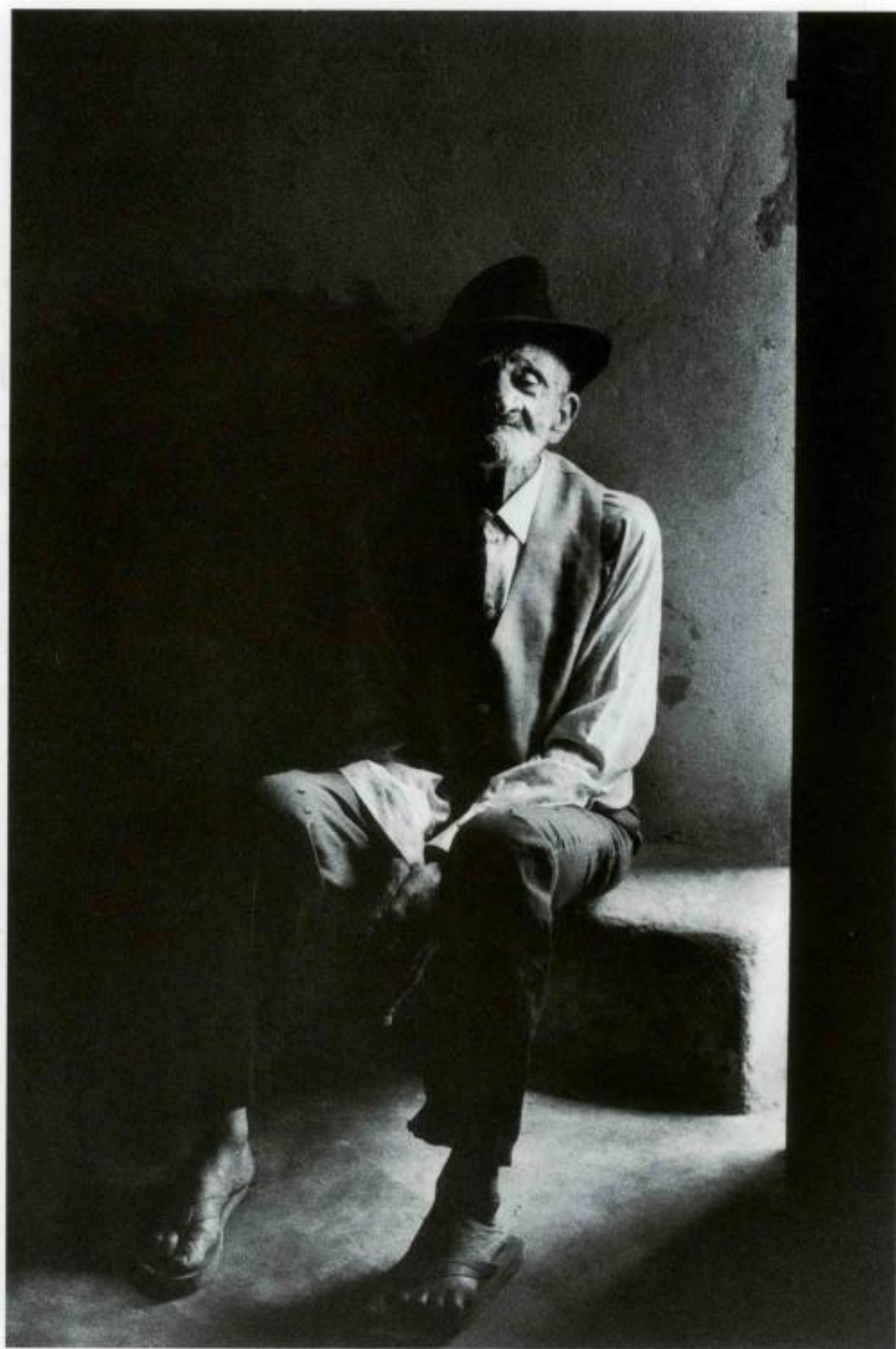




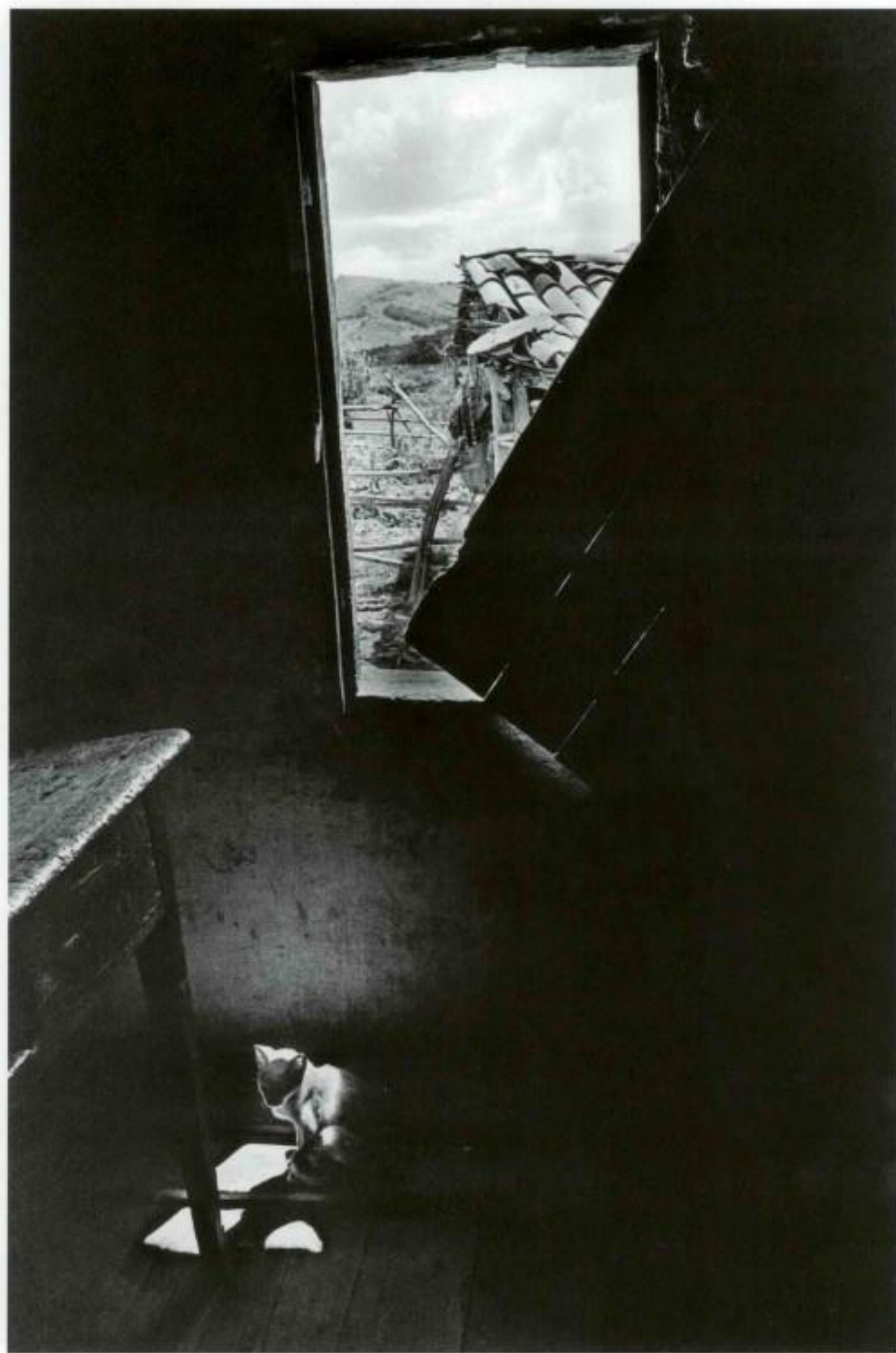


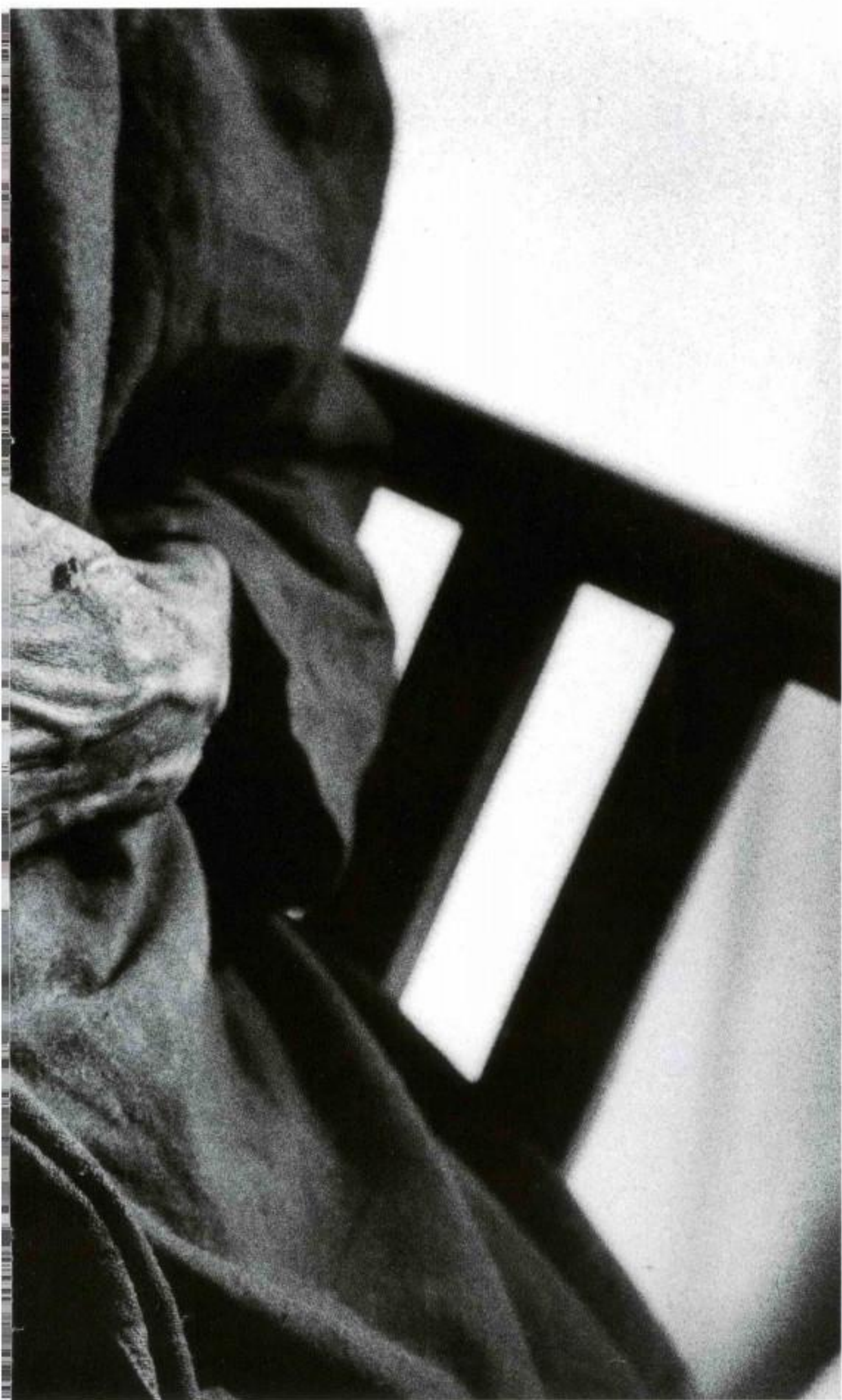






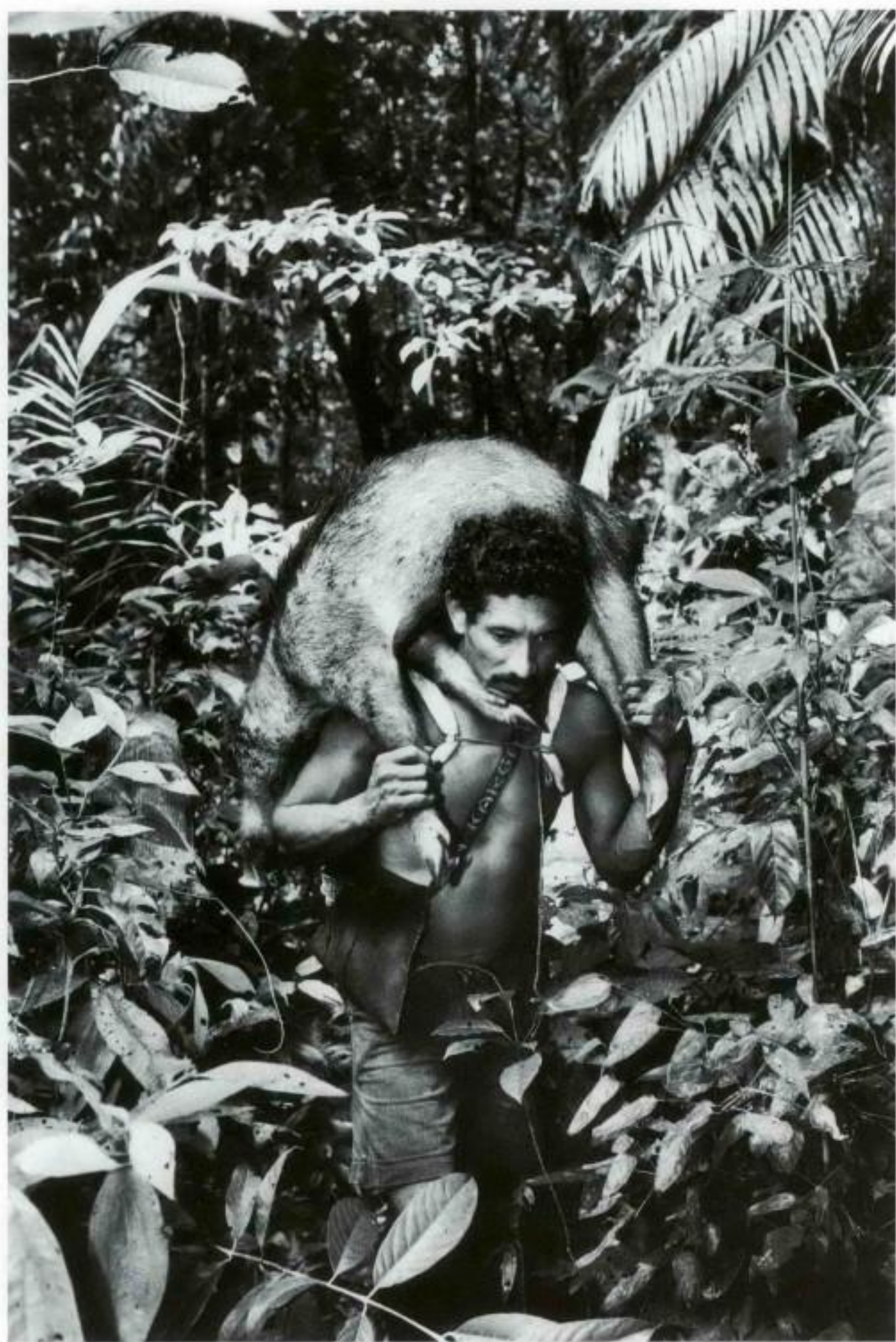




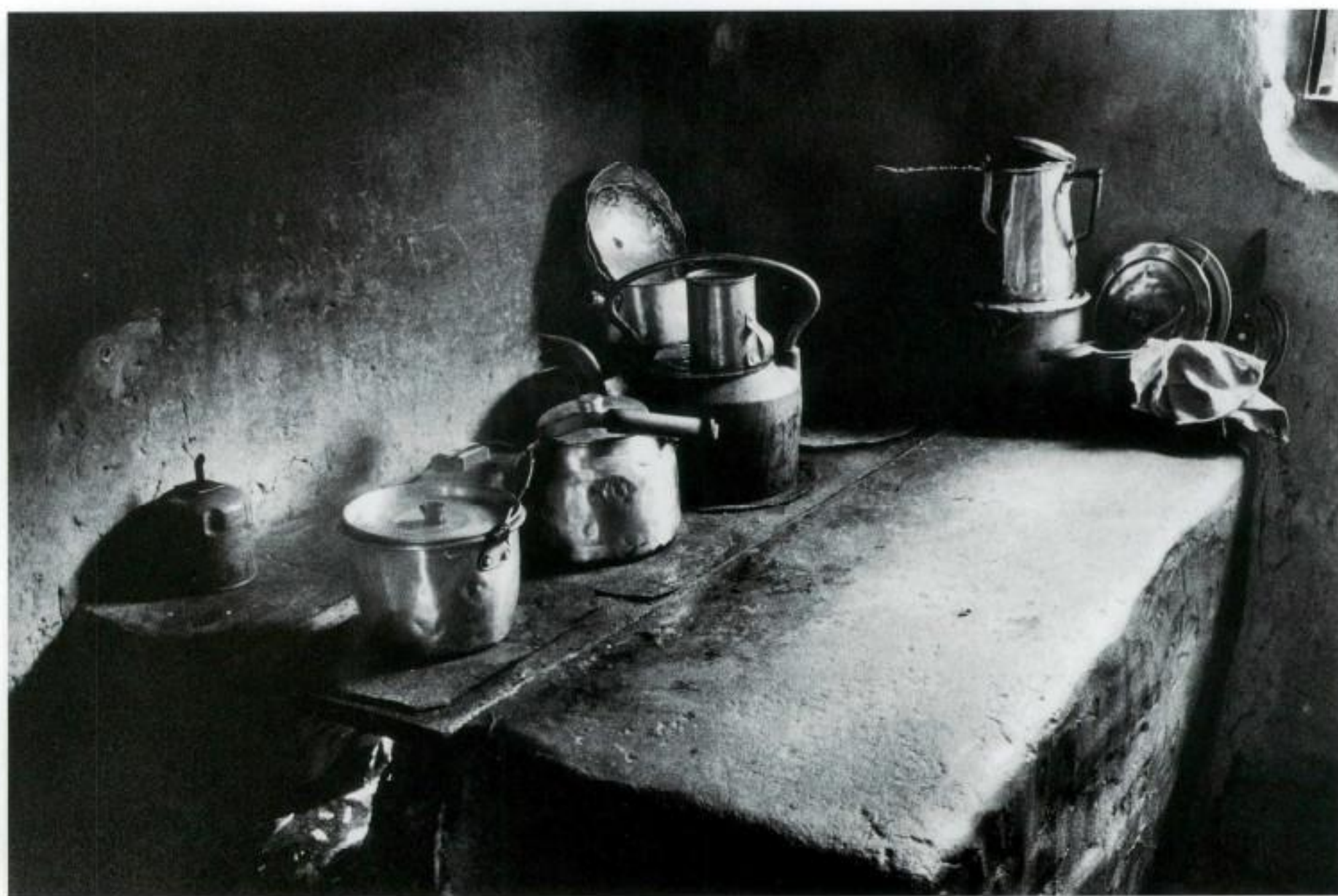


























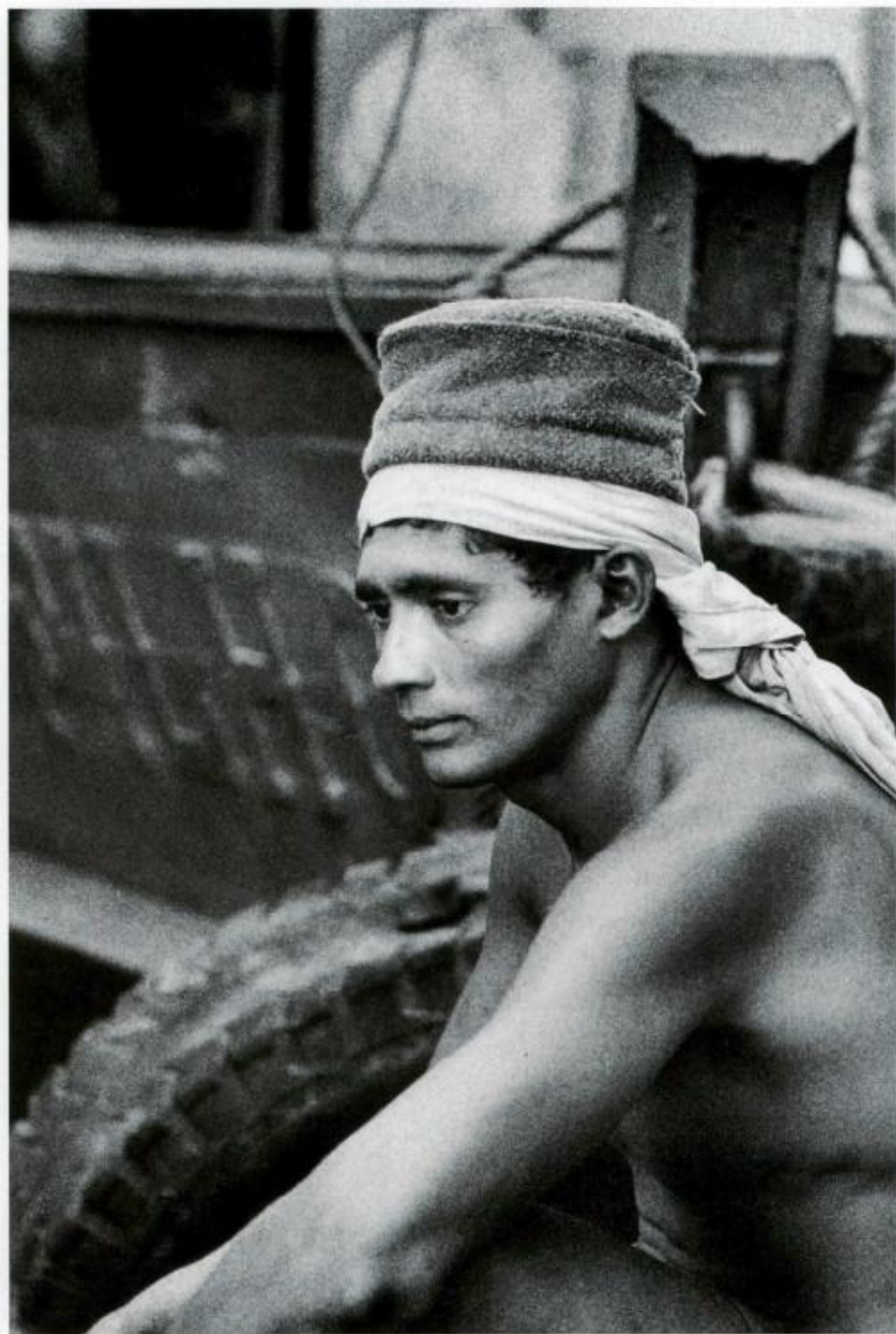




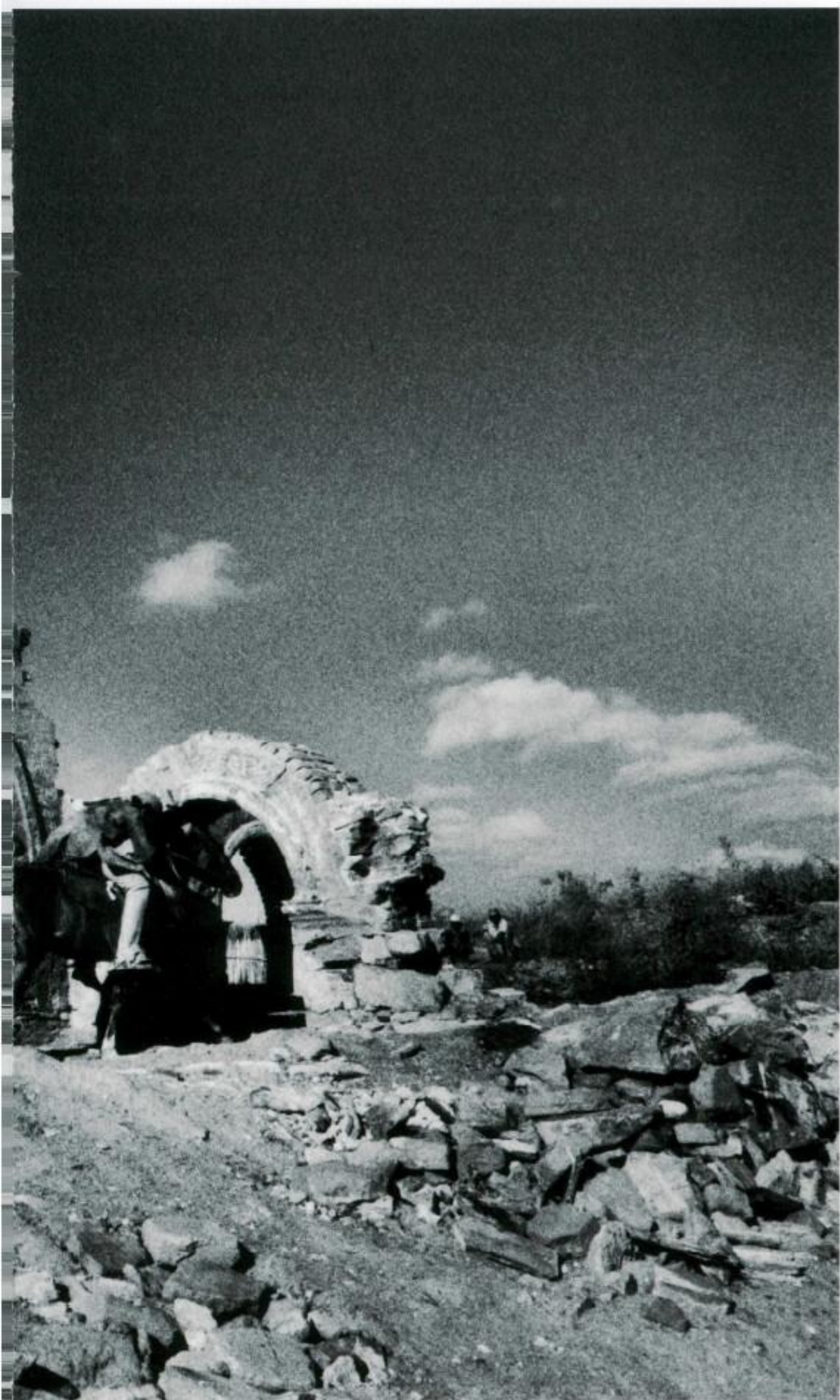












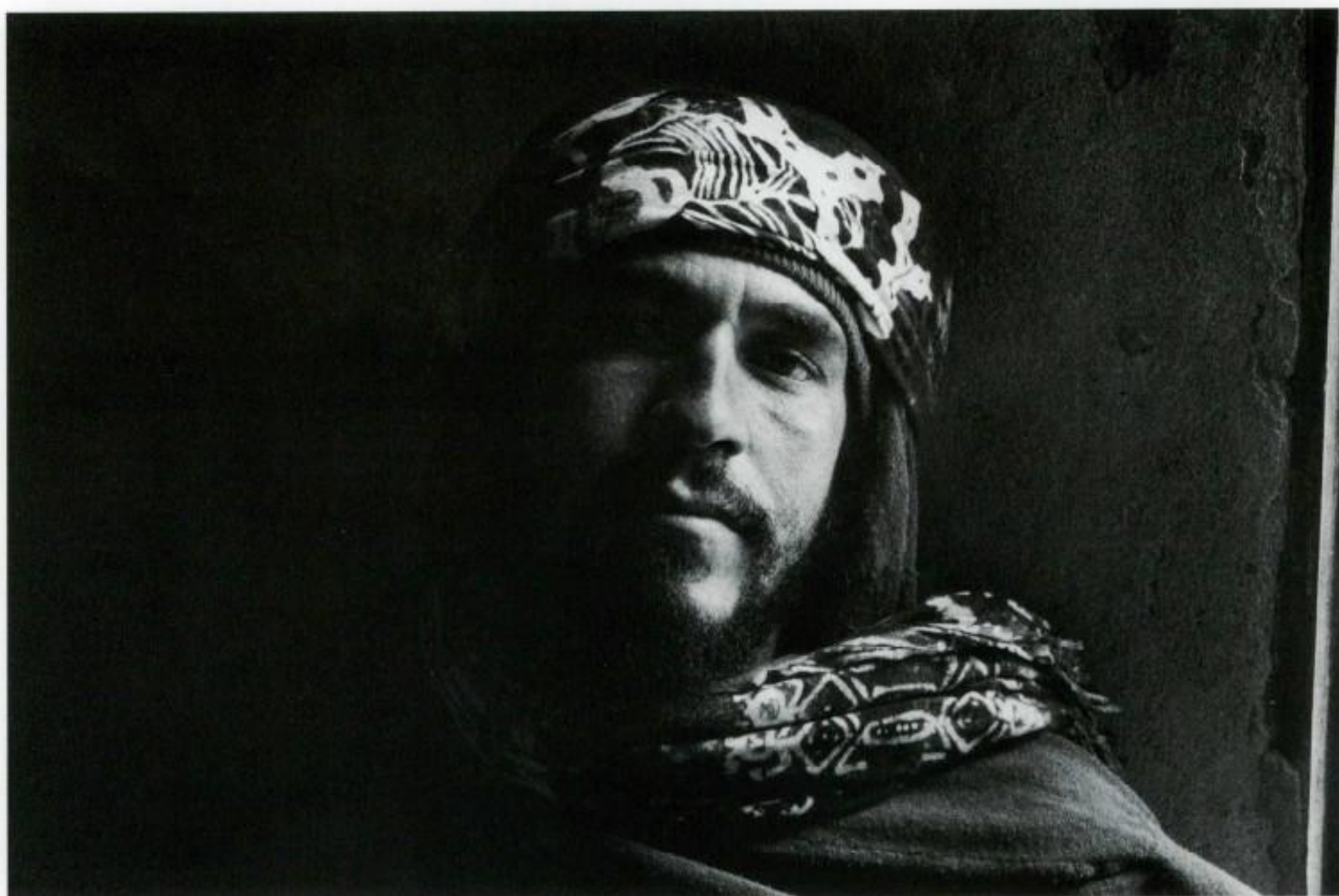




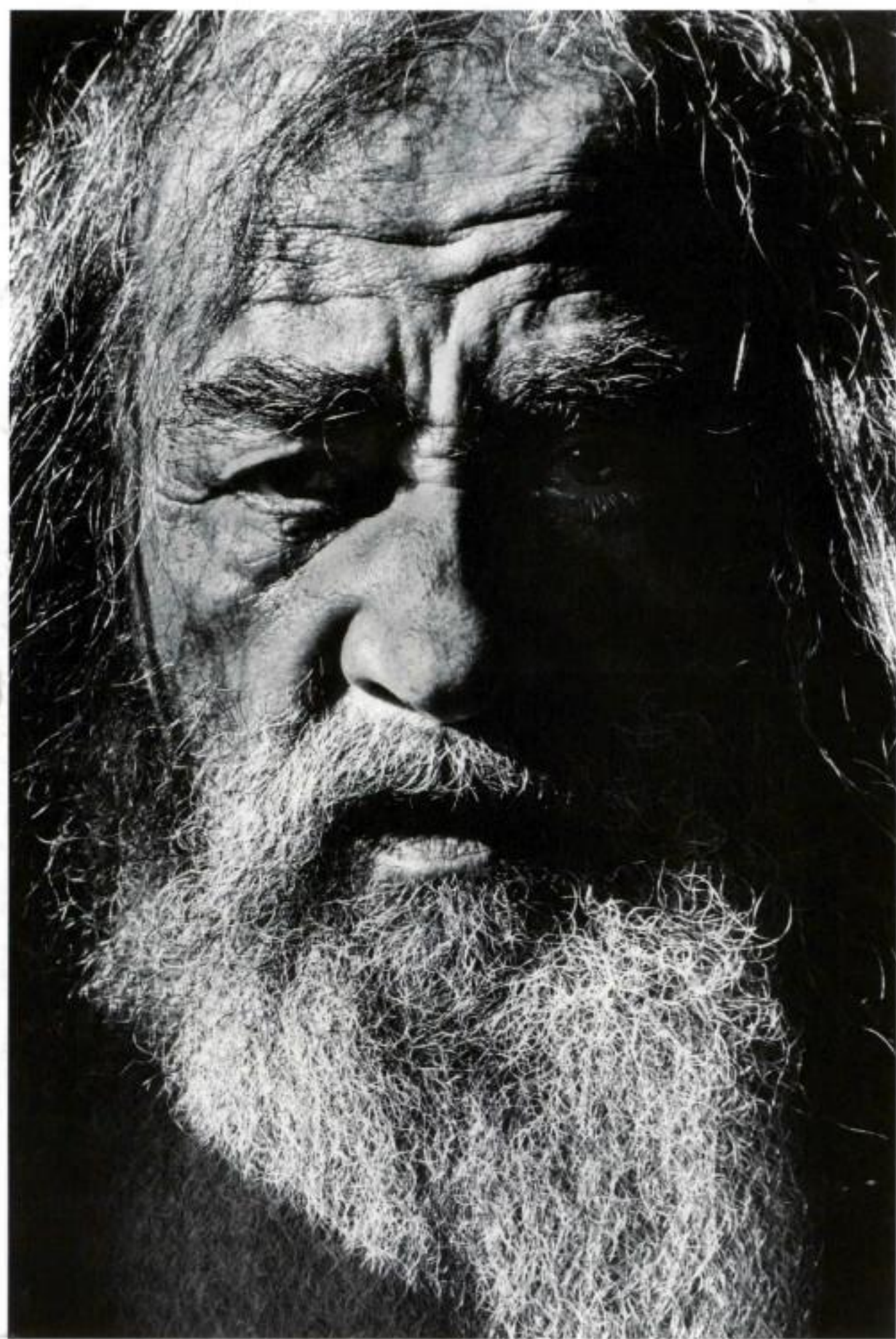


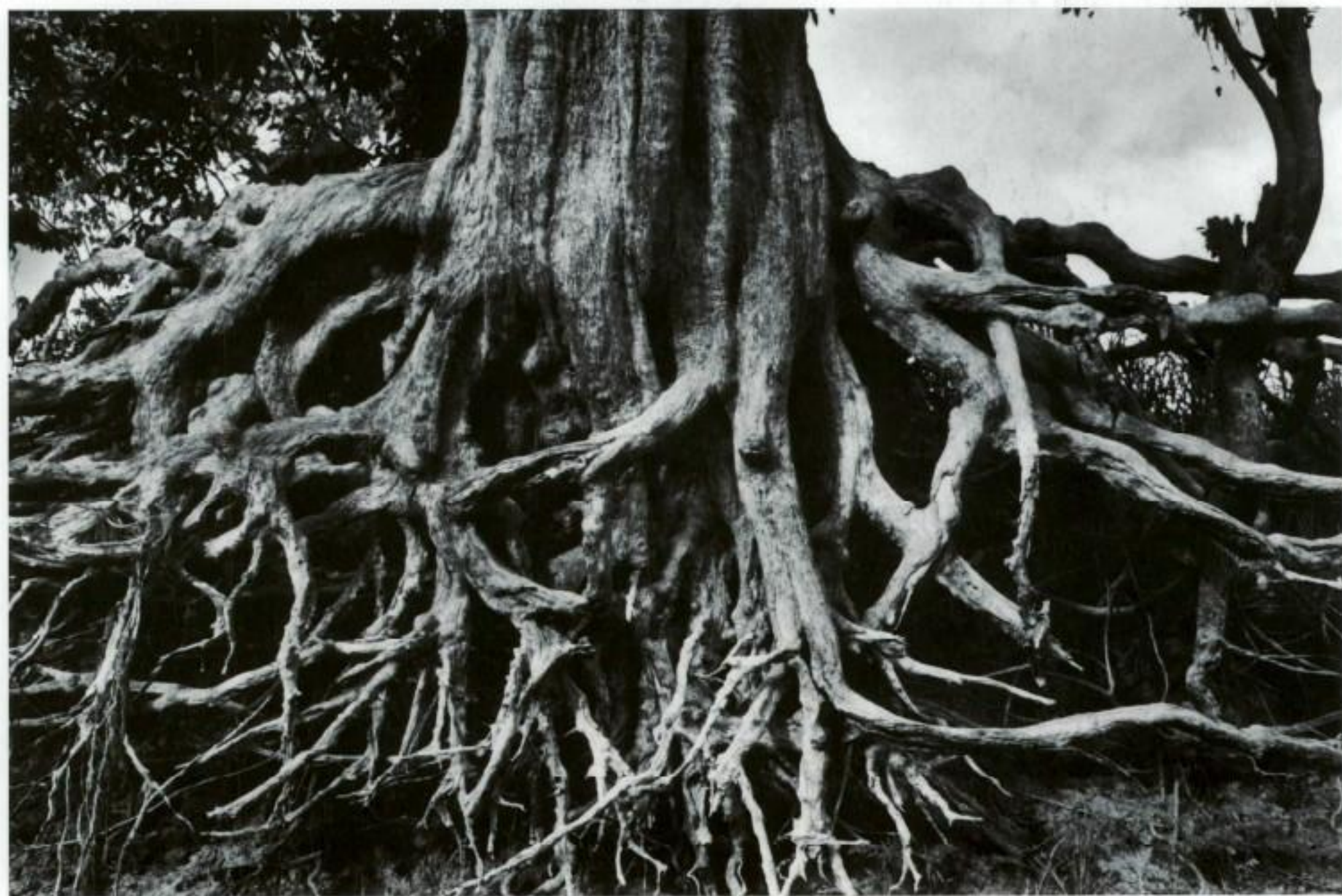






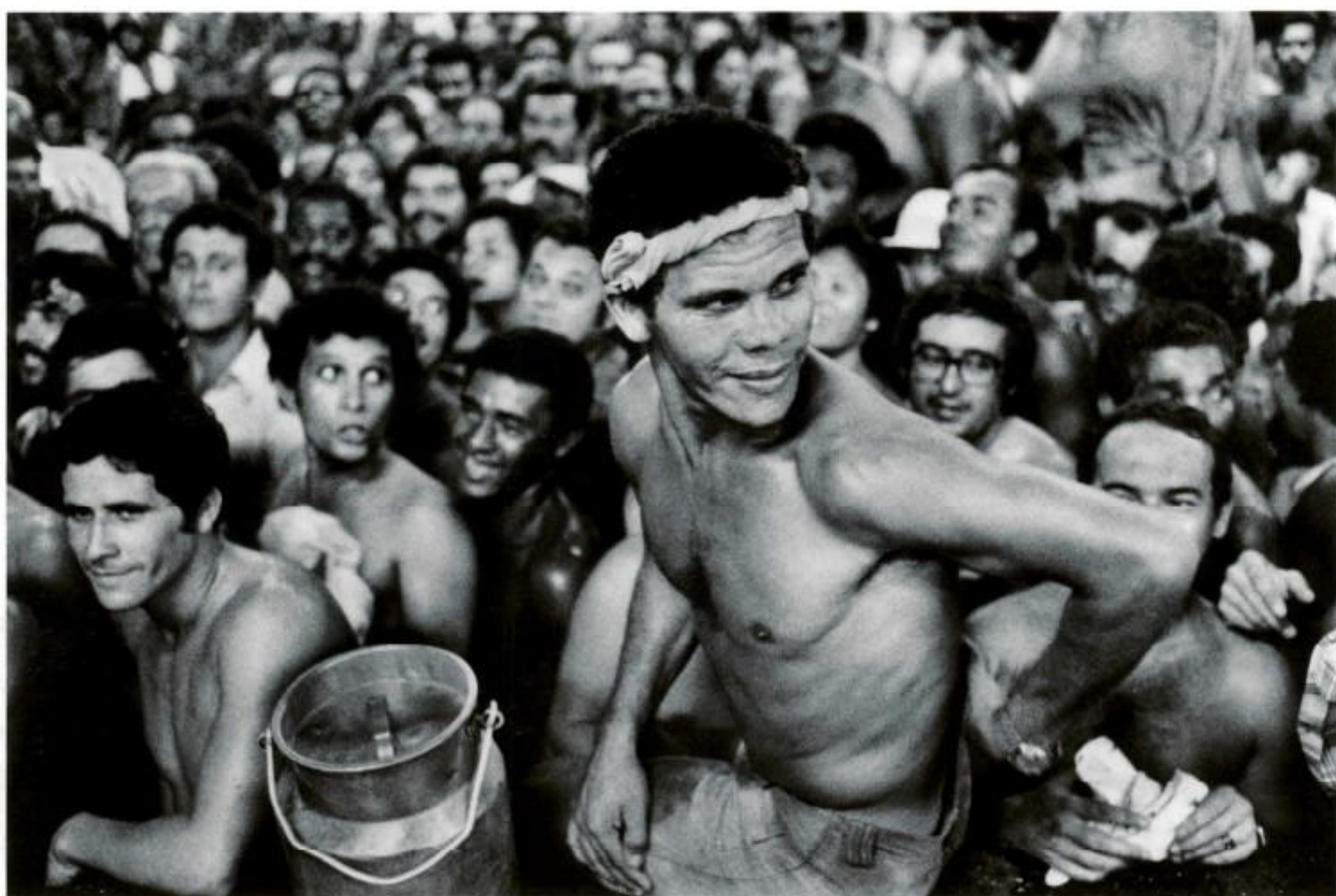


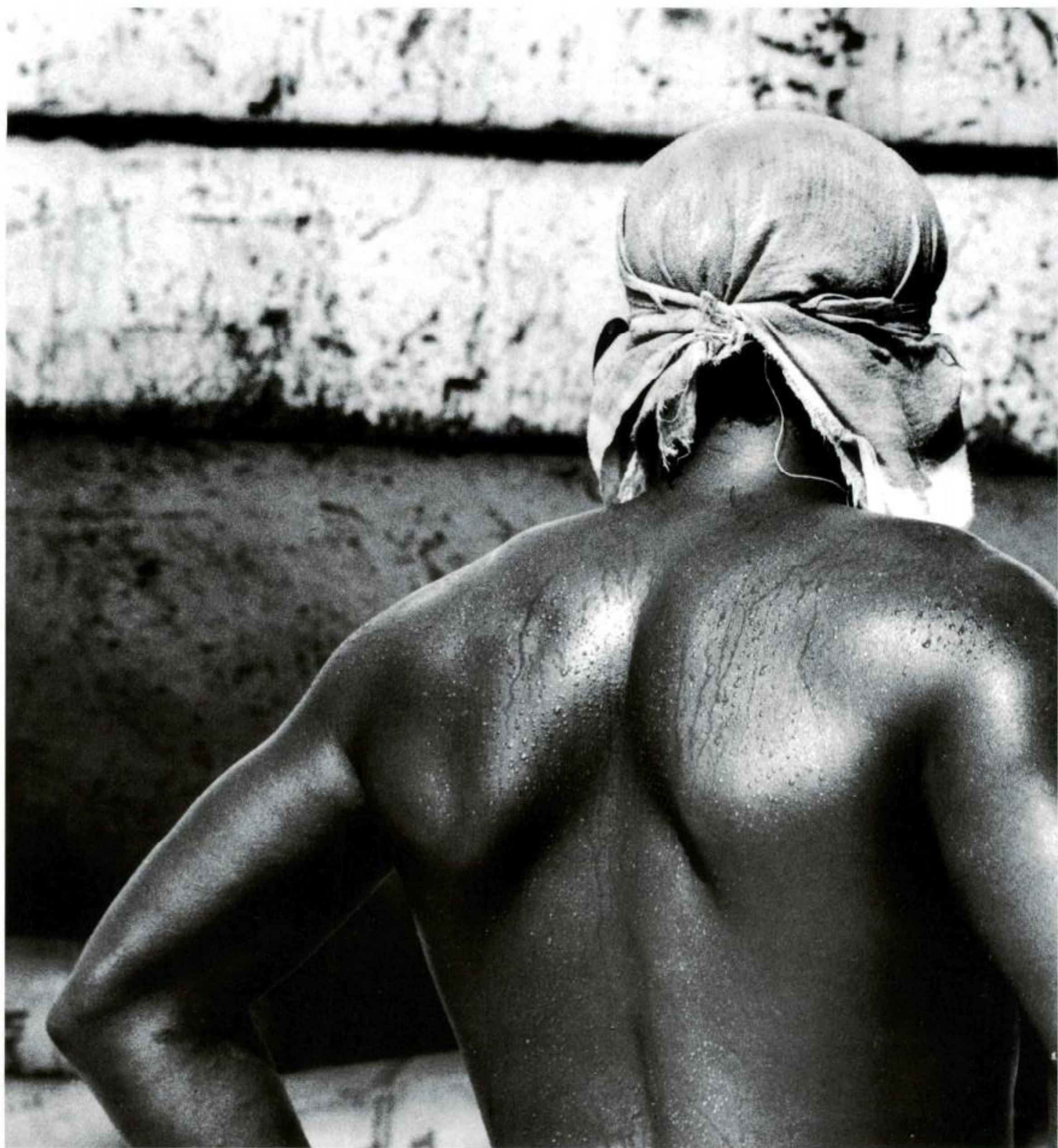
















Minha predileção consiste em ver, porque somente vendo pode um homem obter o conhecimento.

Don Juan, o místico yaqui de Carlos Castañeda

I have a predilection for seeing, for only by seeing can a man attain knowledge.

Don Juan, the Yaqui mystic of Carlos Castañeda's books



A MIRA E O ALVO O verdadeiro fotógrafo da natureza, como de resto qualquer fotógrafo, deve escolher o caminho com o coração e nele viajar incansavelmente, contemplando como pessoa inteira tudo o que é vivo. Absolutamente íntegro, sem propósito a alcançar, sem submissão a regras e fórmulas, sem necessidade de parecer brilhante ou original. Só assim, autêntico e livre, pode captar o espírito criador em movimento e criar coisas belas. Aquele que mergulha na viagem do ver tem que estar sempre com as portas da percepção abertas. Sabe que, diante do eterno, precisa esquecer a si próprio. A criação é o que importa, gesto fundamental, caminho de conhecimento, poderosa arma de encontrar o mundo. O ato criativo é contínuo e sem fim. A prática sempre renovada de contemplar humaniza a visão, anula verdades, permite a inventividade, realça o eu interior. A recompensa é a experimentação mística do encontro com a beleza. O fotógrafo sente, nesse momento fugaz, algo parecido com o satori zen-budista, um momento de revelação, um indefinido e maravilhoso prazer. Nessa respeitosa relação consigo mesmo, o fotógrafo cria algo de original e significativo, com espontaneidade e fluência. O observador se confunde com a coisa observada, o vazio se instaura. O que estava contido volta a pulsar, o que antes era pressentimento agora é realização. A pureza de seu diálogo lhe diz que, na verdade, por mais fotos que faça, por mais poeira que tire dos olhos, continuará andando solitário com sua câmera. Mas ele também sabe que está aprendendo outra arte bem maior: a arte de não ser coisa alguma, de não ser mais que o nada, de dissolver a si próprio no vazio entre o céu e a terra.

THE AIM AND THE TARGET The true photographer of nature – in fact, any photographer – must choose his way following his own heart and then keep to it untiringly, seeing as a whole person everything that is alive. He must be utterly righteous, without harboring any designs, without submitting to any rules or formulae, without the need to look bright or original. Only then, as an authentic and free being, he will be able to capture the creative spirit in motion and to cast beautiful things. Those that set out on the eye's journey must always keep the doors of perception wide open. They know that, in face of the eternal, they have to forget themselves. What matters is creation, that essential gesture, that road to knowledge, a powerful resource for discovering the world. The creative act is continuous and endless. The practice of seeing, a practice always renewed, humanizes vision, cancels accepted truths, allows for inventiveness, heightens the inner self. The reward is the mystical experience of meeting beauty. At that fleeting moment, the photographer feels something akin to the Zen Buddhist concept of satori, an instant of revelation, an ineffable, wonderful delight. In this respectful relation with himself, the photographer creates, both spontaneously and fluently, something original and significant. The viewer merges with what he sees, and the void settles in. What previously was contained pulsates again, and what was only a foreboding is fulfilled. The purity of this communion implies to him that, no matter how many photos he takes, no matter how much dust he removes from his eyes, he will keep wandering alone with his camera. But he also know he is learning a much greater art: the art of being nothing, of dissolving himself in the void between earth and heaven.

Araquém Alcântara



P. 2-3
Colheireiro, Ilha do Caju, Piauí
A roseate spoonbill, Caju Island, Piauí



P. 4a
Gato-palheiro, Serra da Canastra, Minas Gerais
A wildcat, Serra da Canastra, Minas Gerais



P. 8
Pantanal de Paiguás, Mato Grosso do Sul
Pantanal de Paiguás, Mato Grosso do Sul



P. 13a (foto/photo Marcos Blau)
As botas do fotógrafo, Pico da Neblina, Amazonas
The photographer's boots, Pico da Neblina, Amazonas



P. 13b (foto/photo Izan Petterle)
O fotógrafo no Parque Nacional da Serra das Confusões, Piauí
The photographer in the Serra das Confusões National Park, Piauí



P. 13c (foto/photo Renato Grimm)
No Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul
In the Lagoa do Peixe National Park, Rio Grande do Sul



P. 13d (foto/photo Marcos Blau)
Araquém no cume do Pico da Neblina, Amazonas
Araquém at the top of the Pico da Neblina, Amazonas



P. 13e (foto/photo Marcos Blau)
Na cachoeira do Anta, Serra do Aracá, Amazonas
At the Anta Waterfall, Serra do Aracá, Amazonas



P. 17a
Ararajuba, Rio Curuá, Pará
A golden parakeet, Curuá River, Pará



P. 17b
Colheireiro, Ilha dos Lençóis, Maranhão
A roseate spoonbill, Lençóis Island, Maranhão



P. 20
Ninhai de biguás e biguatingas, Rio Baú, Pará
Nests of cormorants and snakebirds, Baú River, Pará



P. 29
Onça-pintada, Igarapé de Manacapuru, Amazonas
A jaguar, Igarapé de Manacapuru (a bayou), Amazonas



P. 30-1
Lavadeira e falésia, Morro Branco, Ceará
A washerwoman by a sea cliff, Morro Branco, Ceará



P. 32
Guarás, Ilha do Caju, Piauí
Scarlet ibis, Caju Island, Piauí



P. 33
Mascarados, Pirinópolis, Goiás
Masked dancers, Pirinópolis, Goiás



P. 34-5
Índios pancararés. Raso da Catarina,
Bahia
Pancararé Indians. Raso da Catarina,
Bahia



P. 37
Carnaval. Rio de Contas, Chapada
Diamantina, Bahia
Carnival. Rio de Contas, Chapada
Diamantina, Bahia



P. 38-9
Ninhal de biguás. Parque Nacional do
Pantanal Mato-Grossense,
Mato Grosso
Nests of cormorants. Pantanal Mato-
Grossense National Park, Mato Grosso



P. 40
Gato-palheiro. Serra da Canastra,
Minas Gerais
A wildcat. Serra da Canastra, Minas
Gerais



P. 41
Índios tarianos. Amazonas
Tariano Indians. Amazonas



P. 43
Dormitório de biguás e biguatingas.
Parque Nacional do Pantanal Mato-
Grossense, Mato Grosso
Nests of cormorants and snakebirds.
Pantanal Mato-Grossense National Park,
Mato Grosso



P. 44
Cachoeira da Pedra Calda,
Carolina, Maranhão
Pedra Calda Waterfall,
Carolina, Maranhão



P. 45
Rio Fumaça. Chapada Diamantina,
Bahia
Fumaça River. Chapada Diamantina,
Bahia



P. 47
Jacaré-de-papo-amarelo. Pantanal do
Mato Grosso
A broad-nosed cayman. Pantanal of Mato
Grosso



P. 48-9
Tiradentes, Minas Gerais
Tiradentes, Minas Gerais



P. 50
São Raimundo Nonato, Piauí
São Raimundo Nonato, Piauí



P. 51
Borracheiro. Sertão do Piauí
A tire repairman. Backlands of Piauí



P. 52-3
Falésia. Barra do Cahi, Bahia
A sea cliff. Barra do Cahi, Bahia



P. 55
Gavião-pe-de-serra.
Chapada Diamantina, Bahia
A hawk. Chapada Diamantina, Bahia



P. 56
Cascata das Posses.
Serra da Bocaina, São Paulo
Posses Cascade. Serra da Bocaina,
São Paulo State



P. 57
Rio São Francisco, Bahia
São Francisco River, Bahia



P. 58-9
Detalhe da praia da Ilha dos Lençóis,
Reentrâncias Maranhenses, Maranhão
Lençóis Island Beach, A detail
Reentrâncias Maranhenses, Maranhão



P. 60
Rio Negro, Amazonas
Negro River, Amazonas



P. 61
Parque Nacional Marinho de
Abrolhos, Bahia
Abrolhos National Park, Bahia



P. 62-3
Reentrâncias Maranhenses, Maranhão
Reentrâncias Maranhenses, Maranhão



P. 65
Lençóis Maranhenses, Maranhão
Lençóis Maranhenses, Maranhão



P. 66-7
Pescadores, Praia de Jericoacara,
Ceará
Fishermen, Jericoacara Beach, Ceará



P. 68
Pescador, Barra do Sirinhaém,
Pernambuco
A fisherman, Barra do Sirinhaém,
Pernambuco



P. 70-1
Pantanal da Serra do Amolar, Mato
Grosso
Pantanal of the Serra do Amolar, Mato
Grosso



P. 72
Borboleta, Parque Nacional de Pacaás
Novos, Rondônia
A butterfly, Pacaás Novos National Park,
Rondônia



P. 73
Iguana, Parque Nacional de Sete
Cidades, Piauí
An iguana, Sete Cidades National Park,
Piauí



P. 74
Cachoeira do Sossego, Chapada
Diamantina, Bahia
Sossego Waterfall, Chapada Diamantina,
Bahia



P. 75
Cervo do Pantanal, Nhecolândia, Mato
Grosso do Sul
A Pantanal deer, Nhecolândia, Mato
Grosso do Sul



P. 76-7
Pantanal de Paraguará, Mato Grosso do
Sul
Pantanal de Paraguará, Mato Grosso do
Sul



P. 78
Gravelas, Gerais do Rio Preto,
Chapada Diamantina, Bahia
Gravelas, Gerais do Rio Preto,
Chapada Diamantina, Bahia



P. 79
Arco-Íris, Coité, Chapada
Diamantina, Bahia
A rainbow, Coité, Chapada Diamantina,
Bahia



P. 80-1
Cachoeira da Fumaça, Chapada
Diamantina, Bahia
Fumaça Waterfall, Chapada Diamantina,
Bahia



P. 82
Praia de Ponta Grossa, Ceará
Ponta Grossa Beach, Ceará



P. 84
Pedra do Pilão, Monte Alegre, Pará
Pedra do Pilão, Monte Alegre, Pará



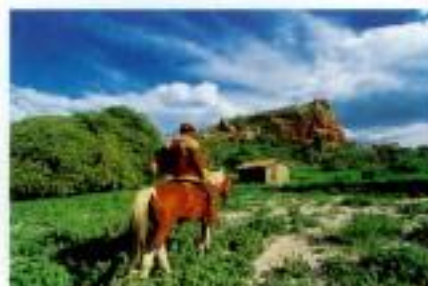
P. 85
Parque Nacional da Serra das
Confusões, Piauí
Serra das Confusões National Park, Piauí



P. 86
Cidade dos Deuses, Alenquer, Pará
Cidade dos Deuses ("The City of Gods"),
Alenquer, Pará



P. 87
Rio Fumaça, Chapada Diamantina,
Bahia
Fumaça River, Chapada Diamantina,
Bahia



P. 88
Vaqueiro, Vale do Catimbau, Bulque,
Pernambuco
A cowboy, Catimbau Valley, Bulque,
Pernambuco



P. 89
Pedra Redonda, Venturosa,
Pernambuco
Pedra Redonda ("The Round Rock"),
Venturosa, Pernambuco



P. 90-1
Rio Erepecuru, Pará
Erepecuru River, Pará



P. 92
Praia de Redondas, Ceará
Redondas Beach, Ceará



P. 93
Dunas, Nova Tatajuba, Ceará
Dunes, Nova Tatajuba, Ceará



P. 95
Parque Nacional dos Lençóis
Maranhenses, Maranhão
Lençóis Maranhenses National Park,
Maranhão



P. 96-7
Serra do Amolar, Pantanal do Mato
Grosso
Serra do Amolar, Pantanal of Mato
Grosso



P. 98
Jacaré-de-papo-amarelo, Pantanal de
Aquidauana, Mato Grosso do Sul
A broad-nosed cayman, Pantanal of
Aquidauana, Mato Grosso do Sul



P. 100
Beija-flor, Estação Ecológica Juréia-Itatins, São Paulo
A hummingbird, Juréia-Itatins Ecological Station, São Paulo State



P. 101
Cachoeira das Esmeraldas, Serra da Bocaina, São Paulo
Esmeraldas Waterfall, Serra da Bocaina, São Paulo State



P. 102
Cachoeira, Alenquer, Pará
A waterfall, Alenquer, Pará



P. 103
Galo-da-serra, Presidente Figueiredo, Amazonas
Cock-of-the-rock, Presidente Figueiredo, Amazonas



P. 104-5
Rio Curuá, Pará
Curuá River, Pará



P. 106-7
Vaqueiro, Raso da Catarina, Bahia
A cowboy, Raso da Catarina, Bahia



P. 108
Orvalho, Parque Nacional de Itatiaia, Rio de Janeiro
Dew, Itatiaia National Park, Rio de Janeiro



P. 109
Cachoeirão do Pati, Chapada Diamantina, Bahia
Cachoeirão do Pati, Chapada Diamantina, Bahia



P. 110-1
Praia de Galinhos, Rio Grande do Norte
Galinhos Beach, Rio Grande do Norte



P. 112
Nascente do rio Baía Bonita, Bonito, Mato Grosso do Sul
Headwaters of the Baía Bonita River, Bonito, Mato Grosso do Sul



P. 112
Poço Azul, Nobres, Mato Grosso
Poço Azul ("The Blue Well"), Nobres, Mato Grosso



P. 114-5
Caboclo de lança do maracatu rural, Pernambuco
A merry-maker at the maracatu rural (a countryside Carnival), Pernambuco



P. 116
Caboclos de lança do maracatu rural, Carpina, Pernambuco
Merry-makers at the maracatu rural (a countryside Carnival), Carpina, Pernambuco



P. 117
Arara-vermelha, Rio Baú, Pará
A scarlet macaw, Baú River, Pará



P. 118-9
Apurinã e Yabói, índios pataxós, Coroa Vermelha, Bahia
Apurinã and Yabói, Patashô Indians, Coroa Vermelha, Bahia



P. 121a
Dique de Sambaletuba. São Vicente,
São Paulo
Sambaletuba Dyke. São Vicente, São
Paulo State



P. 123
Seu Manoel Alcântara. Reserva
ecológica da Juréia, São Paulo
Seu Manoel Alcântara. Ecological reserve
of Juréia, São Paulo State



P. 124a (foto/photo Hsu Ming Jen)
O fotógrafo no rio Serrano, Chapada
Diamantina, Bahia
The photographer by the Serrano River,
Chapada Diamantina, Bahia



P. 124b (foto/photo Marcos Blau)
No pico da Neblina, Amazonas
At the top of the Pico da Neblina,
Amazonas



P. 124c (foto/photo Edu Azevedo)
Araquem com seus guias, Van e
Clayton. Chapada Diamantina, Bahia
Araquem with the guides Van and
Clayton. Chapada Diamantina, Bahia



P. 124d (foto/photo Izan Petterle)
Na Chapada dos Guimarães,
Mato Grosso
in the Chapada dos Guimarães,
Mato Grosso



P. 124e (foto/photo Marcos Blau)
Na Floresta Amazônica, Amazonas
In the Amazon Forest, Amazonas



P. 127
Chapada Diamantina, Bahia
Chapada Diamantina, Bahia



P. 128-9
Catraia no cais. Santos, São Paulo
A boat at the pier. Santos, São Paulo State



P. 131
Maré alta. Santos, São Paulo
The high tide. Santos, São Paulo State



P. 132-3
Seu Dipirona, catador de piaçaba.
Aldeia Ucuqui, Barcelos, Amazonas
Seu Dipirona, a piassava gatherer. Ucuqui
village, Barcelos, Amazonas



P. 134
Seu Adenor. Alto Trombetas, Pará
Seu Adenor. Upper Trombetas, Pará



P. 135
Vendedora de flores. Bairro da
Liberdade, São Paulo
Selling flowers. Liberdade district, São
Paulo City



P. 136-7
Dona Josefa. Canudos, Bahia
Dona Josefa. Canudos, Bahia



P. 138
Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais
Jequitinhonha Valley, Minas Gerais



P. 139
Seu Eduardo. Cachoeirão, Vale do Pati, Chapada Diamantina, Bahia
Seu Eduardo. Cachoeirão, Pati Valley, Chapada Diamantina, Bahia



P. 140
Seu João Coresma. Rio Grande, Chapada Diamantina, Bahia
Seu João Coresma. Rio Grande, Chapada Diamantina, Bahia



P. 141
Catraieiro no cais. Santos, São Paulo
A boatman at the pier. Santos, São Paulo State



P. 142
Barcelos, Amazonas
Barcelos, Amazonas



P. 144
Mulher carregando panelas. Santos, São Paulo
A woman carrying pots. Santos, São Paulo State



P. 145
Forno de dona Jurema, Vale do Pati, Chapada Diamantina, Bahia
Dona Jurema's oven. Pati Valley, Chapada Diamantina, Bahia



P. 146
Rio Trombetas, Pará
Trombetas River, Pará



P. 147
Dona Maria forneando farinha. Ilha do Superagui, Paraná
Dona Maria in the process of preparing manioc root flour. Superagui Island, Paraná



P. 148-9
Rio Trombetas, Pará
Trombetas River, Pará



P. 150
Trabalhadores no cais. Santos, São Paulo
Workers at the pier, Santos, São Paulo State



P. 151
Caboclos. Rio Negro, Amazonas
Backwoodsmen, Negro River, Amazonas



P. 152-3
Favela de Pouca Farinha. Guarujá, São Paulo
Pouca Farinha Shantytown, Guarujá, São Paulo State



P. 154-5
Criança guarani. Aldeia Promirim, Ubatuba, São Paulo
A Guarani Indian kid. Promirim village, Ubatuba, São Paulo State



P. 156
Lagoas e dunas. Lençóis Maranhenses, Maranhão
Lagoons and dunes. Lençóis Maranhenses, Maranhão



P. 157
Santos, São Paulo
Santos, São Paulo State



P. 159
Carregador no cais. Manaus,
Amazonas
Stevedore at the river pier, Manaus,
Amazonas



P. 160-1
Cavaleiro. Ruínas de Canudos, Bahia
A horseman. The ruins of Canudos, Bahia



P. 162
Navio no estuário. Santos, São Paulo
A ship at the estuary. Santos, São Paulo
State



P. 163
Estivadores no cais. Santos, São Paulo
Stevedores at the pier. Santos, São Paulo
State



P. 164-5
Monte Alegre, Pará
Monte Alegre, Pará



P. 166
Cais. Santos, São Paulo
Pier. Santos, São Paulo State



P. 167
O guia Joás. Chapada Diamantina,
Bahia
The guide Joás. Chapada Diamantina,
Bahia



P. 168
Rio Erepecuru, Amazonas
Erepecuru River, Amazonas



P. 170
Seu Manoel Alcântara
Seu Manoel Alcântara



P. 171
Raízes. Silêncio do Matá-Matá,
Amazonas
Tree roots. Silêncio do Matá-Matá,
Amazonas



P. 172-3
Cais. Santos, São Paulo
The pier. Santos, São Paulo State



P. 174
Estivadores no cais. Santos, São Paulo
Stevedores at the pier. Santos, São Paulo
State



P. 176-7
Estivador no cais. Santos, São Paulo
An stevedore at the pier. Santos, São
Paulo State



P. 178
Maria de Aleluia. Dique de
Sambaiatuba, São Vicente, São Paulo
Maria de Aleluia ("Halleluja Mary"), Dique
de Sambaiatuba, São Vicente, São Paulo
State

AGRADECIMENTOS/ACKNOWLEDGEMENTS

Adalberto Eberhard, Alcino da Pousada, Aline Azevedo, Amazon Eco Park, Anael de Souza, André Fontany, André Pessoa, Ângelo de Lima Francisco, Aniceto Martins Cordeiro, Antonio Paulo Pavone, Belinda, Bernardo Frau, Bruce Nelson, Calil Neto, Carlos Armiato Antônio, Carlos Martins, Carlos Rangel, César Coimbra, Charles Frazão, Cláudia Pompeu, Companhia das Letras, Daniela Bergamini, David dos Santos Júnior, David Israel, Divino Umberto dos Santos, Eder Chiodeto, Edmar Nogueira da Costa, Eduardo Azevedo, Eduardo Melão, Edvaldo de Manaus, Elias Martins, Ellen Ritta Honorato, Eurides Moraes dos Santos, Evandro Tognelli, Ezio Borba, família de Darcy Ribeiro, Francisco José Palhares, Fred Cruz, Gasparino, Genário Peixoto, Gilson Melo Oliveira, Guadalupe Vivekananda, Hamilton Nobre Casara, Haroldo Tavares, Herivelto da Silva, Ingrid Meyer Clark, Israel Valigora, Ivo dos Santos, Izari Peterle, Jacob Ronaldo Kuffner, Jayth Chaves Filho, João do Carmo de Oliveira Jesus, João e André Murano, João Meirelles Filho, João Odolfo, Joás Brandão, Johnny Sena, Jorge Belford, Jorge Muradi, José Guilherme Bastos Padilha, José Marcio Ayres, José Pedro de Oliveira Costa, José Ribamar Caldas Lima Filho, José Sales de Souza, José Tocantins dos Santos, José Zuquim, Joseli de Macedo Bezerra, Josué, Juarez Vieira dos Santos, Kátia Lima, Leandro de Souza Filho, Leilton, Lenita Alves de Toledo, Leticia Brandão, Luciana Rangel, Luís Barcelar, Guerreiro Junior, Luís Fernando Castro, Luís Fernando Martini, Luiz Gataz Maluf, Luiz Martins Gonçalves, Marcelo Pacheco, Marco Antonio de Oliveira Santos, Mario Timiraes, Milton Schmidt de Castro, Neide e Odete, Niele Bezerra, Noede Senna Léles, Norberto Neves de Souza, Otávio Rodrigues, Paulo Queiroz, Pousada Caimã, Raimundo Nonato da Silva, Regina Feijó, Regina Grossi, Renato Grim, Reynier Romena, Riba Correa, Ribamar de Aiaú, Rita de Alcântara, Ricardo Borges Ferrão, Ricardo Ditchun, Robério Braga, Roberto Bulbol, Roberto Leme Klabin, Roberto Mourão, Robson Guimarães, Robson Oliveira, Rogério Botasso, Rogério Cunha de Paula, Rogério dos Santos Pereira Braga, Ronaldo e Noel, Ronaldo Moraes, Rosalia Gudim, Sebastião de Souza e Silva, Traíra, Ulisses e Vânia, Vagner de Lima Moreira, Walter Firmo, Walter Lincoln Ribeiro. Guias/Guides: Adão, Braço, Branco, Cabeludo, Chiquinho, Clayton, Galdino, Itamar, Joás Brandão, Luanga, Manga, Micinho, Piaba, Terra, Van, Zóio.

APOIO/BACKING

Ambiental Viagens e Expedições

ARQMO, Associação dos Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná

Aiaú Amazon Towers

Ecotrópica, Fundação de Apoio a Vida nos Trópicos

Governo do Estado do Amazonas

Governo do Estado do Maranhão

Ibama, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis

Kodak Professional

Ministério do Meio Ambiente

Prefeituras das cidades de Barcelos, Oriximiná, Óbidos e São Gabriel da Cachoeira, Amazonas

Secretaria de Cultura e Turismo do Estado do Amazonas

Venturas e Aventuras

As fotografias deste livro foram feitas com as câmeras Leica R6-2, Nikon F-5 e N90S.

As ampliações em preto-e-branco foram feitas por Silvio Pinhatti e Rosângela Andrade; os cromos foram revelados pela Positivo Fotolab. As imagens do livro não sofreram manipulação digital ou laboratorial. Os únicos filtros utilizados foram o skylight, o polarizador e o verde-amarelo.

The photos in this book were taken with Leica R6-2, Nikon F-5 and N90S cameras.

The black-and-white enlargements were made by Silvio Pinhatti and Rosângela Andrade; the transparencies were developed by Positivo Fotolab. The photos in this book were submitted to no computer or laboratory manipulation. The only filters used were skylight, polarizing and yellow-green ones.

araquem@fractal.com.br

www.araquem.com.br

EDITOR/PUBLISHER

Alexandre Dórea Ribeiro

CONCEPÇÃO EDITORIAL/CONCEPT

Araquém Alcântara

EDITORA EXECUTIVA/CHIEF EDITOR

Adriana Amback

DESIGN/GRAPHIC DESIGN

Flávia Carvalho Pinto Sarno

ASSISTENTES DE FOTOGRAFIA/PHOTOGRAPHIC ASSISTANTS

Andréa D'Amato

Edu Azevedo

Leandro de Souza Filho

ASSISTENTE EDITORIAL/ASSISTANT EDITOR

Tatiana Cyro Costa

MAPA/MAP

Luís Fernando Martini

TRADUÇÃO PARA O INGLÊS/ENGLISH TRANSLATION

Stuart Birkinshaw

Mário Vilela

Margaret Cintra (texto da Cargill/Cargill text)

REVISÃO DE TEXTO/PROOFREADING

Norma Marinheiro

PRODUÇÃO GRÁFICA/PRODUCTION

Flávia Carvalho Pinto Sarno

Shadow Design

FOTOLITO/FILMS

Bureau Bandeirantes

IMPRESSÃO/PRINTING

Hamburg Donnelly Gráfica Editora

Copyright © 2000 desta edição DBA Dórea Books and Art
Copyright © 2000 das fotografias Araquém Alcântara

This edition Copyright © 2000 by DBA Dórea Books and Art
Photographs Copyright © 2000 by Araquém Alcântara

O excerto de *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, © 1995 by Darcy Ribeiro, foi reimpresso com permissão da família do autor e da Editora Schwarcz.

Excerpt from *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, © 1995 by Darcy Ribeiro, is reprinted by permission of the author's family and Editora Schwarcz.

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

All rights reserved. Without the express permission of the publishers, any and all reproduction of this edition in any manner or form, either electronic or mechanical, photocopy, recording of any other means of reproduction, is strictly forbidden.

Este livro contou com o apoio da Cargill em sua primeira edição
The first edition of this book had the backing of Cargill



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brasil Iluminado / [fotos] Araquém Alcântara; textos Otávio Rodrigues, Walter Firmo. - São Paulo : DBA Artes Gráficas, 2000.

ISBN 85-7234-187-0

1. Fotografias - Brasil 2. Brasil - Descrição I. Alcântara, Araquém, 1956-. II. Rodrigues Otávio. III. Firmo, Walter.

00-1379

CDD-779.9981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Fotografias : Coleções 779.9981

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

DBA Dórea Books and Art
al. Franca, 1185 cj. 31/32
cep 01422-010 São Paulo SP Brasil
tel.: 852 1643
fax: 280 3361
e-mail: dbabooks@uol.com.br